ENTREVISTÃO DUPLO: JOHN TAYLOR (DURAN DURAN) e SIGUE SIGUE SPUTNIK

EDITORA ABRIL

N.º 11
JUNHO 1986
Cz$ 20,00

BIZZ

Rock & Quadrinhos Scans

PROMOÇÃO
1.000 LPs!

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 26,00 - 5561

SADE
DEUSA OU SEMIDEUSA?

PRINCE
DE FILME NOVO

THE CULT
A NOVA PAULEIRA

ROLLING STONES
À BEIRA DO FIM

+ JESUS & MARY CHAIN
LED ZEPPELIN
SIMPLE MINDS
INOCENTES

POSTER

THE CURE

PARALAMAS DO SUCESSO
APRESENTAM SUAS ARMAS

NOVO LP

OS PARALAMAS DO SUCESSO

DISCO DE OURO NA 1ª SEMANA DE VENDAS

Babylon Niyamen Histha Rorki Muviro Makossa I&I Bandulu Mizik Umoaúb Caruá Jah Chimurenga Tonga Longa Mbaqanga Irey Bolgâni Zumbi Yemanjá Fuji I-tal Umoana Cepoti Tapiá

Nharô Juju Niyamen Mambo Lamb Lamb Ac Bc Dunsa Jive Aipim Nhiã Apépuéra Kala Metarzan Youjane Kazou Boku Moku Upirocá Oiiê Tipoti Makossa Ganja Horti Kilonga

Rub a dub Yo-pop Çaruaia Zouk Tantor Tonga Bonga Rasta fari Axé Écha Biko Sabor Jive Técócatú Caraiba Gambo Tô

Sou kous Chalor cho! M'bonga Umoacanhemo Mon Jive Mutumutuca Soca Tupãberaba Bom Bom Tum Tum Krigh-ha Bandolo Brasil

SELVAGEM?

ALAGADOS
TEERÃ
A NOVIDADE
MELÔ DO MARINHEIRO
MARUJO DUB

SELVAGEM
A DAMA E O VAGABUNDO
THERE'S A PARTY
O HOMEM
VOCÊ

★ No K7 uma música adicional!

Ricardo Leite & Maurício Valladares

EMI

ODEON

JUNHO 86

BIZZ

Rock & Quadrinhos Scans

Foto Eva Joory

John Taylor (outra vez!?) bate um papo na pág. 35

[redacted] Confesso que nunca fui fã nem simpatizante dos **Paralamas.** Se isso pouco importa, agora a coisa muda de figura: eles tomaram uma nova direção que não é só corajosa e válida, como pretende implodir o abismo que separa o rock brasileiro da MPB, recuperando **Jorge Ben** e **Gilberto Gil** como inevitável matéria-prima para o futuro. Enfim, é pop brasileiro com cacife e embalo para ser lançado lá fora sem o menor risco de passar vergonha — o que não se pode dizer de muita, mas muita gente.

Responsável pela radiografia do parto dos Paralamas, **José Emilio Rondeau** aproveitou também para dar uma bicada nas diferenças que correm o risco de dar fim aos **Rolling Stones.** Enquanto isso, **Tom Leão** dá a ficha completa do **Cult** — o quarteto inglês que revive o hard rock dos anos 60 e tem conquistado um considerável batalhão de fãs também no Brasil.

Os **Inocentes** talvez sejam mais conhecidos pelo seu implacável punk rock (são um dos primeiros grupos daqui a levantar a bandeira), o que não deixa de ser uma boa razão para **Sônia Maia** colocar a questão a limpo. E, depois de nossa panorâmica sobre o rock gaúcho (BIZZ 5), chega a vez dos mineiros, em levantamento feito por **Arthur G. Couto Duarte.**

Esta edição traz uma novidade: o já tradicional "entrevistão" foi rachado ao meio para abrigar tendências opostas como o estraçalhador-de-corações do **Duran Duran, John Taylor,** e o guitarrista **Neal X,** do polêmico **Sigue Sigue Sputnik** — cujo disco está para sair em breve, com lançamento previsto para o Brasil.

No mais, muitos leitores têm escrito questionando o teor crítico da seção *Lançamentos*. Respondemos dizendo que é uma liberdade imprescindível para uma revista de música. Ninguém aqui pretende ser o dono da "verdade" e a *Bolsa de Discos* foi introduzida justamente para mostrar como a opinião varia de uma cabeça para outra. O importante é que vocês continuem escrevendo para a gente.

José Augusto Lemos

ESTE MÊS

24 PARALAMAS DO SUCESSO
A hora do pop com sotaque brasileiro > *José Emílio Rondeau*

28 SADE
O sucesso do bom gosto > *José Augusto Lemos*

30 ROLLING STONES
A briga Jagger versus Richards

46 THE CULT
Rock pesado ressurrecto > *Tom Leão*

48 O ROCK DE MINAS
O novo capítulo em nosso mapa musical > *Arthur G. Couto Duarte*

50 INOCENTES
Os pioneiros do punk brasileiro > *Sônia Maia*

TODO MÊS

6 SHOW BIZZ
Notas, notícias e boatos

11 PARADAS
Estados Unidos, Grã-Bretanha e a Parada do Leitor

14 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno

22 VÍDEO BIZZ
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

35 ENTREVISTA
John Taylor (Duran Duran) e *Neal X* (Sigue Sigue Sputnik)

44 HEAVY METAL
Um noticiário especial para o mundo da pauleira

52 AO VIVO
Alceu Valença, Telé & Naná, Jesus & Mary Chain

56 VISUAL CINEMA
O novo filme do *Prince, Under a Cherry Moon*

60 VISUAL CLIP
"Good Friends" de *Joni Mitchell*

62 PORÃO
The Pandoras, Shop Assistants, Lobotomia e *365*

64 LETRAS
Simple Minds, "Don't You (Forget About Me)"

66 MEU INSTRUMENTO
Arrigo Barnabé

68 AIR MAIL
Pepe Escobar continua passeando pelo globo

70 CARTAS E SERVIÇOS

72 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. *Physical Graffiti*, do *Led Zeppelin*

74 CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID
A colunista que veio para envenenar

Foto da capa Luis Crispino/ poster Claude Gassian

DCS

Basket - Special Line - Náutico - Couro - Lazer

Tênis tem sua ciência. E como tem
Por isso, o Centro de Pesquisa Olympikus passou tanto tempo estudando e desenvolvendo a mais completa e atualizada tecnologia.

Esta lona que você está vendo, foi selecionada depois de uma análise super rigorosa dos mais variados materiais.

Foi escolhida a lona mais resistente durável, que não estica nem um milímetro e não encolhe nunca.

Área de alta tecnologia.

O solado é todo feito em látex puro vulcanizado pelo sistema auto clave, o que dá uma incrível resistência e muitos anos de vida para o seu tênis.

O estilo Olympikus também não foi criado da noite para o dia.

O design e as cores acompanham as tendências e as mil variações da moda. Combinam com tudo.

Mas Olympikus não é um tênis igual a todos os outros. Ele tem sua própria personalidade. É diferente. Bonito. Moderno.

Além das linhas Basket e Náutico, em lona, você vai encontrar outros modelos Olympikus em couro.

Em cada um, a mesma preocupação com a qualidade, o mesmo cuidado com o acabamento nos pequenos detalhes.

É hora de avançar.

Dê dois passos à frente com a tecnologia Olympikus.

Palmilha removível. Extra soft. Exclusividade Olympikus. Desenvolvida pelo Centro de Pesquisa Olympikus.

OLYMPIKUS

Tecnologia e emoção

Foto Fraser/ Sipa Press

Orzabal e Smith tiveram o seu grupelho

PASSADO NEGRO

Roland Orzabal e **Curt Smith** não devem estar gostando nadinha de um relançamento que desembocou nas prateleiras das lojas inglesas. Trata-se do LP *Acting my Age*, do grupo **Graduate** — uma constrangedora aventura pop da dupla que hoje governa o mundo sob a alcunha de **Tears for Fears.** Só pelo fato dos dois nunca terem mencionado isso, presume-se que morram de vergonha. E a capa do dito cujo — publicada no *Melody Maker* — revela terninhos e penteados Beatles 62, e inconfundíveis estampas de panacas (além de músicas com títulos como "Elvis Deveria Tocar Ska").

Foto Goudeniche/ Sipa Press

Fela Kuti, artífice supremo da música africana

FELA FORA DA CADEIA

Até que enfim uma notícia boa!

Depois de vinte meses de detenção, foi solto **Fela Kuti,** talvez o maior nome da música africana (os **Talking Heads** o creditaram como principal fonte inspiradora da fase *Remain in Light)* e incansável militante do pan-africanismo.

Ele havia sido preso em sua própria "república" — que fundou sob seu total comando, em território nigeriano — pela simples posse de dinheiro não declarado. Recentemente, o juiz que baixara a pesada pena sobre sua cabeça confessou que o fizera por pressões do regime militar da época. Aí a revista nigeriana *News Watch* retomou o assunto e o governo decidiu pela sua liberação.

UM SUPERSHOW PARA O GREENPEACE

Foto LFI

Os Bunnymen, ainda com o ex-baterista Pete de Freitas (na foto, com a mão no rosto)

Aconteceu de 21 a 25 de abril no monumental Royal Albert Hall, em Londres. Estavam lá — misturados a nulidades como Nik Kershaw e Belouis Some — gente fina como os Waterboys, Lloyd Cole & the Commotions, The Men They Couldn't Hang, o Cure e Echo & the Bunnymen com seu novo baterista. O megaconcerto arrecadava fundos para a filial britânica do movimento ecológico internacional Greenpeace.

Além de uma causa nobre, consta que o evento patrocinou alguns momentos da melhor música pop — como o arrasador final do show dos Bunnymen, detonando versões em alta combustão dos clássicos *"Light My Fire"* (Doors) e *"Paint it Black"* (Stones).

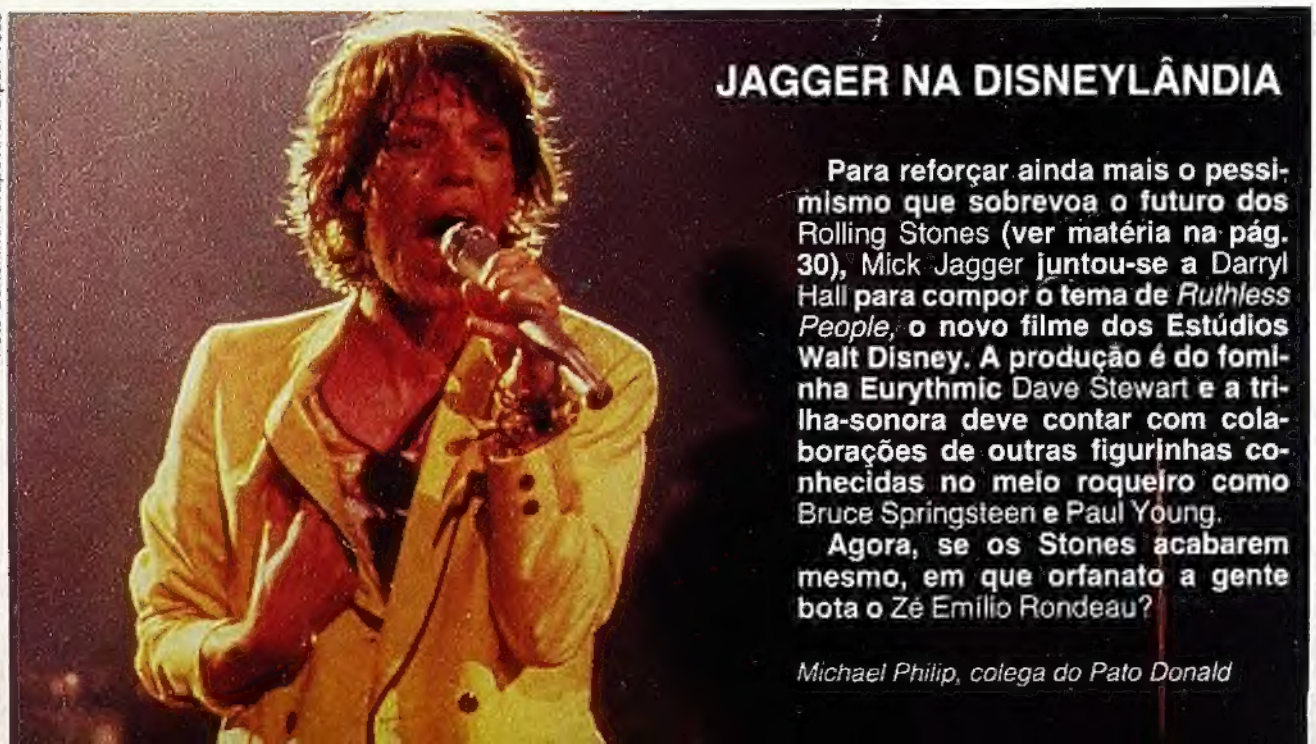


Foto Sunshine/ Grapevine/ Sipa Press

JAGGER NA DISNEYLÂNDIA

Para reforçar ainda mais o pessimismo que sobrevoa o futuro dos Rolling Stones **(ver matéria na pág. 30),** Mick Jagger **juntou-se a** Darryl Hall **para compor o tema de** *Ruthless People,* **o novo filme dos Estúdios Walt Disney. A produção é do fominha Eurythmic** Dave Stewart **e a trilha-sonora deve contar com colaborações de outras figurinhas conhecidas no meio roqueiro como** Bruce Springsteen **e** Paul Young.

Agora, se os Stones acabarem mesmo, em que orfanato a gente bota o Zé Emílio Rondeau?

Michael Philip, colega do Pato Donald

Esta moda pega bem em qualquer estação.

Rádio-Gravador Stereo Slim.

Nos últimos tempos muitas tendências de som entraram na moda.
Mas existe uma que está entrando para ficar: o novo som Sharp.

O Rádio-gravador Stereo Slim faz parte dessa nova coleção de aparelhos de som Sharp. Ele é jovem e descontraído.
Uma moda para você usar em qualquer ocasião.
O modelo pode vir nas cores branca ou vermelha. Tanto faz, porque o QT-12B agrada de qualquer jeito. Ele tem 4 faixas de onda: AM, FM, SW_1 e SW_2. E graças ao sistema de Sintonia Fina é possível ouvir as ondas curtas com muito maior nitidez.
O Loudness é incorporado ao controle de volume. Com isso, os graves e agudos aparecem com limpeza e perfeição, mesmo quando você abaixa o som.
O recurso stereo wide amplia as sensações de espaço proporcionado pelas transmissões em FM stereo. Um realce a mais do QT-12B. Além disso, ele tem potência para acompanhar você onde for: 14 watts. E pode funcionar tanto a pilha como a energia elétrica.
Mas o melhor de tudo é que o Rádio-gravador Stereo Slim tem um detalhe que nunca vai sair de moda: a qualidade e a tecnologia do novo som Sharp.

SHARP

A Tecnologia que você ouve.

CARBONO ABRE O ACERVO

Devem existir, no mundo, poucas videotecas com um acervo comparável ao do **Carbono 14** (r. 13 de maio, 363 — fone 37-8671 — São Paulo). Além de raridades de alto quilate, como o documentário *Doors are Open* sobre os **Doors** e a única apresentação do **Joy Division** na TV inglesa, tem, de **Cramps** a **Cabaret Voltaire**, tudo que você possa querer ver na telinha do seu lar.

A boa nova é que o acervo deverá agora ser aberto ao público, como um videoclube — mas um público "restrito" que deverá ser cadastrado pela casa, segundo a genuinidade de seu interesse em música.

ENGROSSA O FRONT CONTRA RACISMO

Foto Paul Cox/ LFI

Jerry Dammers, no tempo dos Specials

O pop inglês pode estar em franca decadência musical, mas a militância e conscientização continua a todo vapor. Sob a sigla AAA (Artistas Against Apartheid), um batalhão de popstars da ilha do norte promoverá uma série de shows em campanha contra o regime sul-africano e incluirá em seus contratos uma cláusula proibindo a comercialização de seus discos naquele país.

Estão nessa: **Sade, Style Council,** o ex-Elvis Costello **Declan MacManus,** os **Pet Shop Boys, Scritti Politti, Working Week, Siouxsie & the Banshees** e até o famoso bochechudo **Simon Le Bon.** A iniciativa e a organização são de **Jerry Dammers,** o mais ativo anti-racista britânico desde o comecinho dos **Specials,** em 80/81.

A BANDA DO LEONI

Foto Paulo Vasconcellos/ Abril

Kid Vinil e Leoni: quem é mais herói?

Desde que deixou abóboras e abelhas vendo navios, o baixista **Leoni** não perdeu tempo. Já está em estúdio tramando a estréia de sua nova banda, os **Heróis da Resistência** — não confundir, a partir de agora, com os **Heróis do Brasil** do sacrossanto **Kid Vinil.** Leoni assumirá também o vocal, apoiado por **Alfredo Dias Gomes** (bateria), **Lulu Martin** (teclados) e **Jorge Shay** (guitarra).

FUGINDO DAS BOMBAS

Não foi só o **Prince** que cancelou sua excursão européia deste ano. O medo de represálias contra americanos em geral, sob patrocínio da Líbia, fez com que também **Lionel Richie,** o grupo vocal **Manhattan Transfer** e o **Lone Justice** desistissem em última hora de turnês já devidamente marcadas.

EFEITO DOMINO

No dia 8 de abril, Yukiko Okada — uma das mais populares cantoras do pop japonês — cometeu suicídio atirando-se de um dos mais altos arranha-céus de Tóquio.

Até agora, trinta e três de seus fãs já seguiram o exemplo.

VINTE VELINHAS PARA UM SARGENTO

Foto Camera Press/ Abril

Assim se passaram duas décadas...

Ano que vem, acredite se puder, vai fazer vinte anos que foi lançado *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* — aqueles LP dos **Beatles** que muita gente considera o maior de todos os tempos.

A produtora inglesa Tyne Tees escalou doze cineastas — entre eles, **Nicholas Roeg** e **Ken Russell** — para ilustrar cada faixa do LP com um clip. Reunidos, eles constituirão a base de um especial a ser transmitido pela TV inglesa na fatídica data.

MICHAEL JACKSON DÁ AS CARAS

Foto Abril

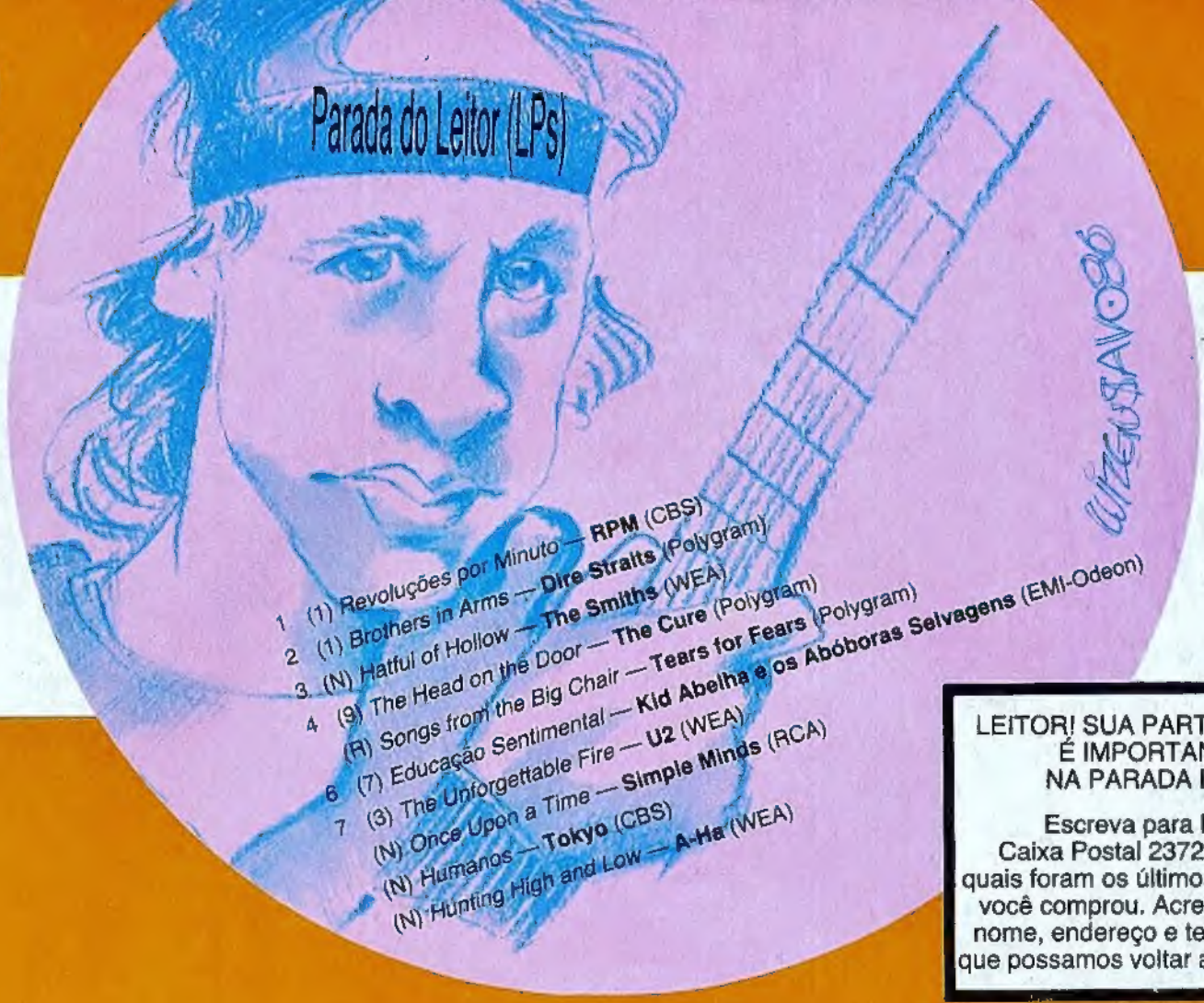
O garoto-propaganda da Pepsi, no clip que fez com McCartney para "Say, Say, Say"

O velho garoto prodígio Michael Jackson saiu afinal da incubadeira eletrônica onde — dizem as piores línguas — se esconde do cruel mundo cruel.

Para os que esperavam alguma declaração sobre o novo LP, necas. A aparição do desaparecido limitou-se a uma declaração — "Obrigado. É uma grande honra." — para anunciar seu novo contrato com a Pepsi. Ele ganhará apenas 50 milhões de dólares para fazer três comerciais do refrigerante — dois em inglês e um em espanhol.

ieaneration
apresenta

PARADA BIZZ



CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE NA PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(1)	*Whitney Houston* — **Whitney Houston** (Arista)
2	(3)	*Heart* — **Heart** (Capitol)
3	(2)	*Promise* — **Sade** (Portrait/Epic)
4	(N)	*5150* — **Van Halen** (Warner Bros.)
5	(N)	*Falco 3* — **Falco** (A&M)
6	(6)	*Scarecrow* — **John Cougar Mellencamp** (Riva/Polygram)
7	(7)	*Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Warner Bros.)
8	(4)	*Welcome to the Real World* — **Mr. Mister** (RCA)
9	(9)	*The Ultimate Sin* — **Ozzy Osbourne** (CBS)
10	(N)	*Pretty in Pink* — **Trilha sonora do filme** (A&M)

Compactos (EUA)

1	(9)	"Kiss" — **Prince and the Revolution** (Paisley Park/WEA)
2	(6)	"Rock me Amadeus" — **Falco** (A&M)
3	(N)	"Manic Monday" — **Bangles** (Columbia)
4	(N)	"Addicted to Love" — **Robert Palmer** (Island)
5	(N)	"What you Need" — **INXS** (Atlantic)
6	(N)	"West End Girls" — **Pet Shop Boys** (EMI)
7	(7)	"R.O.C.K. in the U.S.A" — **John C. Mellencamp** (Polygram)
8	(2)	"These Dreams" — **Heart** (Capitol)
9	(N)	"Harlem Shuffle" — **Rolling Stones** (Columbia)
10	(N)	"Let's Go All the Way" — **Sly Fox** (Capitol)

LPs (GB)

1	(N)	*Hits 4* — **Vários** (CBS/WEA)
2	(1)	*Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Vertigo)
3	(3)	*Whitney Houston* — **Whitney Houston** (Arista)
4	(N)	*Please* — **Pet Shop Boys** (Parlophone)
5	(N)	*Welcome to the Real World* — **Mr. Mister** (RCA)
6	(N)	*Dirty Work* — **Rolling Stones** (CBS)
7	(2)	*No Jaquet Required* — **Phil Collins** (Virgin)
8	(N)	*Parade* — **Prince and the Revolution** (Warner Bros.)
9	(N)	*Black Celebration* — **Depeche Mode** (Mute)
10	(5)	*Be Yourself Tonight* — **Eurythmics** (RCA)

Compactos (GB)

1	(N)	"Living Doll" — **Cliff Richards and the Young Ones** (WEA)
2	(N)	"A Different Corner" — **George Michael** (Epic)
3	(N)	"Wonderful World" — **Sam Cooke** (RCA)
4	(N)	"Rock me Amadeus" — **Falco** (A&M)
5	(N)	"Touch me (I Want your Body)" — **Samantha Fox** (Jive)
6	(N)	"A Kind of Magic" — **Queen** (EMI)
7	(N)	"You to me Are Everything" — **Real Thing** (PRT)
8	(8)	"Absolute Beginners" — **David Bowie** (Virgin)
9	(1)	"Chain Reaction" — **Diana Ross** (Capitol)
10	(N)	"All the Things She Said" — **Simple Minds** (Virgin)

LPs Independentes (GB)

1	(2)	*A Date with Elvis* — **The Cramps** (Big Beat)
2	(N)	*Black Celebration* — **Depeche Mode** (Mute)
3	(1)	*Back in the DHSS* — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
4	(6)	*Paint your Wagon* — **Red Lorry Yellow Lorry** (Red Rhino)
5	(10)	*Wire Play Pop* — **Wire** (Pink)
6	(N)	*Man in a Suitcase* — **Ted Chippington** (Vindaloo)
7	(N)	*Greed* — **Swans** (K422)
8	(4)	*Kaleidoscope World* — **The Chills** (Creation)
9	(R)	*Low Life* — **New Order** (Factory)
10	(N)	*It's Time for...* — **Jonathan Richman** (Rough Trade)

Compactos Independentes (GB)

1	(9)	"Shellshock" — **New Order** (Factory)
2	(4)	"Trumpton Riots" — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
3	(8)	"Fuzzbox EP" — **We've Got a Fuzzbox** (Vindaloo)
4	(N)	"Godstar" — **Psychic TV** (Temple)
5	(1)	"Safety Net" — **Shop Assistants** (53rd & 3rd)
6	(2)	"Giving Ground" — **The Sisterhood** (Merciful Release)
7	(N)	"Therese" — **The Bodines** (Creation)
8	(7)	"Stripped" — **Depeche Mode** (Mute)
9	(3)	"Once More" — **The Wedding Present** (Reception)
10	(5)	"Like an Angel" — **The Mighty Lemon Drops** (Dream World)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA); New Musical Express e Melody Maker, publicadas entre 05/04/86 e 26/04/86

ieaneration veste a gente do jeito que a gente é.

Existem desejos

Jeaneration veste a gente do jeito que a gente é.

e dese i os.
LAGE STABEL · BBDO
ieaneration

SELVAGEM? — Paralamas do Sucesso (EMI-Odeon)

Quem ouviu "Alagados", a *moda-de-guitarra* que os Paralamas escolheram para anteceder o novo LP, já desconfiou que algo de diferente estava sendo armado pelos caras. Dito e feito, *Selvagem?*, o álbum, chuta a uns bons quilômetros de distância a história de que o trio não passaria de um subPolice da província. Passou. Lógico, a chave ainda é a conexão jamaicana. Mas as articulações (bem lubrificadas) *ska-reggaeanas* deste terceiro disco da banda ultrapassam os modismos. Baixou o santo (Jah, aliás).

A novidade é confirmada não só na música. Carregando as letras de um inconformismo sadio (sem ingredientes artificiais) e bem-humorado, Herbert correu longe da pasmaceira monstruosa ("Ela foi dar, mamãe! Ela foi dar, mamãe!") que assola nossa *literatura-de-encarte*. De Teerã em chamas à censura, conflitos raciais, vida na favelas, tretas de casal, a grata constatação: *há vida inteligente no rock!*

No lado B, melhor e mais pesado (tudo bem, o lado A funciona como uma espécie de câmera-de-descompressão para quem vinha mergulhado na estupidez abissal), o baixo, mixado lá no diafragma do freguês, mexe por dentro, enquanto a guitarra rascante reclama ao pé-do-ouvido. Do lado A, curiosidades: Gilberto Gil, pondo voz em "Alagados" e letra em "A Novidade". A letra é boa, na pinta, melhor que certas galinhagens que o velho Gil vem tentando nos impingir. Em "Melô do Marinheiro" Barone e Bi compõem e Barone faz a letra e canta sozinho. Em "Marujo Dub" (e "Teerã Dub", só no cassete) o grupo faz o que sabe no departamento: muito eco, efeitos, vocais editados. É um apitinho de pistão e um *vocoder* que enchem o saco — o único problema da boa produção (assinada por Liminha) é o mau gosto desses recursos e o timbre besta dos tambores eletrônicos (de vez em quando um *póin-póin!* corta o barato). Mas é até meio injusto reclamar disso — os Paralamas são barra-limpa. *A.A.*

MEAT IS MURDER — The Smiths (WEA)

Quando os tais críticos do *New Musical Express* se reuniram, o ano passado, para eleger os "100 melhores LPs de todos os tempos", este (o terceiro da banda) obteve a melhor classificação.

Eu, pessoalmente, ainda prefiro o primeiro deles — que deve ser o próximo na ordem da WEA brasileira. Mas *Meat is Murder* não deixa de ser admirável em dois sentidos. No geral, por ser o mais *pesado* da banda. No particular, por conter três das incontestáveis obras-primas da parceria Morrissey/Marr: "I Want the One I Can't Have", a cortante "That Joke Isn't Funny Anymore" e o supremo funkão racha-assoalho "Barbarism Begins at Home". *J.A.L.*

WIDE AWAKE IN AMERICA — U2 (WEA)

Taí um belo petisco para os fãs do U2, cujo status de super banda já vem ecoando pelo Brasil há algum tempo. Este mini-LP tem apenas quatro músicas: "Bad" e "A Sort of Homecoming" em versões gravadas ao vivo, e do outro lado, uma remixagem de "The Three Sunrises" e a faixa inédita "Love Comes Tumbling".

Apesar de não ser exatamente um "novo trabalho" do U2, *Wide Awake in America* parece ser um disco transitório. Quem conhece os LPs anteriores vai se surpreender com a evolução do U2 no palco, principalmente pela capacidade de reproduzir os climas dos discos. A música inédita foi gravada nas sessões do maduro *Unforgettable Fire*. *A.B.J*

NIGHT IN TUNISIA — Art Blakey and the Jazz Messengers (Polygram)

Mestre, por cuja banda já passaram, entre outros, Wayne Shorter, Keith Jarret e Wynton Marsalis. Uma locomotiva, incansável aos 66 anos. Um construtor de arranjos e texturas inovadoras, quase sempre em cima de grandes hits do jazz, às vezes de músicas feitas por membros de sua banda.

Art Blakey é tudo isto. Com sua garra, mantém os músicos em permanente efervescência, como na faixa-título, de Dizzy Gillespie. Nela, e nas outras, aparece como talento maior o trompetista Valery Ponomarev.

E também nesta faixa, Blakey faz um longo solo, no qual aparece clara influência de ritmos africanos e brasileiros. O disco foi gravado ao vivo em Tóquio, em 1979. *J.E.M.*

SHOW NO MERCY — Slayer (RGE/Woodstock)

Começam a chegar aqui coisas mais diabólicas, no caso o Slayer, um dos poucos metálicos americanos aceitos pelos exigentes headbangers. Seu som é sujo, rasgado e energético, e as letras infernalmente radicais. Isso tudo resulta no *black-trash metal* (haja rótulos), algo para lá de uma aberração sonora até para os apreciadores do gênero. Solos rapidíssimos e cortantes das guitarras (K. King e J. Hanneman), baixo (T. Araya) e bateria (D. Lombardo) mantendo a pauleira a todo vapor. E o vocal do baixista Araya é no mínimo potente o suficiente para encarar essa sonzeira toda.

Pode ser demais para ouvidos delicados e é um lançamento corajoso que pode surpreender alguns incrédulos. *L.R.*

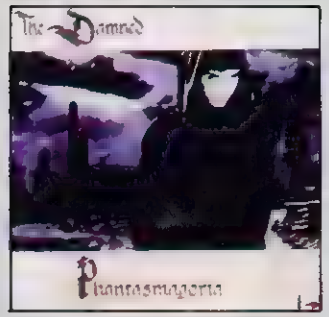
DECLARE GUERRA — Barão Vermelho (Opus Columbia)

Os rapazes do Barão são honestos na concepção de seus álbuns. Tocam rhythm' n'blues básico, com pouquíssimas variações, e parece que a fórmula dá certo no mercado, pois do LP anterior (*Maior Abandonado*, ainda com Cazuza) venderam mais de cem mil cópias.

Roberto Frejat (guitarra), Guto Goffi (bateria), Dê (baixo) e Maurício Barros (teclados) fizeram o possível para manter o espírito "underground" nos vocais, e usaram letras de Antonio Cícero, Júlio Barroso, Arnaldo Antunes (dos Titãs), Cazuza e ainda uma composição inédita do Renato Russo ("Bumerangue Blues").

Entretanto, apesar de não se sentir a falta de Cazuza, e mesmo levando em conta a evolução musical deles, quem não gosta de rhythm' n'blues vai ficar enjoado com o disco. *A.B.J.*

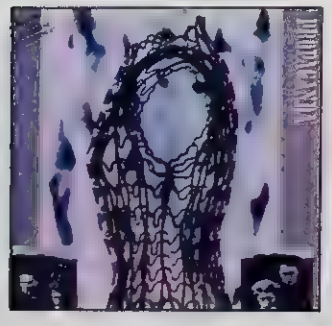
Fotos Estúdio Abril



PHANTASMAGORIA — The Damned (WEA)

O Damned foi o primeiro grupo punk a gravar um LP (*Damned, Damned, Damned*, de 77), e por isso eles ostentam uma importância mais histórica do que musical.

Neste novo LP, apenas Rat Scabies (bateria) e Dave Vanian (vocal) são da formação original. Participam vários tecladistas e saxofonistas convidados. O disco é bem arranjado, com coisas que lembram Beatles e Doors, e com Dave Vanian cantando mais cool do que nunca. *Phantasmagoria* tem algumas gordurinhas com a faixa instrumental "Trojans" e grandes momentos como "Shadow of Love". *A.B.J.*



A SECRET WISH — Propaganda (WEA)

Um coquetel de teclados, guitarras etéreas (cortesia Steve Howe), pretensões filosófico-literárias (inclusive trechos de Roland Barthes, Walter Benjamin e Edgar Allan Poe), baixos funkantes, vozes adicionais de David Sylvian (ex-Japan) e Glenn Gregory (Heaven 17) e percussões eletrônicas, filtradas pelo cinismo de Ralf Dorper e pela produção brilhante de S.J. Lipson (o mesmo do excelente LP de Grace Jones, *Slave to the Rhythm*).

Ou: mais uma armação da ZTT, a gravadora que inventou, entre outras coisas, o execrável Frankie Goes to Hollywood. Mas neste caso a matéria-prima é melhor — ao invés da bichice de Frankie, o irônico intelectualismo do quarteto alemão. O som vai na mesma direção, um cruzamento cuidadoso entre pop e progressivo. Os resultados, de cara, parecem bons. O lado A é montado em uma sucessão de texturas eletrônicas, cortadas pelos baixo e pelo timbre quente da cantora Claudia Brueken. Mas o outro lado, com faixas em um formato mais padronizado (inclusive os *hits* "Dr. Mabuse" e "P-Machinery"), acaba sendo bem mais enfadonho. Em todo caso, vale a pena conferir. Não é genial, mas em tempos de vacas magras... *A.A.*

LIFE'S SO COOL — Tex and the Horseheads (RGE)

Continuando sua *trip* com as hostes da Enigma Records, a RGE chega agora a um dos *musts* do selo californiano: Tex and the Horseheads. Tex é Texacala Jones, vocalista já conhecida do público brasileiro (já?) por sua participação no LP de Chris D. (uh!), da mesma turba. Os "cabeças-de-cavalo" são entusiásticos espancadores de guitarra/baixo/bateria, como convém ao gênero cow-punk que defendem. Como outros expoentes da safra americana de *garage bands*, eles nem estão aí com as inovações sonoras — a energia é que interessa. Os tórridos vocais de Texacala aporrinharão os ouvidos mais sensíveis. Só para iniciados. *A.A.*

EXPERIENÇA — Daminhão (Planeta Lamma)

Este já deve ser o terceiro ou quarto disco de Daminhão, uma ovelha negra de quem "se ouvia falar" no final dos anos 70. Não há lugar aqui para fricote e sim para o mais puro "freak out": com um quê de repentista chapado, ele atinge em ladainhas com títulos como "Tamanco", "Cueca" e "Palito" um anarquismo que muito punk mal vislumbra. O som segue o fluxo das letras: um free indisciplinado, pedra bruta não-identificada no picadeiro da música pop. É bem capaz que Daminhão seja "descoberto" no século XXI, mas se você quiser o seu já, escreva para r. Barata Ribeiro, 502D — RJ. *J.A.L.*

DEAD MAN'S PARTY — Oingo Boingo (WEA)

Em seu quinto trabalho (primeiro lançado no Brasil) ao longo de uma bem-sucedida carreira de oito anos, que decolou após a apresentação no concerto "URGH!-A Music War", o Oingo Boingo é hoje um grupo estabilizado no disputadíssimo mercado americano. *Dead Man's Party*, além de nove novas músicas, traz dois novos componentes entre os oito que integram a trupe: o baixista John Avila e o tecladista Mike Bacich. À frente da gang, o figuraça vocalista Danny Elfman.

Dead Man's Party, cuja excelente capa brinca com a tradicional *fiesta del muertos* mexicana, é pouco inferior ao anterior, *Good for your Soul* (84), mas tem coisas boas como "Just Another Day" e "Weird Science" (tema do filme *Mulher Nota 1000* e principal motivo do lançamento do disco aqui), aliadas à originalidade e competência musical que sobra na banda. *T.L.*

HEAVY METAL HEART — Vários (CBS)

Comecemos pelo mais conhecido: Ozzy Osbourne, com *Ultimate Sin*. Não adianta achá-lo superado: ele grava justamente o que seu fiel público deseja. É o carisma do papa do *black metal*. Mesmo com a banda renovada, o destaque fica com o guitarrista Jake E. Lee. "Killer of Giants" e "Shot in the Dark" vão vingar. Já o Uriah Heep acabou recentemente por causa desse *Equator* — sem impacto nenhum, é de dar tristeza. E o Accept, com esse *Kaizoku-ban* contendo seis potentes sucessos gravados ao vivo sob o comando de Udo e sua garganta lixada, é o melhor, metalicamente falando. Num bloco mais intermediário viria o Fastway e seu primeiro LP, quando era um trio com Eddie Fast (ex-Motorhead), Jerry Ahirley (ex-Humble Pie) e o vocalista à la Plant, David King. O resultado da mistura: um hard rock melhor que o trabalho posterior deles. Já o *Without Love*, do Black'n'Blue não vai alterar nada e o *Lovin Every Minute of it* do dirigido para FMs, Loverboy, também não. No pessoal com trabalho inédito por aqui surgem surpresas como o australiano Heaven, muito bem na faixa-título "Knockin on Heavens Door" (Dylan) e o blues hard, do já extinto Hanoi Rocks, *Two Steps from the Move*, onde regravaram "Up Around the Bend" (do Creedence). Poderiam sair outros do Hanoi. Já o Madam X tem na sua sexy guitarrista Maxine seu ponto alto nos momentos metálicos. O *Live* do Y&T é médio e o Victory não disse para o que veio (a não ser pela capa). *Leopoldo Rey*

LIVE IN NEW YORK CITY — John Lennon (Odeon)

Yoko Ono talvez não saiba cantar, mas sabe fazer dinheiro. Ela acaba de lançar um forte candidato a "pior disco de John Lennon". Sabendo que os fãs engoliriam até gravações de arrotos do falecido ídolo, ela remixou as sobras da matriz usada no LP *Sometime in New York City*, lançado em 72, e deu ao novo trabalho o nome pomposo de *Live in New York City*. No encarte, botou várias fotos de John junto a ela fazendo pose de tecladista e cita Brecht num texto em que justifica a nova empreitada: "Este concerto personificou aquilo em que eu e John firmemente acreditávamos — Rock pela Paz e pela Iluminação..."

Na gravação, John desafina, os músicos erram, em certas horas não se entende nada do arranjo, e num disco com canções como "Woman is the Nigger of the World", "Mother", "Imagine" e "Give Peace a Chance", a coisa toda fica deprimente.

O disco só serviu para desmistificar o ídolo. Vai ver que a intençao era essa. *A.B.J.*

SONGS TO LEARN AND SING — Echo & the Bunnymen (WEA)

Uma coletânea com um título pomposo, pretensioso e plenamente justificado. Quem passar uma peneira crítica em todo o desdobramento multiestilístico chamado de pós-punk constatará que sobra pouca coisa. E aí se pode incluir a consistente obra completa de Ian McCullouch e seus coelhinhos (que acabam de perder o grande baterista Pete de Freitas).

Além de faixas muito bem escolhidas dos quatro LPs da banda — *Crocodiles* (80), *Heaven Up Here* (81), *Porcupine* (83) e *Ocean Rain* (84), dos quais apenas os últimos dois foram lançados no Brasil —, canções que só haviam aparecido em forma de compacto: "The Puppet", "Do it Clean", "Never Stop" e a recente "Bring on the Dancing Horses". Para quem não conhece a banda e ficou com água na boca ao ler a cobertura que o Pepe Escobar fez do show deles em Londres (BIZZ 9), uma introdução perfeita. E até para os velhos seguidores, que têm *tudo* dos Bunnymen, *Songs to Learn and Sing*, tem seu atrativo: um encarte com as crípticas letras de McCullouch, fato inédito entre os lançamentos da banda.

Enfim, da pulsação nervosa e seca de "Rescue" — primeiro lançamento da banda — ao acréscimo de instrumentistas convidados, como o violino elétrico de L. Shankar em "The Back of Love" e o quarteto de cordas que decora as faixas tiradas de *Ocean Rain*, você vai encontrar poucos LPs que realmente justifiquem seu preço, como esse sobrevôo panorâmico de uma banda fundamental. *José Augusto Lemos*

LOVE NOT MONEY — Everything but the Girl (WEA)

Quando surgiu, no início de 83, com uma singela versão bossa-nova do clássico de Cole Porter, "Night and Day", a dupla formada por Ben Watt (vocais/violão/guitarra) e Tracey Thorn (vocais 24 quilates) era uma *avis rara* das mais exóticas no rebanho de novos jazzistas que começava a conquistar espaço na mídia inglesa. Em seu primeiro LP, *Eden* (84), foram bem mais longe, projetando-se como uma promessa de bom gosto instrumental — cool e multifacetado — com uma pitada amarga nas letras desiludidas da feminista Tracey. Aliás, a WEA devia ter lançado mesmo *Eden* e não este seu sucessor, em que a dupla descarta o que tinha de bom (sofisticação instrumental) em nome de uma acessibilidade pop, fácil de ouvir e de esquecer. *J.A.L.*

CHARLIE PARKER AT STORYVILLE — Charlie Parker (EMI-Odeon)

Com sua curta carreira musical, iniciada ainda na adolescência e encerrada com sua morte prematura, aos 34 anos, Charlie Parker deixou no jazz marcas indeléveis. Maior sax alto de todos os tempos, aqui ele aparece com duas formações diferentes, um quarteto e um quinteto, em gravações para dois programas de rádio feitas em março e setembro de 1953 no Storyville, em Boston. O disco traz uma música, "I'll Walk Alone", que nunca havia sido gravada antes por Parker — que, apesar de morrer jovem, deixou uma extensa discografia. Há também hits que marcaram sua carreira, como "Ornithology" (dele mesmo) e "Grovin' High" de Dizzy Gillespie. *J.E.M.*

HEAD TATICS — Samson (Odeon)

O Samson surgiu na leva inicial da new wave do heavy britânico no final dos 70 junto a iniciantes como Iron Maiden, Angelwitch, Saxon, Def Leppard e outros. Entre 79 e 81 seu vocalista era Bruce Dickinson (agora no Maiden). Esse disco é uma coletânea remixada de seus dois primeiros LPs pelo bom guitarrista e líder da banda Paul Samson. Outra atração era o baterista Thunderstick misteriosamente mascarado. O som do grupo soa melhor que muita coisa ouvida nos dias de hoje e é interessante por mostrar as origens de Bruce (e do próprio Maiden atual, pois Clive Burr também andou por lá) e as do heavy ressurgido. Sintam isso por exemplo em "Losing my Grip" e "Take it Like a Man". *L.R.*

FRANK ZAPPA MEETS THE MOTHERS OF PREVENTION — Frank Zappa (EMI-Odeon)

Neste seu tipo quadragésimo-segundo LP, Zappa não mudou de esquema. Continua desprezando letras sérias para satirizar o *american way of life*. E na parte instrumental, continua explorando temas da música erudita contemporânea de gente como Varèse e Schoenberg.

O disco que está saindo no Brasil é a versão européia, que teve três músicas substituídas por outras, porque Zappa achou, com razão, que elas não iriam interessar aos não-americanos por causa da temática específica: a censura ao rock.

O LP tem três faixas cantadas e sete instrumentais, onde Zappa mostra o seu lado mais forte: o de compositor, arranjador e solista (agora solando em vários timbres, graças ao Synclavier). *A.B.J.*

RT 110S

STEREO MESMO

Mas, num portátil?
Isso é garantido pelo exclusivo Space-Wide, que amplia e valoriza ainda mais o som do seu RT 110S.
Você tem o balanço ideal através de dois woofers e dois tweeters sincronizados.
Para a melhor definição dos graves e agudos, a função Loudness é acionada automaticamente, quando o volume está baixo.
Ao mesmo tempo, você conta com um rádio de quatro faixas de onda (FM, SW1, SW2 e MW) e com uma gravação perfeita, graças aos dois microfones embutidos e à simplicidade de operação proporcionada pela tecla One Touch Record – *OTR*.
Quando a fita termina, o Auto-Stop desliga automaticamente.
Enfim, este é o portátil que prova que é stereo.
Stereo Mesmo!

RT 6100

SEMP TOSHIBA

EM CONTATO COM O AMANHÃ.

LANÇAMENTOS

DISCOS

BLACK DOG — Terveet Kadet/ VARUKERS/ ENGLISH DOGS (New Face)

Os punks sempre tiveram um eficiente esquema de divulgação e distribuição, graças aos fanzines e gravadoras independentes. Este esquema, que já fez com que os Garotos Podres, os Inocentes, Olho Seco e tantas outras bandas brasileiras ficassem conhecidas lá fora, fez com que chegassem ao Brasil mais três biscoitos finos para os amantes do gênero. A gravadora independente New Face, de São Paulo, acaba de lançar dois EPs das bandas inglesas Varukers e English Dogs, e ainda um LP da banda finlandesa Terveet Kadet.

Os EPs (de 45 rpm) têm quatro músicas cada. Tanto os Varukers como os English Dogs são bandas de "metal-punk", com uma sonoridade instrumental que se assemelha ao heavy-metal, só que bem mais acelerada, suja e pesada, sem levar em conta a temática punk das letras. Os finlandeses do Terveet Kadet não são menos pesados, e ainda apresentam um lado gravado ao vivo. As músicas têm nomes como "Pissa Ja Paskaa", "Onnellisia Kytkentoja" e por aí afora.

Os três LPs podem ser encomendados pelo reembolso postal. Eis o endereço: Caixa Postal 20030, CEP 02597, SP. *A.B.J.*

FINE YOUNG CANNIBALS (Polygram)

Andy Cox e David Steele, que num passado recente brilharam no inesquecível grupo de ska-rock inglês, The Beat, voltam à cena acompanhados do novato Roland Gift com o nome de Fine Young Cannibals, em disco de estréia homônimo e de excelente qualidade.

A primeira faixa que salta deste album do FYC é a gostosa "Johnny Come Home", prova de que música pop radiofônica pode ser muito boa, dependendo de quem faz. Outras faixas de destaque são "Blue", "Funny How Love Is", que conta com a participação especial do supersax de Saxa (o mesmo que arrepiava no The Beat) e a regravação do clássico rhythm & blues imortalizado por Elvis Presley, "Suspicious Mind", onde o convidado especial nos backings é o arejadíssimo Jimmy Somerville, ex-Bronski Beat e atual Communards. Recomendável. *T.L.*

O ROCK ERROU — Lobão (RCA)

Liberto dos Ronaldos pela primeira vez, a segunda versão do Lobão solo parece perdida nos prazeres da liberdade recém-adquirida, como um descasado tonto com as mulheres soltas na rua. Aqui ele desfere uma cartilha de propósitos sem substância ou foco. Na faixa-título ele cobra a culpa da frustração dos ideais de sua geração. Em "A Voz da Razão" ele se apóia na voz de Elza Soares para reabilitar a sonoridade Black Rio do final dos anos 70. Em "Spray Jet" ele persegue o caminho funk achado em "Decadance avec Elegance". E ainda há a dose regulamentar de baladas à la "Me Chama" que remetem, na melhor das hipóteses, aos Eagles! Como se toda esta inocuidade não fosse suficiente, ele e Cazuza cometeram o maior erro de suas carreiras ao batizarem "Junkie Bacana". Meus amores, não há nada de bacana num junkie, concordam? *J.E.R.*

THE COLOUR OF SPRING — Talk Talk (EMI-Odeon)

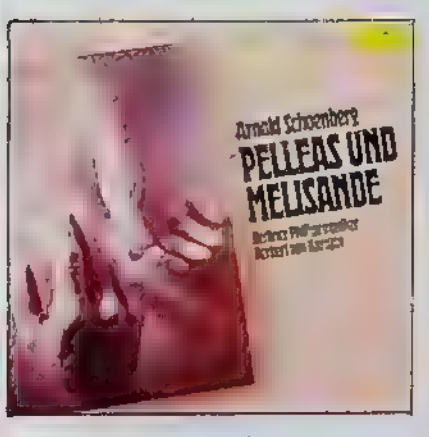
Quem diria. No meio de todas as pretensões de *new rock* e futurísticos *anos 90*, este tímido lançamento, ainda por cima de um grupo que tem um passado meio negro, é — pelo menos por enquanto — o grande LP do ano. O velho Talk Talk de extração tecnopop, do tempo das bandas de nome duplo (lembra de um tal Duran Duran?), saiu-se com esta pérola de brilho delicado, uma das raras no pântano tenebroso do rock/pop atual.

É verdade que mesmo o disco de estréia da banda, de 82, tinha uma ou duas canções encantadoras. E *It's my Life*, de 84, avançava nesse rumo promissor. Já nesse LP o produtor era Tim Friese-Greene, o responsável pela dispensa, em *Colour of Spring*, dos sintetizadores. Isso em proveito de velhos órgãos, *variophons*, pianos, *dobros*, *mellotrons*, harmônicas, saxes, baixos acústicos que ele mescla, com absoluto bom gosto, aos recursos eletrônicos modernos. Mark Hollis canta temas banais com a emoção de um Bryan Ferry. Colaborações preciosas do venerável Steve Winwood (órgão), dos guitarristas Robbie McIntosh e David Rhodes, e de Morris Pert e Martin Ditcham (percussão), entre outros. Um dos grandes (poucos) discos pop de sempre. *A.A*

CIDADES EM TORRENTE — Biquíni Cavadão (Polygram)

Quem pensou que seria apenas mais um grupo descartável de verão, se enganou redondamente. O Biquíni Cavadão custou, mas lançou seu primeiro e bem acabado LP *Cidades em Torrente*, (frase contida na faixa "Múmias") e mostra a que vieram.

As faixas em destaque são: "Domingo" (espécie de "Tédio II"), a paranóica "Inseguro de Vida" e "Timidez", além dos hits "Tédio" e "No Mundo da Lua". Mas o grande lance no disco são as faixas vinhetas, que não duram mais de minuto e são bem interessantes, "Teu Barato", "O Drama II", "A Grade Surda", todas instrumentais que vão do clima clássico à bossa nova. *T.L.*



PELLEAS UND MÉLISANDE — Arnold Schoenberg (Polygram)

O clima misterioso da peça de Maurice Maeterlinck e sua amarga história de amor e morte fizeram com que *Pelléas et Mélisande* inspirassem músicos tão diversos quanto os franceses Claude Debussy e Gabriel Fauré, o finlandês Jan Sibelius ou o alemão Arnold Schoenberg. Em 1902, Schoenberg ainda estava longe da reviravolta que daria na História da Música ao formular a teoria do dodecafonismo. Mas é fascinante perceber, por trás das visíveis influências de Mahler e Richard Strauss que há neste poema sinfônico inspirado na peça de Maeterlinck, os sinais de uma linguagem musical personalíssima que luta por se afirmar. A interpretação de Herbert von Karajan, à frente da Filarmônica de Berlim, é simplesmente luminosa. *L.M.C.*

BEACH HEADS
BRAZA
L. KIKO
QUEBRA-MAR
ARTE & DESIGN A. FRANCO
Rio Sul, 4º Piso
BOTAFOGO
Niterói Shopping, 2º Piso
NITERÓI
Bento Ribeiro Dantas, 59
BUZIOS
Aníbal de Mendonça, 111-D
IPANEMA
N.S. Copacabana, 749-808/9
COPACABANA

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO

Um mês menos brega, mas nem por isso muito menos cacete, entre os lançamentos, uh, "menos cotados". Vamos nessa. **Baltimora** é um irlandês radicado na Itália, e de lá invadiu as paradas com "Tarzan Boy". **LIVING IN THE BACKGROUND** (EMI-Odeon) traz essa e mais popinho xoxo metido a engraçadinho ⊗ Também da gloriosa península nos chega **NEW GLORY** (RGE), um duo tecnopop com letras em inglês — insignificância internacional ⊗ **MARILYN MARTIN** (WEA) é a moça que canta "Separate Lives" com Phil Collins, em LP próprio. Produção suingada, com peso, e perfeitamente inexpressiva ⊗ Mais uma do Departamento de hits FMísticos: **Phyllis Nelson** e seu **I LIKE YOU** (RGE). Ela é da Filadélfia, mas trai sua gente com o selo Carrére. Para francês ver ⊗ Felix Haug, do grupo suíço **Double,** já colaborou com o Yello. Em **DOUBLUE** (Polygram) ele prova que não aprendeu nada ⊗ Intervalo: boas notícias. **CRE-OLÉ** (WEA) é uma coletânea de Kid Creole. Sua banda funciona melhor ao vivo, mas a boa seleção musical enfatiza mais seu lado audível ⊗ **GAROTA DE IPANEMA** (Polygram), de Nara Leão e Roberto Menescal, *não é* uma coletânea mas parece. Traz todos os *standards* da Bossa Nova, gravados no Japão para lançamento em *compact disc*, com Oshida na bateria, Sakai no baixo e Yahiro na percussão (!!). E é bom ⊗ Hard rock: **ZENO** Roth, o irmão de Ult John, em grupo novo (EMI-Odeon). Bem produzido mas meio frouxo ⊗ Do Departamento de funkinhos brancos ingleses sem vergonha: **Shakatak,** com **DAY BY DAY,** e **Level 42** em **WORLD MACHINE** (Polygram). Nem Al Jarreau participando em um e Wally Badarou em outro salvam a pátria ⊗ Para os órfãos de Marco Antonio Araújo: **SAGRADO CORAÇÃO DA TERRA** (Bemol), do mineiro **Marcus Viana.** Classicóide, grandiloqüente e vão ⊗ Vá lá, mais boas novas. **Clara Sverner** (piano) e **Paulo Moura** (sax) visitam em **VOU VIVENDO** (EMI-Odeon) autores brasileiros (Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, R. Gnattali). Saboroso ⊗ **Plan 9** é um bom grupo da *garage psychedelia* americana, e **KEEP YOUR COOL AND READ THE RULES** (RGE) é seu terceiro LP ⊗ **THE GREAT WIDE WORLD OF QUINCY JONES** (Polygram) é de 60, quando o homem dirigia sua big band na Europa. Jazz competente porém comportado.

A.A.

BOLSA DE DISCOS

	HATFUL OF HOLLOW The Smiths (WEA)	DÉLICA Dulce Quental (EMI-Odeon)	LOVE The Cult (RCA)	O FUTURO É VORTEX Os Repicantes (RCA)	DIRTY WORK Rolling Stones (CBS)	SO RED THE ROSE Arcadia (EM -Odeon)
Tom Leão	Bom	Razoavel	Bom	Lixo	Bom	Lixo
José Augusto Lemos	Bom	Lixo	Bom	Lixo	Bom	Lixo
Alex Antunes	Bom	Lixo	Bom	Lixo	Bom	Lixo
José Eduardo Mendonça	Bom	Razoavel	Bom	•	Bom	Lixo
José Emilio Rondeau	Bom	Lixo	Bom	•	Bom	Lixo
Alfredo Borba Jr.	Bom	Lixo	Bom	Lixo	•	Razoavel
Leopoldo Rey	Bom	Lixo	Bom	•	Lixo	•

Sublime
Bom
Interessante
Razoavel
Lixo

Sujou!

DIRTY WORK

O novo disco dos Rolling Stones em sua nova gravadora.

Produzido por:
Steve Lillywhite (U2, Psychedelic Furs)
e The Glimmer Twins.

Participações especiais de:
Bobby Womack
Jimmy Cliff
Jimmy Page
Don Covay
Tom Waits
Janis Pendarvis e
Dolette McDonald
(da banda do Sting)
Patti Scialfa
(da banda do Bruce Springsteen).

CBS

LANÇAMENTOS

EU SEI QUE VOU TE AMAR (1985, Globo Vídeo)

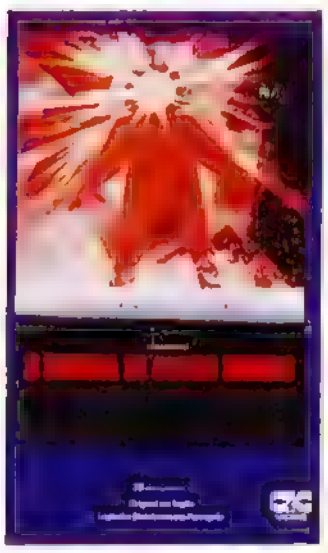
Foto cortesia Embrafilme

Direção: Arnaldo Jabor. Com Fernanda Torres e Thales Pan Chacon.

Jabor completa sua "trilogia entre quatro paredes", ou sócio-psicológica-de-kitchenette. Como em *Tudo Bem* e *Eu Te Amo*, o diretor exibe um dos mais altos padrões técnicos do cinema nacional, mas sucumbe à verborragia e à psicanálise de almanaque, linha Mascarenhas.

Ainda assim há bons momentos, todos por conta de Fernanda Torres (ou seja, de 50% do elenco, já que o filme todo é um duelo verbal de um casal em crise).

O ENIGMA DE OUTRO MUNDO (The Thing, 82, CIC)



Direção: John Carpenter. Com Kurt Russell e Wilford Brimley.

O diretor Carpenter *(Halloween, Fuga de Nova York, Starman)* refilma um clássico de Howard Hawks, *O Monstro do Ártico*, de 51. Os técnicos de uma estação polar são atacados por um ser espacial, ou melhor, por um princípio que transforma os animais terrestres em monstros. O filme é abertamente inspirado nos efeitos visuais de *Alien*, com uma profusão de cenas horripilantes. Grande pedida para os fãs do gênero

COM A CORDA NO PESCOÇO (Goin'South, 78, CIC)

Direção: Jack Nicholson. Com Mary Steenburger, Jack Nicholson, John Belushi e Cristopher Lloyd.

Uma chance rara de conhecer a outra faceta do brilhante Jack Nicholson. Neste western, ele dirige e interpreta a história de Henry Moon, um bandidão condenado à forca, que pode ser salvo se for pedido em casamento por alguma mulher proprietária de terras. Participação do hilário John Belushi.

DOIS TIRAS MEIO SUSPEITOS (Partners, 1982, CIC)

Direção: James Burrows. Com Ryan O'Neal e John Hurt.

História parecida com *Parceiros da Noite*, só que aqui o tom é de comédia. Dois policiais são destacados para se infiltrar na comunidade gay de Los Angeles, posando de namoradinhos. Um deles, Kewin (o ótimo John Hurt, de *1984*), é policial de escritório e homossexual de verdade, e deve facilitar as investigações do detetive Benson (O'Neal), um machão que vai ter que enfrentar situações, digamos, delicadas... Boa diversão.

MUSICAL

BRING ON THE NIGHT (1986)

Foto Goudeniche Sipa Press

Direção: Michael Apted. Com Sting e banda. Versão original.

Excelente vídeo com o ex-Police e seu novo grupo — Omar Hakim, Darryl Jones, Kenny Kirkland, Branford Marsalis, Dolette McDonald e Janice Pendarvis. Entrevistas, ensaios e toda preparação para a estréia do show em Paris. Explicações de Sting para esse seu projeto com músicos do jazz americano, e até confissões pessoais.

No som, performances invariavelmente vibrantes, melhores que o próprio disco.

U2 LIVE AT RED ROCKS (1984)

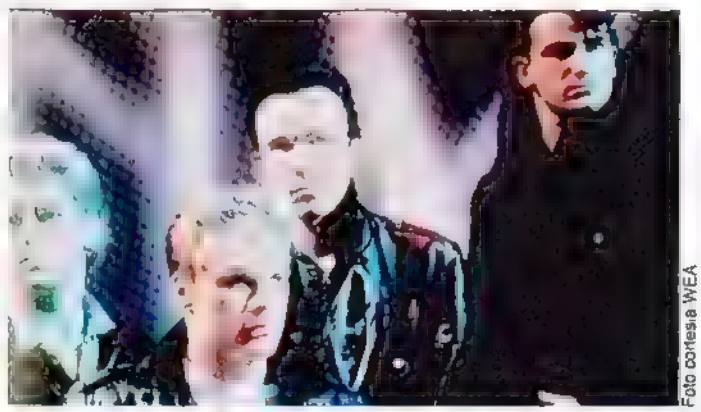


Foto cortesia WEA

A performance sonora do U2 nesse famoso concerto já é bem conhecida graças ao mini-LP *Under a Blood Red Sky*, cuja capa dá uma vaga idéia do delírio visual que o vídeo traz por inteiro. O cenário é natural, um anfiteatro encravado nas Montanhas rochosas, nos EUA.

A bruma torna ainda mais fantástica as imagens entre as rochas avermelhadas, e o vigor da banda em apresentações ao vivo e sua comunhão com o público não são novidade. Grande show, grande vídeo.

LIVE AFTER DEATH (1985)

Com Iron Maiden.

A banda ao vivo, em sua World Slavery Tour do ano passado. Além do metal pesado, uma cenografia inspirada no velho Egito, com sarcófagos e imagens do deus Anúbis. Fumaça, fogo e explosões de montão, e a múmia ambulante de quatro metros de altura que é a marca registrada do Maiden.

STATE OF GRACE (1985)

Direção: Jean Paul Goude. Com Grace Jones

Este é o vídeo *One Man Show*, de três anos atrás, com a inclusão do clip "Slave to the Rhythm". Ainda assim, os cenários e imagens concebidos por Jean Paul Goude não foram igualados em originalidade. No repertório, as clássicas "Warm Leatherette" e "La Vie en Rose".

COMÉDIA

UMA PULGA NA BALANÇA (1953)

Direção: Luciano Salce. Com Lola Brah, Paulo Autran, Waldemar Ney, John Herbert, Vicente Leporace Lançamento Globo Vídeo.

O italiano Salce esteve no Brasil nos anos 50, a convite da Vera Cruz, e acabou dirigindo os melhores filmes da empresa, esta comédia e *Floradas na Serra*. Aqui ele conta a história de um malandro que se deixa prender e, da cadeia, manda cartas para a casa de figurões recém-falecidos, simulando negócios desonestos com eles, para arrancar dinheiro das famílias.

AVENTURA

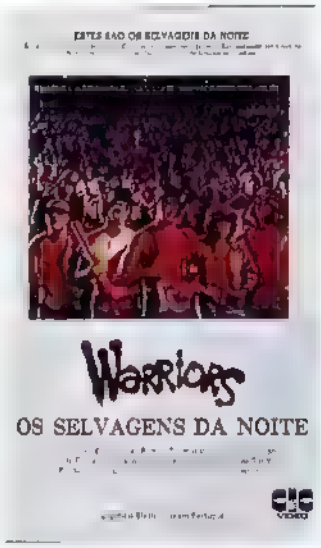
REPO MAN (1984)

Direção: Alex Cox. Com Harry Dean Stanton e Emilio Estevez.

Cult movie, inédito nos cinemas. Um garotão, Otto (Estevez) entra para a perigosa profissão de "repo man" (recuperador de carros não pagos). Surge em cena um certo Chevy Malibu'64, em cuja disputa entram bandidos, polícia, punks, cientistas e a CIA. Muito ritmo no filme e na trilha, com uma música inédita de Iggy Pop.

Fotos Estúdio Abril

WARRIORS, OS SELVAGENS DA NOITE (The Warriors, 1979)



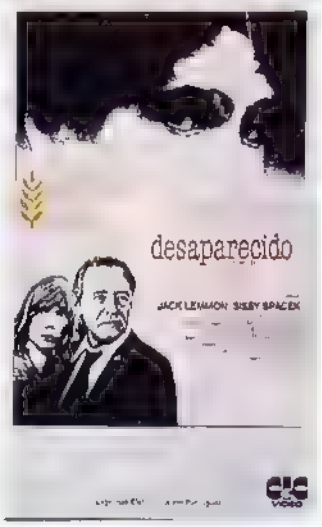
Direção: Walter Hill. Com Michael Beck e Dorsey Wright.

Uma tentativa de agrupar os cem mil membros das gangues nova-iorquinas degenera em assassinato e guerra entre elas. Os bodes expiatórios são os Warriors, uma ganguezinha de Coney Island, que tem que atravessar a cidade.

Ameaçada por todas as outras, cujos efetivos correspondem a cinco vezes a polícia da cidade, eles vivem muita ação em um bom filme de aventuras.

DRAMA

DESAPARECIDO (Missing, 1982)



Direção: Costa-Gavras. Com Jack Lemmon e Sissy Spacek.

Durante um golpe militar na América do Sul desaparece um jovem escritor americano. Seu pai e sua esposa, ao tentar localizá-lo, esbarram com uma cortina de mistério, alimentada pela própria CIA. Mais um suspense político de Costa-Gavras, o diretor do inigualável (nem por ele próprio) Z.

CORONEL DELMIRO GOUVEIA (1978)

Direção: Geraldo Sarno. Com Rubens de Falco e Nildo Parente. Lançamento Globo Vídeo.

Meio nacionalistóide, mas ainda assim um bom filme brasileiro. O Coronel, precursor da indústria nacional, enfrenta o monopólio das empresas inglesas na imaginação e no tiro.

SUSPENSE

SHOCK (1983)

Direção: Jair Correia. Com Taumaturgo Correia, Cláudia Alencar, Elias Andreato. Lançamento CIC.

O velho truque: várias pessoas estão reunidas em uma casa isolada e começam a ser assassinadas, uma a uma... Só que a situação clássica, aqui, é desenvolvida pelo diretor brasileiro Jair Correia. Vale mais como curiosidade.

PSICOSE II (Psycho II, 1983)

Direção: Richard Franklin. Com Anthony Perkins e Vera Miles.

Uma missão perigosíssima: filmar a continuação do genial filme de Hitchcock, 22 anos depois. E até que o diretor Franklin não se saiu mal. Perkins, como o psicótico Alan Bates nos dois filmes, ajuda muito. Ele volta para casa, aparentemente curado, mas um novo assassinato acontece....

Fitas cedidas pela locadora Omni Vídeo e pelas distribuidoras CIC e Globo Vídeo. As resenhas são de Alex Antunes

NASTASSJA KINSKI

Foto Lassen-Gamma/Sigla

Ela é Nastassja Nakszynski, para o cartório de Berlim Ocidental que registra seu nascimento a 24 de janeiro de 61. Ou *Nasty* ("safada", em inglês), para os amigos e namorados, entre os quais a imprensa sensacionalista costuma listar quase todos os diretores (de Wim Wenders a Francis Ford Coppola) e atores (de Gerard Depardieu a Marcello Mastroianni) com quem trabalhou. Mas os romances nunca atrapalharam a seriedade profissional de Nastassja, cuja beleza e intrigante mistura de ares ingênuos e maliciosos já garantiriam (além de comparações a Brigitte Bardot e Marilyn Monroe, entre outros mitos) uma carreira certa. De filme para filme, a filha do esquisito ator Klaus Kinski (de *Aguirre* e *Fitzcarraldo*) tem colecionado performances sensacionais.

Estreou em *Movimento Errado*, um dos primeiros filmes de Wim Wenders, aos treze anos. Voltaria a filmar com ele dez anos depois, em *Paris, Texas*, já suficientemente eclética para interpretar uma dona-de-casa americana que acaba caindo em espetáculos pornográficos. Seu primeiro sucesso foi *Tess*, do namorado e mentor Roman Polansky ("Ele me educou"), abrindo-lhe as portas para *O Fundo do Coração*, de Francis Coppola, *A Marca da Pantera*, em que ela faz uma adequada *Mulher-gato*, e até a capa da revista *Time* (a da *Playboy* foi mais fácil de conseguir...).

De lá para cá, fez filmes memoráveis, como *Os Amantes de Maria* (uma interpretação sensibilíssima da mulher de um soldado neurótico, incapacitado para o sexo), o próprio *Paris, Texas* e *Harem* (ainda inédito no Brasil, como seu mais recente filme, *Revolution*), em que ela é uma executiva seqüestrada por um xeque árabe. Nastassja foi casada com o empresário egípcio Ibrahim Mussa, com quem teve o filho Aliosha, já com dois anos de idade. Adora literatura (lê e fala quatro idiomas) e todo tipo de música: clássica, jazz, Elvis, Beatles.

FILMOGRAFIA COMPLETA: *Falsche Bewegung* (75); *Hotel der Leidenschaftlichen Blumen* (75); *To the Devil a Daughter* (76); *Stay as You Are (Tentação Proibida, 78); Tess (Tess, 78); One From the Heart (O Fundo do Coração, 82); Cat People (A Marca da Pantera, 83); Exposed* (83); *La Lune dans le Caniveau* (83); *Spring Symphony (Sinfonia da Primavera, 83); Unfaithfully Yours (Infielmente Tua,84); Hotel New Hampshire (Hotel Muito Louco, 84); Maria's Lovers (Os Amantes de Maria, 84); Paris, Texas (Paris, Texas, 84); Harem* (85); *Revolution* (85).

A.A.

para

EM BUSCA DO BATUQUE ESQUECIDO

Depois da consagração no Rock in Rio, veio a ressaca. E ela era o momento ideal para uma reviravolta, colocando o rock brasileiro no eixo Caribe-Bahia.

Foto Pedro Martinelli/Abril

De cima para baixo: a consagração no Rock in Rio,

Foto Adolfo Gerchmann, Abril

Barone engessado; fazendo arte em nosso estúdio

"Selvagem" é o apelido de uma fotografia esmaecida pendurada na parede de um apartamento em Copacabana. Este instantâneo é mínimo, comparado aos posters de Led Zeppelin, Bob Marley e Jimi Hendrix que enfeitam os 24 metros quadrados deste quarto. Mas é fundamental para compreender como andam sendo empregados a bateria, o baixo, a guitarra que repousam espalhados. Na foto, um maluquete dos seus 16, 17 anos posa na frente de uma barraca de acampamento cor de abóbora, no meio de uma vegetação neutra. Os longos cabelos louros estão escovados para frente, caindo sobre a testa, como se formassem uma bisonha peruca. O cara está nu, exceto por uma camiseta encardida cobrindo a cintura e o púbis. O sorriso é definitivamente idiótico. Nas mãos, um arco e flecha.

"Não é um aborígine", sugere uma voz no quartinho de Copacabana. "É um idiota", sentencia. Duas gargalhadas se juntam aos risos da voz que decretou a sentença ao sujeito da foto. Debaixo da brincadeira, contudo, está a verdadeira história do disco mais polêmico e esperado nos últimos anos, o terceiro álbum da única banda que permanece intacta desde o aluvião rock que a despejou no Brasil junto com as primeiras versões das recém-re-layoutadas Blitz, Barão Vermelho e Kid Abelha: os Paralamas do Sucesso.

Aquela foto — de Pedro Ribeiro, irmão do baixista e "mentor intelectual" dos Paralamas, Bi — foi a catalisadora de todo um processo de repensagem dos Paralamas, detonado às vésperas da gestação do sucessor do hit *Passo do Lui*. Acabou inspirando uma das maiores reviravoltas de que já se teve notícia na carreira de um grupo brasileiro. E virou a foto de capa do disco resultante desta reviravolta, *Selvagem?* "Foi uma brincadeira com um certo fundo contestatório", explica Herbert Vianna no quartinho de Copacabana, na verdade um dos cômodos do apê da avó de Bi Ribeiro, Ondina, que tem servido de local de ensaio da banda desde sua formação. "Não só em relação às capas de disco, mas também em relação a toda a estética, todo o tratamento visual do rock brasileiro, uma sacanagem que contrastaria com esta coisa de sério, compenetrado, de gola levantada, aquele olhar. Daí começou a pintar a idéia — ou melhor, a foto catalisou a idéia — de um disco que chocasse. A nossa intenção era chamar atenção para outras coisas que a gente estava ouvindo, de uns dois anos para cá, e sobre as quais ninguém falava, como Yellowman, Dr. Alimantado, todo um outro mundo musical que corre paralelo a toda esta coisa de rock e pop.

"E no Brasil ninguém vê isso", arremata Bi, com o joelho roçando a correia de seu baixo, toda enfeitada com as cores da bandeira jamaicana — vermelho, verde e amarelo. "Só vêem a parte do rock branco. Na Inglaterra existe muito reggae, mas ninguém vê isso. E tem mais a ver com o Brasil do que qualquer coisa."

Explicando assim é fácil, mas na época em que Herbert se preparava para compor as músicas do terceiro disco dos Paralamas, o poço de idéias estava "vazio e cansado". Naquele outubro, ano passado, os Paralamas ainda se viam embolados no redemoinho de atividades cuja espoleta foram duas apresentações apoteóticas e consagratórias no Rock in Rio e que resultariam num sem fim de shows, clips, viagens, shows, viagens. Ah, e muitos shows, também. E não é só isso. Com seu primeiro disco de ouro debaixo do braço — até hoje *Passo do Lui* já vendeu duzentas mil cópias —, os Paralamas estavam com uma expectativa imensa despejada sobre seus ombros. Ou melhor, sobre os ombros de Herbert, até então o compositor "oficioso" da banda.

"Basicamente isto acontecia porque as letras do Herbert tinham características muito pessoais", explica o baterista João Barone. "Basta ver: 'Meu Erro', 'Eu Uso Óculos'."

"Estava me afligindo aquele esquema de eu ficar responsabilizado pelas composições", recorda Herbert, "e a responsabilidade de pedir para parar — e interromper a atividade de uma série de pessoas que formam uma estrutura inteira que trabalha a partir de nós. O destino se encarregou de tirar 'a culpa de pedir para parar'." No dia 6 de outubro, Barone e a namorada passeavam de carro em Porto Alegre. João se distraiu no volante, o carro derrapou, caiu nu-

ma vala e o impacto fraturou a perna esquerda de Barone. Por causa do acidente ele precisou colocar uma placa de platina para estruturar o platô da tíbia. E por causa da fratura — e do conseqüente repouso regulamentar — os Paralamas precisaram definitivamente adiar seus planos de composição e gravação.

Sozinhos, Bi e Herbert se trancafiaram na casa da vovó Ondina. Ainda desanimado, Herbert profetizava, amargo, o futuro dos Paralamas: "Vamos acabar sendo conjunto de baile". Por força de suas palavras, a música que ele e Bi mais costumavam tocar neste período era "We Are the World". Aos poucos, nestes ensaios em dupla começou a se delinear uma alternativa: em vez de tentarem construir canções a partir de idéias de letras e/ou melodias, Bi e Herbert passaram a sedimentar determinados *grooves*, determinadas bases rítmicas, de forma que surgiam músicas enormes e mântricas, hipnóticas pela repetição continuada dos temas. "Ficava tão bom", recorda Herbert, "que houve uma hora em que a gente pensou em fazer um disco totalmente instrumental."

"Na verdade, a gente já vinha explorando esta coisa do *groove* desde os últimos shows da turnê do *Passo do Lui*", admite Herbert. "Cada noite subíamos no palco com uma tonelada de equipamentos novos — *delays*, *harmonizers*, percussão eletrônica — e ficamos reinventando as músicas todas, fazendo *dubs* enormes e, após um certo tempo, até enxertando trechos do que viriam a ser as músicas deste novo disco. Por exemplo, no meio de 'Menino, Menina' a gente enxertava um pedaço de 'Alagados'. Neste tempo, 'Óculos' não durava menos de dezessete minutos ao vivo."

Os ensaios continuaram até que um disco de reggae que o pai de Bi mandou do Chile (por alguma razão o mercado chileno é periodicamente invadido por discos de reggae) acionou algum fiozinho na cabeça de Herbert que o fez recordar um riff de baixo, que o fez elaborar um fraseado de guitarra no estilo da música *high life* africana, que acabou se transformando no embrião de "Alagados". A letra veio depois, mas Herbert tinha "até vergonha de mostrar pro Bi, porque era uma letra de samba.

"O público nos deu o aval para experimentar. Agora a gente faz o que quiser"

Mas caía perfeitamente naquela música". Quando Barone ouviu "Alagados", também pensou imediatamente em samba e "aquela música pedia tamborins, mas fiquei cheio de pudores, porque achava que todo mundo que fazia o tal terceiro disco apelava para um tamborim".

Daí para diante, o bloqueamento criativo estava rompido. Novas idéias rítmicas iam surgindo, para só mais tarde serem vestidas de letra e melodia. Gilberto Gil, com quem os Paralamas já haviam feito, no ano passado, uma série de shows pelo Brasil, emprestou seus serviços, assinando a letra de "A Novidade", um serviço em tempo recorde. Ele estava em Florianópolis e recebeu a *demo* com as bases da música às dez da manhã. Às quatorze horas, tocava o telefone na casa de Herbert: era Gil, pronto para ditar a letra. "E ele respeitou a métrica da melodia centímetro por centímetro", se fascina Herbert, "respeitou as sílabas, a acentuação tônica, tudo".

Aos poucos o repertório do que seria o novo disco ia tomando corpo: um *dub* brincalhão sobre as agruras da vida de marinheiro, destacando as vozes de Barone e Bi pela primeira vez num disco dos Paralamas; um reggae pesado cuja frase de abertura é um rosnado de "a cidade apresenta suas armas"; um lamento terceiro-mundista sobre as crianças de Teerã; uma canção de amor que destrincha as possibilidades da vida de casado. E a própria "Alagados", uma pungente ode às pessoas que cultivam a "arte de viver da fé... só não se sabe em quê". Decerto, nada do que se esperaria de um disco dos Paralamas. Uma total inversão de expectativas.

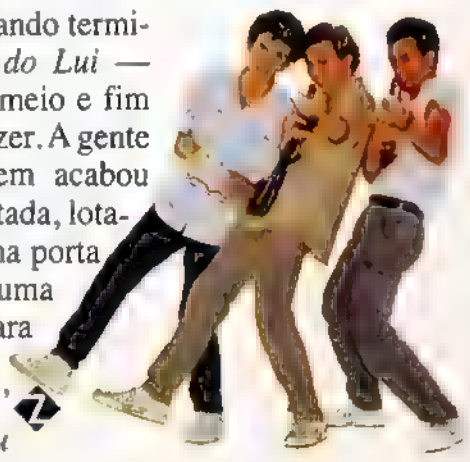
"O público nos deu o aval para experimentar", diz Herbert. "Acho que agora a gente pode fazer o que quiser sem ter o compromisso de estar preso a um estilo. As pessoas já estão preparadas para um susto, numa boa." Nem todas, a notar pela receptividade inicial de *Selvagem?* A expectativa criada em torno do disco foi imensa e provavelmente sem precedentes na história recente da indústria fonográfica brasileira. Rádios se debatiam por uma cópia do disco, fechado a sete chaves pela gravadora (embora exibido à farta a quem quisesse ouvi-lo no estúdio onde os Paralamas gravaram e mixaram o álbum). Quando, finalmente, as rádios conseguiram pôr as mãos no mix de "Alagados", os Paralamas simplesmente acamparam nos *playlists*. No primeiro dia de execução, "Alagados" foi tocada 57 vezes no Rio de Janeiro. Na Bahia, tocou 67 vezes. O ponto crítico para se considerar uma música um super-sucesso é de trinta execuções.

Ao mesmo tempo em que as rádios já lambuzavam seus ouvintes com o batuque de "Alagados", páginas de jornal eram gastas com um suposto golpe publicitário engendrado pela gravadora dos Paralamas para lançar *Selvagem?* Os Paralamas estavam promovendo festas de funk e reggae com seu fotógrafo oficial e consultor para assuntos futebolísticos, Maurício Valladares; o irmão de Herbert, Hermano Jr., estava assinando artigos celebrando a efervescência da música negra no mundo e lamentando o estado da música inglesa, e o novo disco dos Paralamas era o mais africano possível. O *Jornal do Brasil* somou alhos e bugalhos e criou um Frankenstein jornalístico, lascando manchetes tipo "o vírus negro que assola o rock Brasil". E o circo estava armado, com suítes em outras publicações e pedras rolando.

"Esta é uma discussão que poderia ser super-salutar", lamenta Herbert, "do tipo 'o que há de tão bom assim na música negra e o que há de tão errado assim na música inglesa?' E que foi abreviada da forma mais tosca possível."

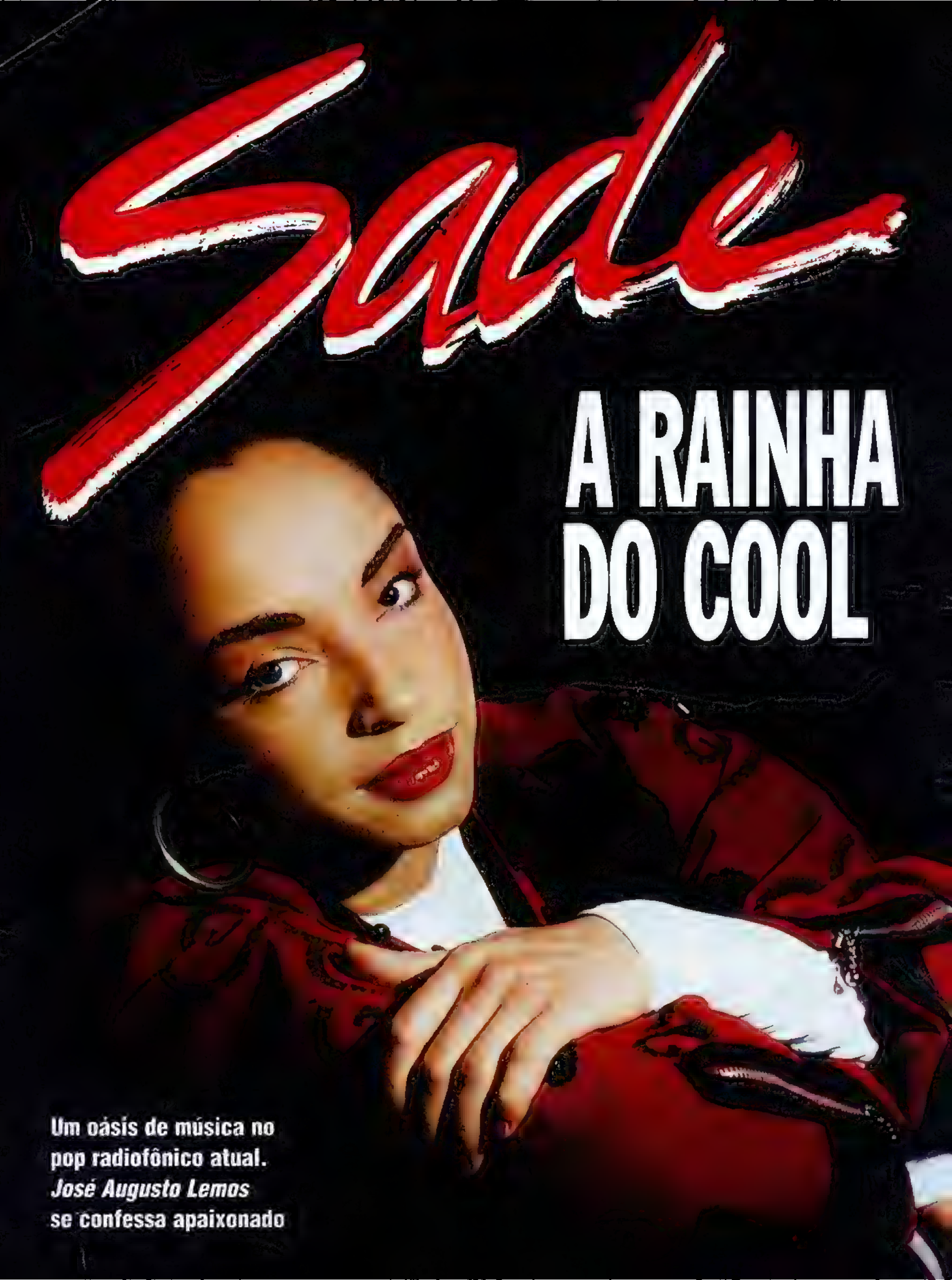
"Admito que é um disco difícil de se engolir — só o compacto tem cinco minutos — mas é apenas uma série de idéias inacabadas que vão servir para o futuro. E esta qualidade de inacabado é saudável. Quando terminamos de gravar *Passo do Lui* — um disco com começo, meio e fim — não sabíamos o que fazer. A gente está neste disco como quem acabou de sair de uma sala apertada, lotada de gente, descobre uma porta e vê que depois existe uma sala enorme e vazia, para explorarmos. E nós só demos o primeiro passo."

José Emílio Rondeau



Sade

A RAINHA DO COOL



Um oásis de música no pop radiofônico atual. *José Augusto Lemos* se confessa apaixonado

"O ano da apatia." Assim foi descrito 1975 em todas as análises e retrospectivas do punk, para legitimar o golpe-de-estado desencadeado pelos Sex Pistols no ano seguinte.

Uma verdade relativa. O "ano da apatia" deu pelo menos dois belíssimos LPs — *Young Americans* do Bowie e *Physical Grafitti* do Led Zeppelin (a *Discoteca Básica* deste mês). E, ao que consta, havia um carrossel de iniciantes incendiando a noite novaiorquina: Patti Smith, Ramones, Television, Talking Heads, Blondie...

Moral da história: 1986 está correndo o risco de ser bem pior.

Folhear as revistas de música inglesas e americanas tem sido um ritual desesperador. O panorama exala baba por todos os poros — Mr. Mister, A-ha, Howard Jones, Madonna...

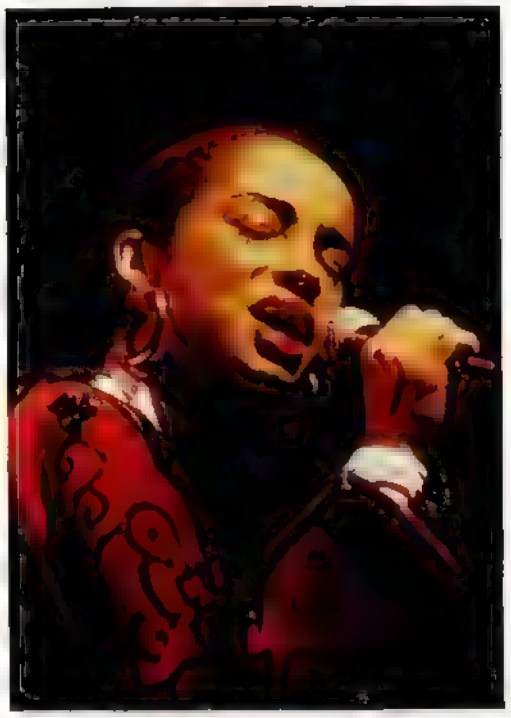
E o que isso tem a ver com a voz sedosa de Sade Adu? Nada.

Ainda bem. O seu coquetel de cool jazz com soul pode não oferecer nada de "novo" ou "transgressivo", mas também não compactua com a atual ditadura do pop sintético, sem sal nem rosto, que infecciona o vinil terráqueo.

Diamond Life, seu LP de estréia, vendeu quase seis milhões de cópias no mundo todo, por culpa exclusiva de sua música. Uma caçada arqueológica ao "bom gosto" e à "elegância" que tem suas raízes no revival de jazz que nasceu em Londres por volta de 82.

Se Paul Weller desmantelou o Jam para, com o Style Council, embarcar nessa "nova onda", ninguém sabe. O fato é que a recuperação do cool jazz (e, por tabela, a bossa nova) encontrou mãos mais delicadas no Everything but the Girl e no Working Week de Simon Booth — espécie de mentor do "movimento" junto ao D.J. Paul Murphy. Um circuito restrito a alguns clubes como o Ronnie Scott's, templo do jazz em Londres já há algumas décadas.

Foi justamente esse o alvo da banda Pride, que tomaria o mundo trocando sua alcunha pelo nome da cantora Helen Folasade Adu, ou simplesmente Sade Adu: Stuart Matthewman (responsável por boa parte das composições, pela guitarra e por um dos saxofones mais afrodisíacos que já invadiram a música pop), Paul Denman (baixo), Andrew Hale (teclados) e Paul Cook (baixo). A Pride tinha também um líder, Ray St. John, que acabou largando a banda mas deve viver confortavelmente



Rasgando a alma, em show na Alemanha

hoje com os direitos autorais do "Smooth Operator" (de sua autoria e de Sade), a pegajosa bossa-soul que estourou mundialmente o LP.

Quando assinou com a CBS, em janeiro de 84, a srta. Adu e sua banda não passavam de ilustres desconhecidos fora desse minúsculo gueto jazzófilo. E foi sistematicamente ignorada pela imprensa especializada antes de "Smooth Operator" — o segundo compacto extraído de *Diamond Life*, depois do sucesso apenas relativo de "Your Love is King". A única exceção foi a bíblia de estilos *The Face*, que lhe deu a capa simultaneamente à chegada dos LPs nas lojas. Como o namorado da moça era ninguém menos que o editor da revista, Bob Elms, a garota passou imediatamente a ser tratada como *armação* pelas publicações mais sérias. É claro que, uma vez atingido o status de estrela internacional, o rótulo não colava mais. Resultado: hoje ela não passa da "trilha-sonora para burguesinhos acomodados".

Quem a viu no Live Aid ou leu suas entrevistas, percebe que o fogo cruzado de críticas e egolatria que infestam o universo pop não a atingem muito. Sade dá, aliás, a impressão de circular embaraçada e sem jeito, como se o circo fosse uma espelunca que é obrigada a freqüentar por puro profissionalismo. O que a torna ingênua a ponto de quebrar as regras e rasgar o protocolo, como fez recentemente num show em Frankfurt, na Alemanha. Em pleno palco, parou de cantar e desatou a chorar, praguejando contra a instabilidade do amor — tinham acabado de contar a ela que seu novo namorado, Spike Denton, estava de caso com uma acupunturista grega (!)

No mais, a crítica mais comum ao segundo LP — *Promise* — é que ele não é tão bom como o primeiro. É verdade... mas *Diamond Life* possui tal riqueza de melodias e arranjos multitexturados que, assim que o tempo apagar os preconceitos, será considerado um clássico. Mas talvez ela não esteja nem aí.

Sade conta, com prazer, que quando foi visitar a avó, na Nigéria (onde seu pai nasceu), a velhinha não deu a menor bola para a profissão da neta. Afinal, diz ela, na cidadezinha de sua avó, *todo mundo* canta do minuto em que acorda até a hora em que vai se deitar.

Sade e banda; da esquerda: Stuart Matthewman, Andrew Hale (teclados) e Paul Denman (baixo)...

Fotos Liason-Gamma/ Sigla

Foto cortesía CBS

ROLLING STONES

Cenas do último capítulo

Foto Goldsmith. Stills

Será o fim da instituição consagrada como "a maior banda de rock de todos os tempos"? Ao que tudo indica, *sim*, para desespero de *José Emilio Rondeau*, um comovente caso de *stonemania* crônica

ROLLING STONES

Tudo vai bem no *front* stoneano. A banda cavalga fagueira o sucesso crítico e comercial do álbum *Dirty Work*, seu melhor disco em quinze anos e o primeiro resultado parcial da mais esperada experiência musical de todos os tempos: o teste "haverá-rock-depois-dos-40?" Até agosto os Stones terão caído na estrada, numa turnê mundial que percorrerá Estados Unidos, Europa, Japão, Austrália, Nova Zelândia, São Paulo, Rio de Janeiro...

Não é nada disso. Tudo vai *muito mal* no *front* stoneano. Tão mal que são enormes as chances de os Rolling Stones já não existirem mais quando esta revista chegar às bancas ou, pelo menos, de existirem sem Mick Jagger.

As histórias que rolam sobre a implosão dos Stones — um lenga-lenga antigo, que remonta aos primeiros anos da banda — atingiram o clímax e seu ponto mais perigoso justamente num momento em que os Stones renasceram artisticamente, com um disco vivo, inteligente e afiado. Na teoria, como este disco é o primeiro do grupo dentro do milionário contrato fechado com a CBS mundial (os cálculos mais exagerados falam em 25 milhões de dólares) e como só tem recebido elogios, a hora praticamente ruge por uma turnê promocional nos mesmos moldes das excursões de 81/82, as últimas que os Stones fizeram. Mas acontece que foi criada uma enorme distância entre a fome de estrada característica de Keith Richards e a relutância de Mick Jagger em dedicar mais tempo aos Stones. Para Richards, não excursionar agora é "uma idiotice". Mick, por outro lado, garante que "(esta banda) não é o meu único interesse na vida. Passei um ano inteiro fazendo este álbum e agora preferiria cuidar de outras coisas, seja lá o que for — vídeos, filmes, livros. Não tenho planos para turnê, com ou sem os Stones". Pausa para suspense. "Mas", retruca Jagger, "as coisas podem mudar." Agora, se Jagger resolver excursionar solo, apoiado no repertório de sua estréia individual, *She's the Boss*, é melhor não encontrar Keith pela frente. Richards já tem tudo planejado: "se ele se apresentar sem esta banda (os Stones)", ameaça Keith, "eu corto o pescoço dele".

Imaginar os Stones sem Mick Jagger é tão absurdo quanto dissociar Jagger dos Stones. Mas, bolas, Jagger já gravou sem os Stones um álbum inteiro e nele quebrou, pela primeira vez, o código de honra dos Glimmer Twins — apelido coletivo que, durante anos, representou a indissolubilidade da dupla autoral Jagger/Richards — e assinou sozinho todas as músicas de *She's the Boss*. Passa, então, a soar menos estranha a virtual ausência de Mick nos primeiros meses da gestação de *Dirty Work*. Enquanto Keith e o restante da banda se trancafiavam num estúdio parisiense, Jagger, o eterno relações-públicas, percorria o mundo divulgando *seu* trabalho solo (que acabaria despencando no esquecimento). Até aí, nada de mais: na época em que Richards chafurdava semicomatoso na heroína, Mick garantia a retaguarda no estúdio. Vale dizer que as conseqüências foram desastrosas, no mínimo. Os piores discos dos Stones são deste período, que vai de 73 a 78. Só que, agora, a liderança de Richards e o descaso de Jagger tornaram-se tão notáveis e evidentes que *Dirty Work* foi apelidado de "o disco de Keith", ainda que Richards só tenha contribuído com duas canções, a balada "Sleep Tonight" e a feroz "Hold Back" (Ron Wood foi o "campeão". São dele "One Hit (to the Body)", "Fight", "Dirty Work" e "Had it with You)". Jagger deu, prontas, "Winning Ugly" e "Back to Zero" (esta co-assinada pelo tecladista Chuck Leavell, que também participa do disco).

Acontece que a grande diferença básica entre Mick e Keith é justamente a *dedicação* aos Stones. Para Richards, os Stones são *tudo* e quando começam a pipocar muitos projetos individuais — sejam os singelos álbuns do baixista Bill Wyman ou o agrupamento informal integrado pelo baterista Charlie Watts sob o nome de Rocket 88, sejam os discos de Ron Wood —, que já existiam antes mesmo de ele ser um Stone — ou as peripécias de Jagger —, ele se irrita. "Não que ele considere uma ameaça este tipo de coisa", explicou Bill Wyman numa entrevista, "mas é uma interferência que não o agrada." Mick, por outro lado, há muitos anos vem alimentando incursões paralelas à banda. Mesmo nos anos 60, ele já fazia filmes, como *Performance* e *Ned Kelly*. E hoje, perto das bodas de prata dos Stones, a banda é a última coisa em que ele quer pensar. "Não é mais como se eu tivesse 19 anos e quisesse dar à minha banda o máximo de exposição", desenvolveu Jagger na revista *Musician*. "Esta banda já fez tudo que podia ter feito e muito mais. Atingi todos os meus objetivos. Os Rolling Stones são tudo aquilo que eu sempre quis que eles fossem. E mais, até. Tenho muito orgulho da

Foto Star File/ Stills

Os "Glimmer Twins" (Gêmeos do Brilho), no auge de sua duradoura parceria, fazendo valer o título de maior banda de rock do mundo, em 72

banda e tenho muito orgulho de minhas realizações dentro dela. Mas acho que mereço me manter vivo fazendo outras coisas.''

Se estas desavenças forem resolvidas — ou digeridas, no mínimo —, os Stones terão à frente um verdadeiro parque de delícias. Nenhuma das bandas que foram suas contemporâneas — Who, Beatles, Led Zeppelin — e que ofereciam a principal concorrência, continuam vivas. O mundo seria dos Stones, se eles quisessem. Mas não é só isso: o próprio Keith já lançou a proposta de um rock maduro, sem ''essa babaquice de Peter Pan. Nós somos a última chance de se provar a possibilidade do pop amadurecer e continuar sendo bom fora da adolescência''. *Dirty Work* — ou melhor, a forma como foi preparado — e todos os eventos que cercaram as gravações dão testemunho de um inédito acréscimo de atividade e burilações artísticas entre os Stones.

A começar da própria escolha de um produtor extrabanda — Steve Lillywhite, celebrizado pelas densas florestas de eco e compressores digitais que engendrou nos melhores discos do U2, Simple Minds e Big Country, e o primeiro não-Stone a produzir os discos da banda desde Glyn Johns, nos anos 70. Embora tempos antes Jagger tivesse vociferado contra a possibilidade de um produtor trabalhar com os Stones — ''A maioria deles não tem autoridade para dizer 'êi, Mick, esse arranjo é uma bosta' ''.

A entrada em cena de Lillywhite foi ultraproducente (sem trocadilhos). E muito bem aceita pela banda, mesmo respeitando o *modus operandi* dos Stones — ''As gravações, como sempre, se baseavam em *jamming* (improvisos coletivos)'', recorda Lillywhite, que influenciou muitíssimo a forma do disco. Foi dele, por exemplo, a sugestão do breque em ''One Hit'' que desemboca num tema acústico, antes da explosão final. São dele as pontuações rítmicas nos pratos que Charlie Watts passou a incorporar em maior número (Charlie foi, provavelmente, quem mais ''sofreu'' com Lillywhite, que passou dias e dias estudando a microfonação ideal para a bateria, quando Watts está mais acostumado a sentar e tocar). Em suma, Steve ensinou aos Stones a importância da dinâmica na *execução* de uma faixa. Os Stones sempre foram dados a gravar, gravar e costurar tudo depois, na mixagem. Lillywhite escolheu o caminho inverso. Gravava dois, três *takes*, no máximo, de cada faixa, com toda a estrutura pronta, sem necessidade de edições ou trucagens de mixagem. Ao exercer este tipo de autoridade sobre os Stones, Lillywhite recebeu, em troca, a disciplina e o respeito da banda.

Este espírito democrático — os Stones escutando (o que já é difícil) e aceitando (o que era considerado impossível) os truques de Lillywhite — estimulou, também, uma deliciosa embolada de funções. Bill Wyman tocou sintetizador em ''Back to Zero''. Ron Wood tocou bateria (!) em ''Sleep Tonight''.

Tudo isto, porém, só chegaria a um bom termo e realmente frutificaria se Jagger e Richards voltassem a se entender, se o futuro dos Stones não fosse tão incerto. Contudo, o estranhamento vem sendo alimentado de ambos os lados, com farpinhas ocasionais desgastando continuadamente um relacionamento pessoal e artístico que já dura mais de 25 anos.

Dirty Work começou a ser gravado em janeiro de 85 (será que foi por isso que eles não vieram ao Rock in Rio?) e Jagger esteve ausente da maioria das gravações iniciais. Quando os trabalhos foram transferidos para Nova York, em junho, Jagger tornou-se mais presente, mas logo anunciou que participaria do show Live Aid... sem os Stones. Por acaso — mas com um doce sabor de vingança — Richards acabaria também escalado para o mesmo show, convidado

Foto Regan/ LFI

Nos bastidores do Live Aid, cada um para o seu lado: Keith, Daryl Hall, John Oates, Ron Wood (de pé), Tina Turner, Mick, Joan Baez e Dylan

ROLLING STONES

para encerrar o Live Aid num trio acústico formado por ele, mais Ron Wood e Bob Dylan. Jagger, ao vivo, arrasou, saracoteando com e sem Tina Turner através de um repertório que misturava faixas de *She's the Boss* com clássicos dos Stones, como "It's Only Rock'n'Roll". O trio acústico liderado por Dylan parecia mais um bando de bêbados indiferentes ao transcendentalismo de seu encontro. Mas, descontadas estas falhas, o destino encarregou-se de uma engraçada ironia: Jagger abrindo o show para Richards.

De quebra, Keith defende-se da má qualidade do show que ele, Wood e Dylan fizeram. "Não havia monitores", explica, "e tudo que conseguíamos ouvir naquela confusão era o

Foto Star File, Stills

Sir Keith, uma lenda viva que ensinou os blues a Bono

barulho da banda que estava afinando atrás de nós para tocar "We Are the World".

Mas o próprio Live Aid serviu para Keith como um ponto de encontro com uma série de artistas que jamais teriam se reunido num mesmo lugar, ao mesmo tempo, não fosse o Live Aid. A partir dali, Keith espalhou seu raio de ação para bem fora dos Stones e participou de discos com Bobby Womack, o trio Phantom, Rocker & Slick, Nona Hendryx e Tom Waits. Mais tarde, Womack e Waits retribuiriam a gentileza, participando de *Dirty Work*.

Nesta época, Richards conheceu Bono Vox, vocalista do U2. Bono estava em Nova York para gravar o vídeo e o disco *Sun City*. Num dia de folga, ele e Peter Wolf foram ao estúdio onde os Stones estavam trabalhando, para visitar Lillywhite. Bono então conheceu Keith. "Ele quase não fala", recordaria Bono meses mais tarde. "Lá estava ele, sentado no piano, batucando as teclas, gritando uma sucessão de blues que eu jamais tinha ouvido. Era justamente a música que os irlandeses de minha geração fizeram questão de odiar, por ser uma coisa tão antiga. Eu não conhecia nada daquilo — o primeiro disco que comprei foi *Horses*, da Patti Smith, em 1976".

"Quando Keith parou de tocar, olhou para mim, como se dissesse 'agora mostre algumas de suas canções'. E eu não tinha nada para mostrar. Me senti impotente, incapaz de meter a mão lá no fundo e arrancar canções como aquelas." Quando Bono explicou a Keith seu desconhecimento do blues, Richards gargalhou, coçou o anel de caveira e sugeriu: "Cara, bem que a gente poderia atualizar você". Emocionado com o encontro, Bono voltou para o hotel e, naquela noite, compôs o primeiro blues de sua vida, "Silver and Gold". Telefonou para Steve Van Zandt — que coordenava o projeto *Sun City* — e disse que gostaria de incluir a nova canção no disco. Steve lamentou muito, mas o álbum seria masterizado em 24 horas e, portanto, era impossível a inclusão de qualquer outra música. Bono não se fez de rogado, alugou um estúdio, chamou Keith e Ron Wood e, juntos, gravaram "Silver and Gold". Mesmo sem constar da ficha técnica do disco, "Silver and Gold" acabou sendo incluída em *Sun City*. E Bono embrenhou-se de tal maneira no blues que suas composições mais recentes parecem saídas do repertório de Robert Johnson,o tetravô dos blueseiros,provavelmente o maior de todos eles. Até os títulos destas músicas são johnsonianos: "Acorde, Homem Morto", "O Diabo na Casa Hoje à Noite". E tudo isto por causa de Keith Richards.

Até a data de edição deste número de BIZZ, o futuro dos Stones era, no mínimo, incerto. A *Musician* sumarizara, numa matéria de capa, toda a situação caótica da banda: "Stones a perigo". Nela, uma fonte bastante entranhada nos meandros da máquina Stone garantia que, se publicasse uma história dizendo que Mick Jagger estava saindo dos Stones, a revista "não se decepcionaria". Pouco depois, a *Rolling Stone* sugeriu a iminência de uma turnê dos Stones — em agosto, provavelmente — para, numa edição seguinte, sepultar as esperanças com uma negativa definitiva. A única possibilidade, ao que parece, seria a de uma turnê de Ron Wood com Keith Richards (sem os demais Stones), nos moldes da excursão que eles fizeram em 79, sob o nome de New Barbarians, com Stanley Clarke no baixo.

Todos os cincos Stones num mesmo palco? Provavelmente nunca mais. A última vez que eles se reuniram para tocar foi em fevereiro, num tributo ao sexto Stone, Ian Stewart, vítima de um enfarte fulminante em dezembro do ano passado. Para celebrar o boogie-woogie que sempre foi a paixão de Stu, os Stones se fecharam no 100 Club, em Londres (a mesma biboca que catapultaria para o mundo, dez anos antes, grupos como Sex Pistols, The Jam e Siouxsie and the Banshees), e convidaram alguns amigos — Lillywhite, Eric Clapton, Jeff Beck, Jack Bruce, David Gilmour, Roland Orzabal (do Tears for Fears). Charlie Watts se atrasou e foi substituído, nos primeiros 45 minutos de show dos Stones, por Simon Kirke, do Bad Company. Não houve ensaio e, no intervalo entre uma música e outra, os Stones se juntavam, conversavam um pouco, e atracavam-se com clássicos do quilate de "Mannish Boy" e "Bye Bye Johnny". Quando Watts chegou, Pete Townshed subiu no palco para duetar com Jagger em "Harlem Shuffle". Era o nirvana do rock — os maiores músicos de todos os tempos tocando juntos por prazer e por amor a um amigo morto, brincando juntos sem vaidades, sem intriga, sem inveja. Um momento único e irreproduzível. E, muito provavelmente, o último show dos Stones.

Mas me abraço à corda bamba esticada por Jagger lá no meio desta matéria, na expectativa de uma reviravolta a favor do prolongamento da longevidade dos Stones: "Mas é claro que as coisas podem mudar".

JOHN TAYLOR

DURAN DURAN

Foto Starfile/ Stills

O sucesso transformou o Duran Duran num caldeirão de ciumeira interna — a velha história do "muito cacique para pouco índio". Por isso, a banda se estilhaçou em "filhotes". Primeiro, veio o Power Station. Mais tarde Simon Le Bon contra-atacou com o Arcadia. Agora o baixista John Taylor inaugurou a primeira carreira solo de um *duranie,* assinando e cantando o tema do filme *9 1/2 Weeks.* Mandamos Eva Joory investigar as possibilidades deste Bloco do Tudo Eu.

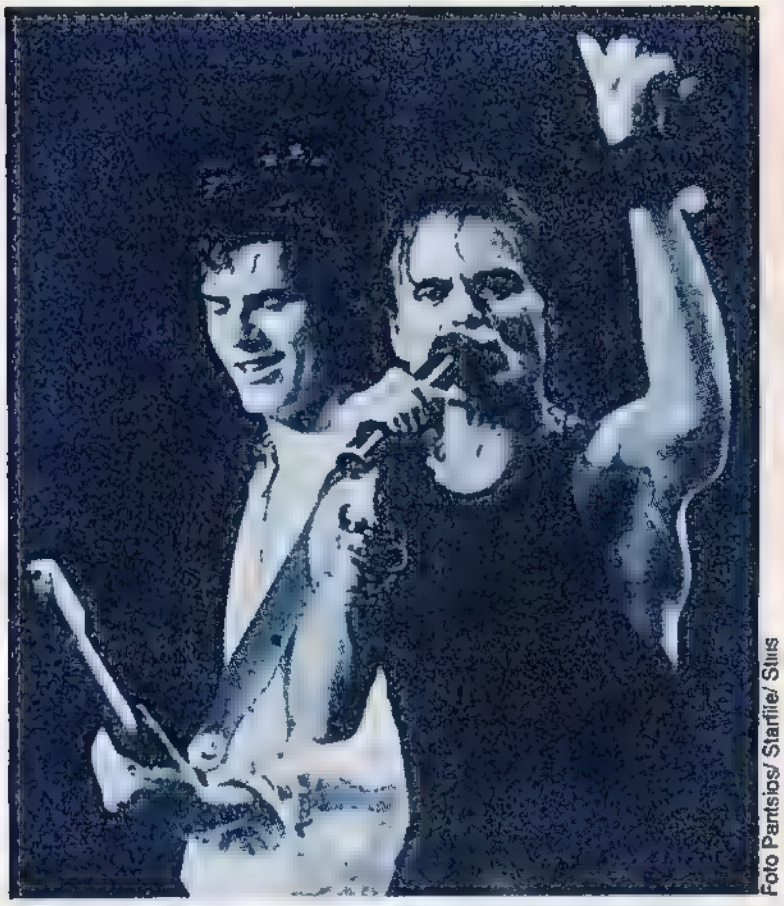


Foto Pantsios/ Starfile/ Stills

Um flagra da apresentação do Power Station para o Live Aid

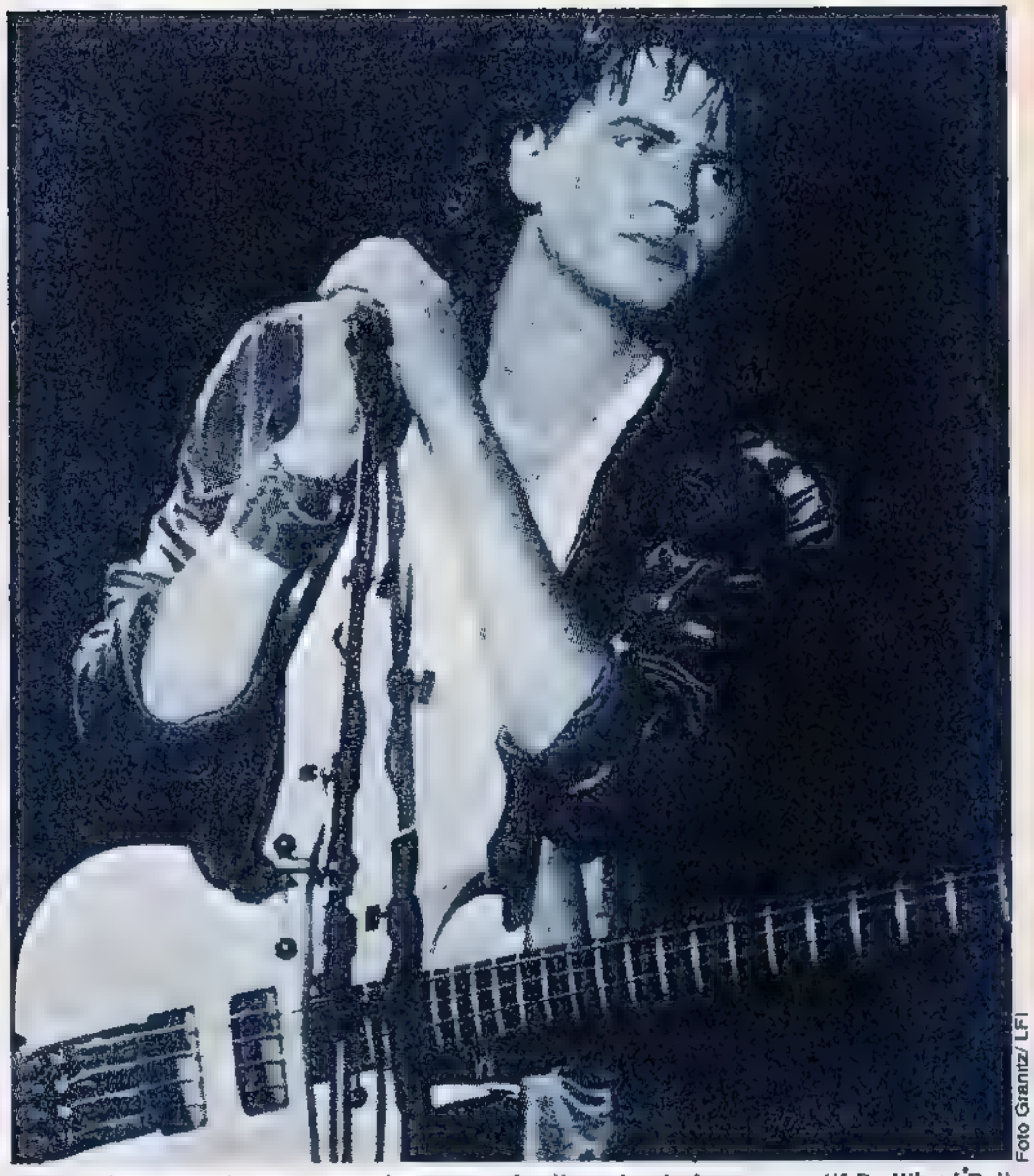


Foto Granitz/ LFI

Ao microfone: uma situação que pode tornar-se freqüente depois do compacto "I Do What I Do"

BIZZ — Como você gostaria de ir ao Brasil? Em turnê?

John — Não sei se somos tão populares na América Latina. Em 1985 quase fui ao Rock in Rio com o Queen, mas na última hora pintou um problema e tive que ficar.

Com o Duran Duran pretendo fazer alguns shows no ano que vem, mas de curta duração, shows mais seletivos. Não quero ficar na estrada seis meses, é muito cansativo. Mas, seriamente, penso em ir ao Brasil, já que você me diz que temos um grande público. Talvez devêssemos primeiramente fazer uma sondagem e, se tudo der certo, ir tocar. Eu adoro essas viagens promocionais, você se diverte sem o compromisso de tocar no dia seguinte.

BIZZ — O que aconteceu com o Power Station?

John — O Power Station foi planejado para durar pouco, alguns shows e um LP. Não foi um grupo realmente — um som para um LP. Para os shows, chamamos Michael Des Barre para cantar. Fomos bem aceitos, mas grande parte do público estava lá por mim e pelo Andy.

Gostei da experiência. Não tinha planos de modificar minha carreira com o Power Station, foi apenas desejo de tocar algo diferente. As pessoas sempre me perguntam por que não continuo, mas acho que esse negócio de repetir o que deu certo, só pelo dinheiro, não vale a pena.

BIZZ — Existe possibilidade de uma carreira solo para o futuro?

John — Gostaria de lançar um LP, mas primeiro quero trabalhar no novo disco do Duran Duran que começa a ser gravado em maio. Estamos nos reunindo pouco a pouco para tocar e, sobretudo, trocar idéias. No grupo ninguém chega com idéias premeditadas, as coisas acontecem quando estamos juntos. O som nasce daí.

BIZZ — Como foi que surgiu a idéia de fazer um trabalho solo, no caso, uma trilha sonora?

John — Quando Power Station chegou ao final, eu estava trabalhando com grandes bandas. Quis fazer algo mais pessoal, algo em que eu pudesse ter o controle completo na produção, na mixagem do disco, me ocupar de tudo. "I Do what I Do" foi inicialmente cantado por cinco cantores diferentes escolhidos por mim, mas não fiquei satisfeito com nenhum. Daí Jonathan Elias sugeriu que eu mesmo cantasse, já que eu era o único que sabia o que queria.

BIZZ — Essa é a primeira vez que você canta?

John — É. Nunca cheguei a fazer nem os *backing vocals* do Duran Duran. Mas tem tanta gente que canta ou pretende cantar sem saber... Em todo caso, gostei bastante do resultado.

BIZZ — Você também dirigiu o clip, como foi o trabalho?

John — Trabalhei com o mesmo diretor de fotografia que trabalha para o Duran Duran, ele é excelente. Foi um trabalho delicioso. Foi bom poder trabalhar em algo que eu pude controlar totalmente do início ao fim. Mas, ao mesmo tempo, estou louco para voltar a tocar num grupo, partilhar as responsabilidades e as obrigações. No meu disco, tudo saiu como *EU* queria: o vídeo, o remix, as cores da capa — é terrivelmente egoísta, mas eu quis ver como era. Com o Duran a coisa é diferente, todos querem algo e ninguém gosta de ceder.

Foto Ken Regan/ LFI

Montado na Torre Eiffell, durante as filmagens do clip do Duran para "A View to a Kill"

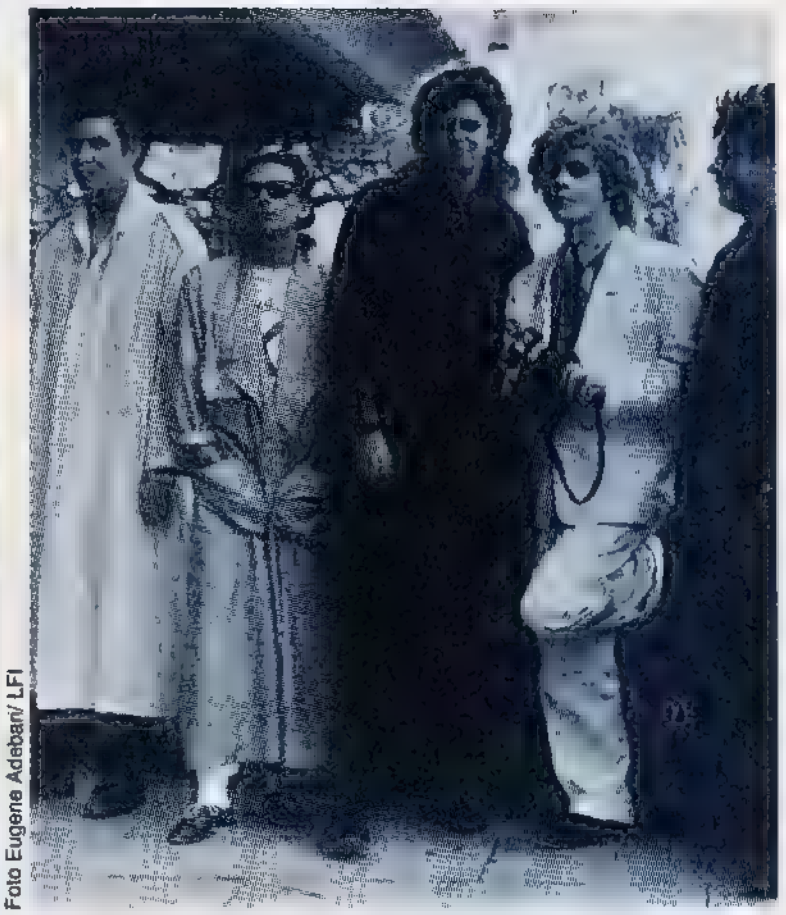


Foto Eugene Adebari/ LFI

O Duran Duran completo, ainda com Roger

Sou uma pessoa que adora fazer coisas diferentes, não pretendo tocar baixo a vida inteira. Suponho que num grupo como os Stones as idéias venham de Mick e Keith. Com o Duran, fora o Roger, todos têm idéias próprias e aí vira uma batalha. Depois de quatro anos precisávamos de um descanso, mas agora estou ansioso para gravar esse LP com o Duran. Já faz doze meses desde o lançamento de *A View to a Kill.*

"No meu caso, fiz tudo que tive vontade, independente dos outros do grupo"

BIZZ — Como está a sua relação com os outros, depois de tantos rumores sobre separação?

John — Seis meses atrás ela estava bastante tensa, mas agora está boa. Nick e eu somos muito próximos, e é difícil brigarmos. Acho que foi uma questão de dar um tempo para cada um fazer outras coisas.

No meu caso, fiz tudo que tive vontade, independente dos outros. Claro que quero cantar novamente e preparar um álbum solo, mas não me vejo cantando em shows, gosto de tocar baixo.

BIZZ — Existe rivalidade entre você e o Simon? Vocês são sempre os mais populares.

John — Não. Nunca tive inclinação ou a vontade de cantar. Nesse single a princípio eu era somente o produtor, mas não consegui achar o cantor ideal. Estava bastante inseguro, era uma coisa muito estranha para se fazer a essa altura da minha carreira. Esse single estava previsto para ser cantado por uma mulher, aí passou a ser um dueto, e, no final, decidiu-se que eu cantaria. Não tinha pensando nesse single como um trabalho solo. No Power Station eu também era parte de um grupo, e foi estranho, de repente, ver a minha cara na capa com meu nome. Não estava muito confiante.

BIZZ — Você acha que isso mudou sua imagem perante as críticas que se faziam ao Duran? Essa música é bem diferente.

John — Não sei, gosto de experimentar várias coisas. Por exemplo: o lado B do single é uma peça para cordas, mais orquestral. O que pretendo com isso é mostrar para onde quero ir futuramente — uma espécie de manifesto.

O Power Station era mais "funk-chic" com as influências de Tony Thompson e Brian Palmer. Agora quero tentar um lado mais orquestral, mas sempre orientado para a dança.

BIZZ — O filme *9 1/2 Weeks* teve problemas com a censura e sua música sofreu cortes, por quê?

John — Originalmente a música tinha cinco minutos, mas quando cortaram algumas cenas "quentes" do filme, a segunda parte da música foi cortada. Em todo caso, prefiro ser associado com esse tipo de filme do que com *Rocky 4* ou *Rambo.* Acho *Rocky* muito mais pornográfico que "*9 1/2 Weeks*", que contém cenas de sexo meio loucas. O filme é fortíssimo, uma viagem. Mas a MGM não quis lançá-lo desse jeito e parte dessa intensidade se foi.

BIZZ — Você acha que essas diversas formações do Duran Duran (Power Station, Arcadia) poderão influenciar o novo som do grupo?

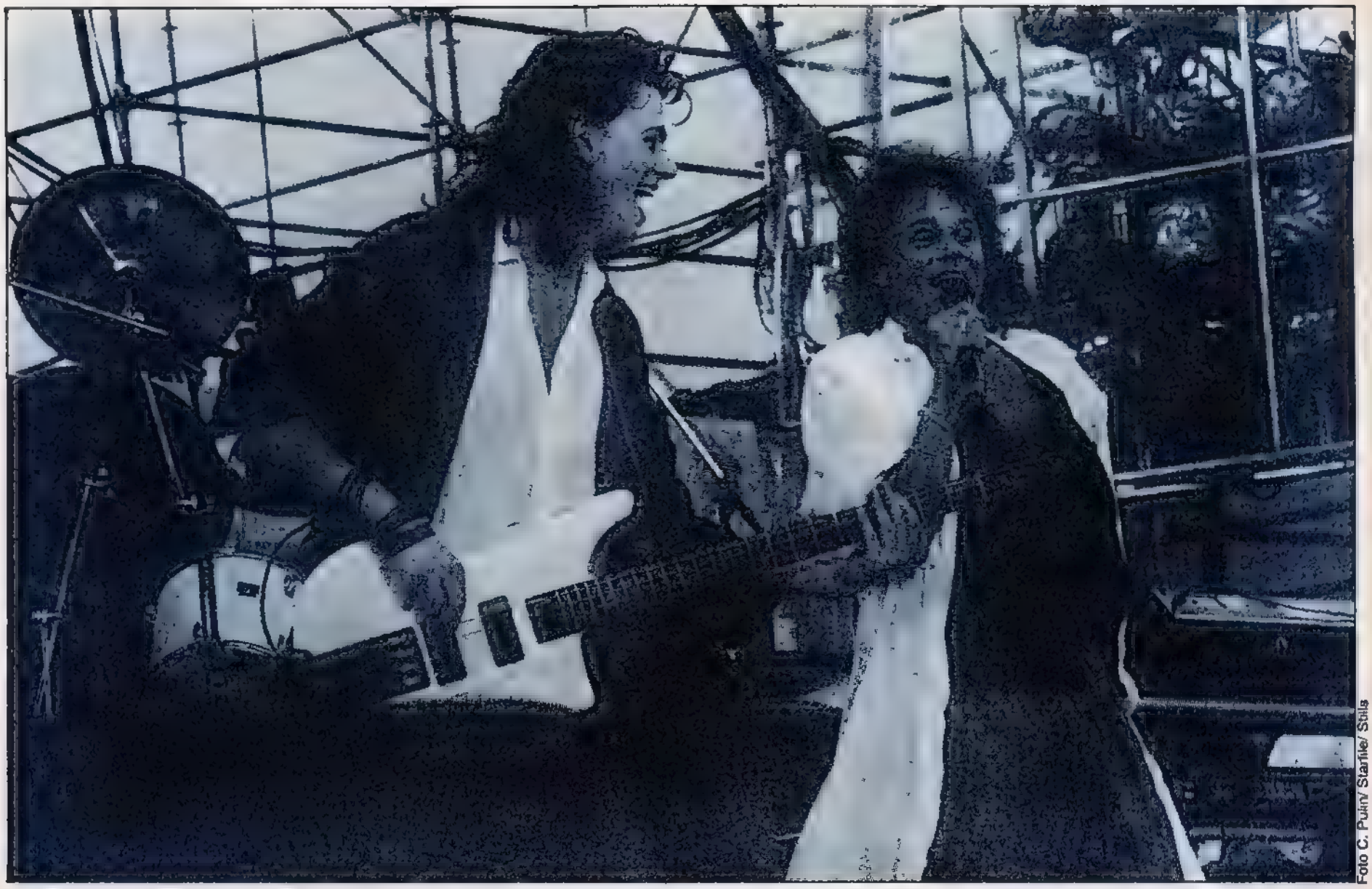


Foto C. Puiny/ Starfile/ Stills

John e Michael des Barres, o cantor que substituiu Robert Palmer na turnê do Power Station

John — Acho que vai ajudar no sentido de uma educação mais técnica. Mas não podemos chegar com idéias diferentes e querer impô-las ao grupo. Vamos retomar de *A View to a Kill*, que foi o disco mais maduro, ao contrário de *Seven and the Ragged Tiger*, onde nós todos queríamos ser ouvidos de qualquer jeito. Hoje em dia não tenho necessidade de ser ouvido em todas as faixas do LP. Se quiserem cortar o baixo em duas ou três músicas, tudo bem. Não precisamos mais dessa *egotrip*.

"Estou mais ligado em música clássica: Mozart, Rachmaninov, Stravinsky"

BIZZ — Qual o LP do Duran que você prefere?
John — Não sei direito, eu não ouço nenhum deles. Acho o som do *Arena* incrível, mas talvez prefira o primeiro.
BIZZ — Como você começou na música, foi quando o punk explodiu?
John — Certamente foi um grande impulso. Eu gostava de Roxy Music, Rod Stewart e Queen, e queria tocar como eles. Só que naquela época eles eram considerados músicos completos e eu nunca tinha tocado nada. Mas quando o punk chegou, tornou tudo mais acessível. Não era preciso ter trinta anos para estar nas paradas. A partir daí, Nick e eu começamos a querer tocar num grupo.
BIZZ — Que música você está ouvindo no momento?
John — Não ouço muita coisa, mas estou mais ligado em música clássica, Rachmaninov, Mozart, Stravinsky. Quero aprender um pouco mais sobre música clássica e outros tipo de música que não pop. O que se ouve nas rádios hoje em dia é tão pobre. Não há nada de novo. As coisas boas continuam sendo feitas pelos grupos antigos como o Queen. Eu adoro o Queen e sempre gostei de música pop, mas confesso que o mercado está muito ruim.
BIZZ — Você se liga em política? Como você vê coisas como o Live Aid?
John — Nunca me envolvi. Sempre achei que música e política não deveriam se misturar. Hoje em dia não sei mais. Toquei no Live Aid porque foi divertido, não por outras pretensões. Claro que foi por uma excelente causa e só Bob Geldof foi o grande responsável. Nosso trabalho foi só de tocar. Acho que eu deveria me preocupar mais.
BIZZ — O que você mais gosta, fora a música?
John — Adoro cinema, acho que mais do que música. Vejo todos os filmes que considero interessantes. Acho ótimo poder fazer trilha sonora, mas o que eu gostaria de fazer no futuro é trabalhar no cinema. As pessoas querem que eu atue, mas o que eu quero realmente fazer é direção. Gosto da magia do cinema. No momento estou obcecado com o poder de "criar", de fazer situações virarem "reais" e mexer com a emoção das pessoas. Adoro o que é visual, uso meus olhos muito mais do que meus outros sentidos.

Mas esse projeto fica para daqui a alguns anos.

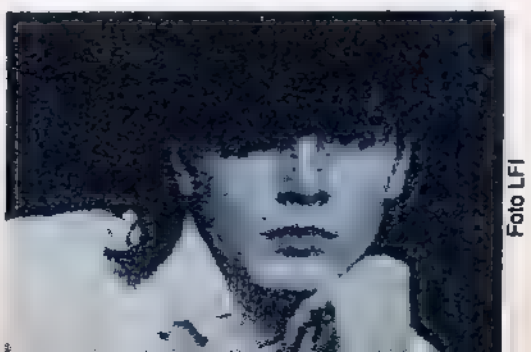


Foto LFI

NEAL X SIGUE SIGUE SPUTNIK

Foto Simon Fowler/ LFI

Em *The Great Rock'n'Roll Swindle,* o filme de Julien Temple sobre os Sex Pistols, praticamente inventado por Malcolm McLaren, existem alguns slogans básicos. Por exemplo: "Não jogue, e não entregue o jogo". Ou "Cultive o ódio, é sua maior arma". Um dos slogans-chave, envenenado por McLaren é "Roube quanto dinheiro quiser da gravadora de sua preferência". Tudo — a forma e o tom — desses slogans está por baixo do mais lucrativo pop marketing desta era. De Frankie Goes to Hollywood (quem?) a esta última maravilha da arte da embalagem, Sigue Sigue Sputnik.

A história dos ditos já é mais ou menos conhecida aí. Falei de seu primeiro show londrino, no ano passado, e da comoção causada pela banda — um canibalismo estilístico de todas as eras do rock. Já dava para sentir que o Sputnik seria *big, very big.* Não precisou muito tempo.

O Sputnik é o que em inglês chama-se *rip off* — sacanagem, ladroeira. Ou *swindle* — escroqueria, o que dá na mesma. Sem nem mesmo gravar um compacto, causaram tremendo tumulto na imprensa inglesa. Assinaram um contrato com a EMI no início do ano, especulado em seis milhões de dólares (é no máximo cem mil, o que não deixa de ser muito). Falou-se tanto na banda que a

Foto Tom Sheehan/ LFI

Da esquerda: Chris Kavanagh, Tony James, Martin Degville, Ray Mayhew e Neal X

SIGUE SIGUE SPUTNIK

falação em si virou notícia — um caso típico do novo brutalismo dominante nas relações do conglomerado música/cinema/moda/vídeo. Soltaram o compacto — "Love Missile F1-11" —, com produção do inventor n.º 2 da eurodisco (depois de David Bowie) Giorgio Moroder. Remixaram o single. Fizeram um vídeo — um pastiche de *Blade Runner, Exterminador do Futuro* e *Laranja Mecânica* — com violência de ketchup e montagem anfetamínica. Fizeram até um filme, que é pouco mais do que o vídeo ampliado. A idéia é de um cinismo de primata: como vencer na indústria pop conquistando dinheiro, glamour, poder e mulheres. Já vimos esse filme antes. Sem estar fora de foco. E Sigue Sigue, como todo grupo pop com acesso de megalomania, quer conquistar o mundo. Até o remoto Brasil, na remota América do Sul (foi a primeira coisa que me falou o guitarrista Neal X). O Dr. Silvana por trás de tudo é Tony James, ex-baterista do Generation X, inconsolável desde que perdeu o cripto-punk Billy Idol para as paradas e a *easy life* da Califórnia. Tony também quer, como querem Martin Degville, o vocalista — ex-bichona balconista de butique —, a propagandista da trupe, uma certa Martina De Vine, e mais um cast de dezenas. Sigue Sigue não é uma banda: é uma operação de marketing.

Neal X, que há dois anos não sabia tocar um acorde de guitarra, mas já cultuava seu loiro topete rockabilly de 50 cm, obviamente entregou o jogo. Mas precisa? Vamos ao papo.

BIZZ — Como é que começou essa operação Sputnik? Alguém sabia tocar alguma coisa, fora Tony James? Qual era a idéia?

Neal — Não, ninguém tocava nada. Ninguém tinha estado em uma banda. Ficamos três anos nos preparando. Eu sempre imaginava estar em uma banda de muito sucesso...

BIZZ — O que aconteceu em tanto tempo? Qual era o conceito por trás da banda? Que monstro vocês estavam tentando criar?

Neal — Eu conheci Tony através de um amigo, sabia que ele estava procurando um guitarrista...

BIZZ — Eddie Cochrane era o seu modelo?

Neal — Eddie Cochrane? Acho que todos os bons guitarristas eram meu modelo. Um pouco de Marc Bolan, um pouco de Keith Richards, Jimmy Page. Eu gosto da coisa física na guitarra. Bem, encontrei Tony e falei que queria entrar em uma banda realmente pesada.

BIZZ — O que você estava fazendo quando o Generation X apareceu, durante o punk?

Neal — Eu estava na escola.

BIZZ — Que sons estavam pela

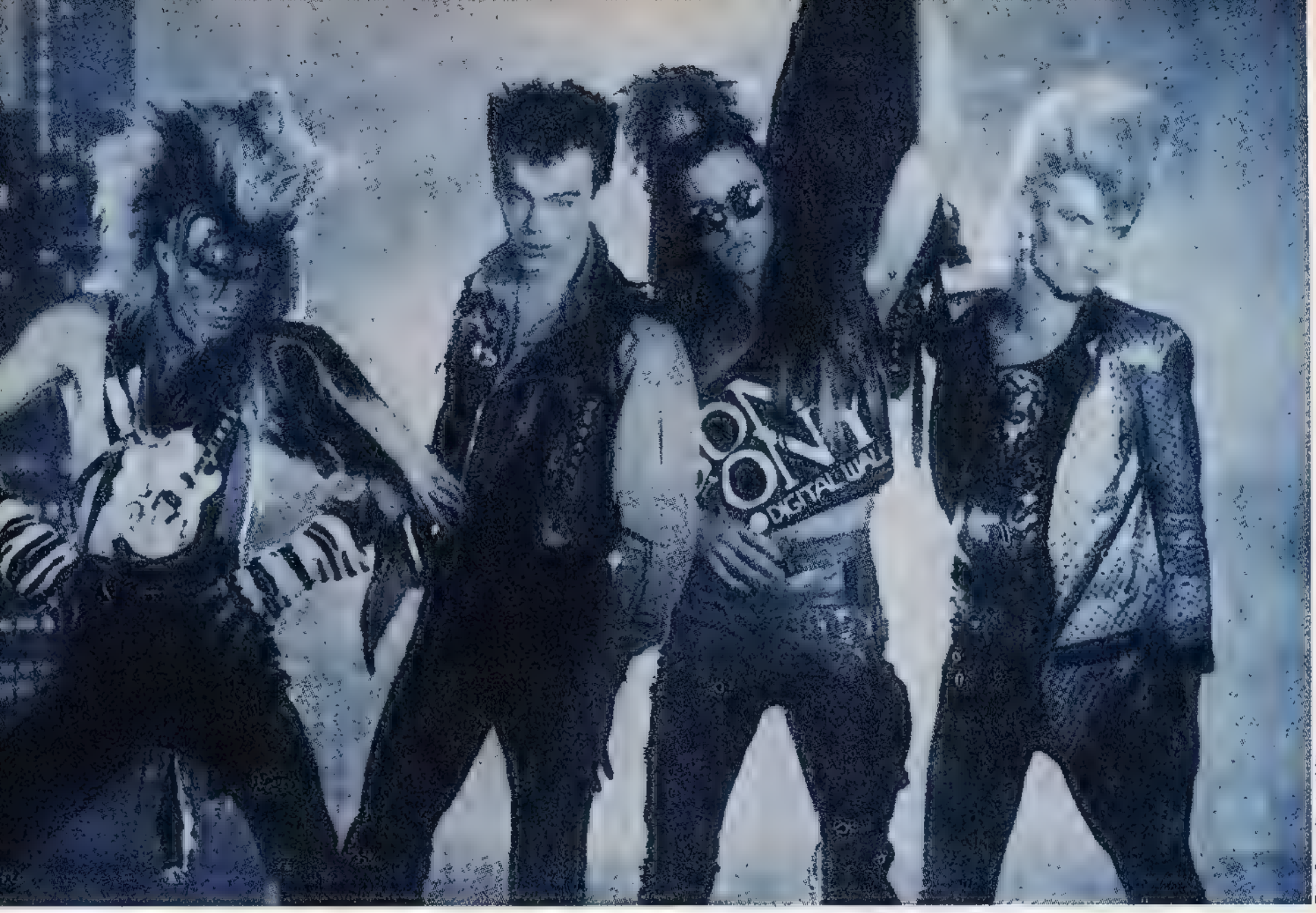


Foto Simon Fowler/ LFI

A arte da farsa elevada ao máximo grau de oportunismo: serão os novos Sex Pistols ou um blefe sem graça?

sua cabeça? Punk?

Neal — Deixa ver (longa pausa). Stones, Little Richard, os Pistols, New York Dolls... A maioria dos grupos punk era um lixo. Os Pistols eram fantásticos. Toda aquela história de que eles não conseguiam tocar. Eram ótimos músicos. Não eram virtuosos. É o que gostaríamos de ser a nossa banda, eu e Tony. Nós queríamos provocar o mesmo impacto que os Stones e os Pistols.

BIZZ — E resolveram partir dos New York Dolls...

Neal — É, eles eram interessantes. Não se tratava apenas daquela coisa de ser uma banda. Era muito mais. Os Stones também.

BIZZ — Vocês achavam que podiam fazer melhor que os outros?

Neal — Sim, não havia bandas que quiséssemos sair de casa para ver. Se eu não estivesse nesse grupo, gostaria de estar. Foi um amálgama das idéias de cada um sobre como deveria ser uma banda.

BIZZ — E Martin, o vocalista? Também não sabia cantar? Como é que ele apareceu?

Neal — Nós estávamos procurando um vocalista. Nossa idéia era de um cara impecável, que entrasse em um café, desse um chute no *jukebox*, e começasse a dançar como Little Richard, deixando todo mundo bobo. Um dia estávamos andando em Kensington Market e vimos essa *coisa* indescritível, com penas coloridas no cabelo. Chegamos nele, perguntamos se ele conhecia algum cantor que se vestisse assim, e ele disse: "Sou um cantor brilhante". Fizemos

"Um ano antes do primeiro show, a CBS já nos ligou com uma proposta"

um teste no apartamento de Tony, com três minutos de "Be Bop a Lula", e ele foi terrível. Morremos de rir. "Vamos mandar esse cara embora." Mas ele pediu dois anos. Disse que queria isso mais do que qualquer coisa do mundo, e que conseguiria chegar lá.

BIZZ — E os bateristas, vocês também escolheram pelo visual?

Neal — Também. Nunca tinham sentado numa bateria.

BIZZ — Bem, depois de dois anos tinha que sair alguma coisa.

Neal — Saiu algo como Donna Summer tocando Eddie Cochrane. Uma base eletrônica, porém modificada. Aí começamos a pensar em tomar o mundo de assalto.

BIZZ — É onde começa a saga Sputnik Corporation. Primeiro passo: conquistar a imprensa, certo?

Neal — Sim, mas nessa época as gravadoras também já sabiam que nós existíamos. Isso foi fruto do trabalho de Martina De Vine, nossa *public relations*. Um ano antes do primeiro show a CBS já nos ligou com uma proposta, para ouvir *demos* e tal. E nós ficamos circulando esse tempo todo. Até que chegou aquele show no Electric, o primeiro em Londres — foi o terceiro de nossa existência.

BIZZ — E tudo correu como planejado, não? Foi um sucesso. Todo mundo escreveu a favor, aqui.

Neal — O plano original era que a gente se preocupasse com o visual sem sofrer restrições da música. Quando perceberem que somos diferentes de todo mundo, então gravamos nosso disco, vamos direto para as *dez mais* e vamos ser o grupo mais famoso da Inglaterra, e depois do mundo.

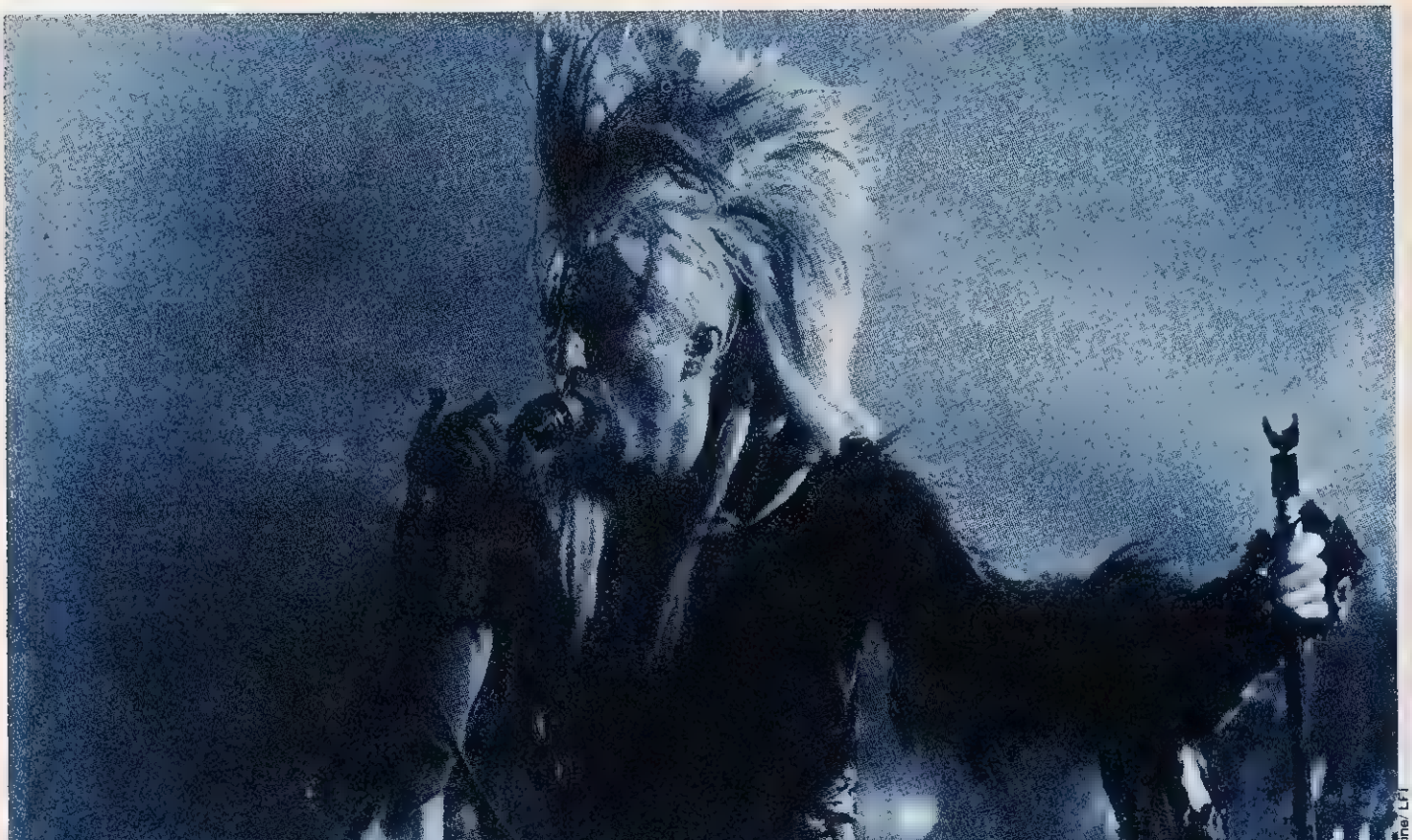


Foto Sweine/ LFI

Martin Degville, ex-dono de butique, precisou de apenas dois anos para aprender a cantar. O resto ele sabia

SIGUE SIGUE SPUTNIK

BIZZ — Fantástico. E por que você acha que deu certo tão fácil?
Neal — Porque não há competição com a gente na imprensa. Não há nada tão interessante.
BIZZ — Vocês listam uma série de interesses da banda: filmes classe B, mulheres gostosas e malvadas, *computer crime*, foguetes, afluência... Todo mundo está nessa?
Neal — Tony é que está mais em computadores. Acho que usam computadores para fazer péssimos discos...
BIZZ — Vocês bem que podem fazer uma música sobre o Vale do Silício. Ou a explosão da Challenger...
Neal — Mas tinha no vídeo! Obrigaram a gente a tirar a explosão.
BIZZ — Você acha que esse som de porrada eletrônica na bateria, com mínima melodia e solos de uma nota só segura mais do que um compacto?
Neal — Mas tem melodia! Estamos sempre com uma melodia na cabeça. O som do novo single já é mais seco, é como o som de Prince nesse último compacto...
BIZZ — "Kiss."
Neal — É. Seco. Sem reverberação no vocal. O baixo é curto. Pula fora das caixas acústicas... Esqueci o que eu queria dizer. Algo profundo, talvez...

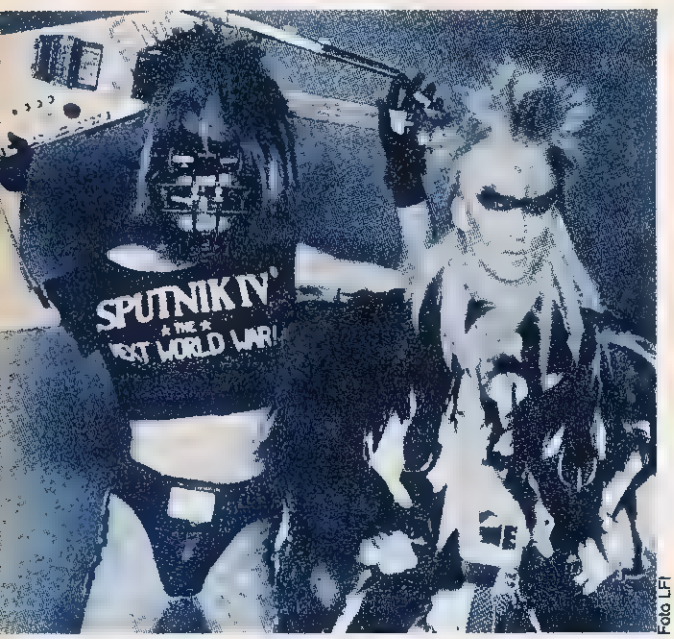


Foto LFI

Tony James, sua guitarra, e Martin Degville

"Eu quero estar em uma banda que faça discos que provoquem os garotos"

BIZZ — Bem, há uma última chance. Há 25 anos, o rock'n'roll era uma espécie de sociedade secreta. Hoje, todo mundo está em uma banda, ou quer montar uma banda, ganhar dinheiro e ser famoso. Na sua opinião, qual é o sentido de ter ou formar uma banda nos anos 80?
Neal — Bem, eu quero estar em uma banda que faça discos que provoquem os garotos. Hoje eles só acham lixo nas lojas. Quero estar em uma banda que faça discos que eu gostaria de ter. Acho que fazemos isso de uma maneira muito responsável. Acho que, na verdade, somos uma fonte de inspiração! (Risos.)

Inspiração ou sacanagem, o Sputnik, do jeito que vai, será tão grande quanto o Duran Duran em um ano ou dois. É a chamada "Next Big Thing", até que outra apareça. Já apareceu. Chama Zodiac Mindwarp and the Love Reaction. É a última (até esse minuto) pérola podre da psicodelia libidinal. Mas essa é outra história — e outro *swindle*... *Pepe Escobar*

LONDON FOG® FOOTWEAR

AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1541
CAL CENTER LOJA 103 TEL.: 813-0642
FILIAIS
MORUMBI SHOPP. Lj. 2A - PISO LAZER
TEL.: 61-4550
RUA PADRE JOÃO MANOEL, 712 - JARDINS
TEL.: 881-0858
IBIRAPUERA: AVENIDA MOACI, 137
TEL.: 531-0474

Heavy Metal

Ilustração Cleber V. Garcia/ Foto Estúdio Abril

* Mesmo tendo lançado, no ano passado, o LP *Equator*, o **Uriah Heep** não agüentou o tranco. Após algumas semanas de incertezas, oficialmente confirmaram a separação definitiva e o fim do grupo. Talvez tenha tudo sido uma praga do desprezado e já falecido vocalista **David Byron.** O tecladista **John Sinclair** deve continuar com **Ozzy Osbourne** (com quem já vinha trabalhando) e os outros ainda não se definiram.

* O **Status Quo** parecia ter acabado. No ano passado, porém, esteve no Live Aid, e para 86 já programou uma apresentação no dia 12 de julho, num show no Wembley Stadium, em Londres, onde também estarão **Queen, Alarm** e **Virginia Wolf,** cujo baterista é **Jason Bonham,** filho de Bonzo (aquele do Led). Da formação antiga do Status só estarão presentes **Francis Rossi** e **Rick Parfitt. Alan Lancaster** não sabe se aparece ou não e os novos elementos só serão anunciados momentos antes da apresentação.

Foto Paul Cox/ LFI

Schon, um dos sobreviventes do Journey

* Após um ano e meio parada, a banda americana **Riot** dá o ar de sua graça, agora apenas como um quarteto, já tendo se apresentado algumas vezes na área de Los Angeles, comandados pelo batera **Sandy Slavin** e pelo guitarrista **Mark Reale.**

Nos planos deles, um novo solo para gravar material recém-composto e uma excursão pela Europa.

Foto Gamma/Sigla

O Blackfoot, dando adeuzinho

* Quanto ao **Dio,** o guitarrista irlandês **Vivian Campbell** não faz mais parte da banda, pois estaria gastando energias em outros projetos ditos mais interessantes.

Os dois não se bicam mais e Dio já convocou **Craig Goldie,** que deverá se decidir rápido se continua ou não no **Giuffria,** um grupo condenado ao fim com a recente saída de dois de seus elementos.

* Outro que anda em crise é o arenoso **Journey** — o batera **Steve Smith** e o baixista **Ross Valery** deixaram o grupo por incompatibilidades musicais. Segundo o remanescente tecladista **Jonathan Cain,** o que restou da banda está retirado num estúdio realizando o próximo trabalho: "Eu, Neal Schon (guitarra) e Steve Perry (vocalista) resolvemos que, para as coisas saírem melhor, seria bom ficarmos só nós três juntos".

Foto LFI

Deram o cano no David

* Após alguns meses de especulação sobre o seu futuro, o **Blackfoot** resolveu dar um ponto final em tudo. O vocalista e guitarrista **Rick Medlooke** pretende gravar em breve um LP solo e depois partir numa turnê. O baixista **Gregg T. Walker** e o batera **Jackson Spires** ainda não anunciaram seus planos, enquanto o outro guitarrista, **Bobby Barth,** já lançou seu primeiro LP solo, *Two Hearts-One Beat* pela Warner.

* A Columbia Pictures cortou os baratos cinematográficos de **David Lee Roth,** caindo fora do negócio da filmagem de *Crazy From The Heat*. David prometeu processá-los por rompimento de contrato e já procura novos apoios. Quem deve estar morrendo de rir com a situação é **Eddie Van Halen.** Já o **Van Halen** vem sendo considerado pelos ingleses como Van Hagar, tamanha a consistência que **Sammy Hagar** colocou no som do conjunto. **David** por sua vez está dando os toques finais no seu novo álbum solo (ainda sem título) com produção de **Ted Templeman** (também dispensado pelos Halen) que deve sair ainda esse ano pela Warner.

Na banda de Roth estão **Steve Vai** (**Zappa** e **Alcatrazz**), **Billy Sheham** (ainda no **Talas**), e **Gregg Bissonette.**

Leopoldo Rey

Não perca essa oportunidade de completar sua coleção de BIZZ

Se você marcou e não tem todas as edições de BIZZ, tudo bem. Ainda dá tempo. As nove primeiras edições estão na mão e pelo mesmo preço da revista que está em banca.
Para receber os números que você ainda não tem, envie o cupom abaixo para: Revista BIZZ, Editora Abril, Estrada Velha de Osasco, 132, CEP 06000 - Osasco - SP, aos cuidados de "Números Atrasados".

Nº 1 No número um do rock impresso tem Bruce Springsteen e um trailer-disc com Talking Heads, Ultraje e Eurythmics.

Nº 2 Tem Madonna um pôster do Sting e um trailer-disc com momentos incríveis de Jimi Hendrix & Janis.

Nº 3 Uma entrevista com a crazy Nina Hagen, Bowie X Jagger e de quebra um pôster da Tina Turner.

Nº 4 Vinte anos de carreira do gênio da raça Gilberto Gil. O rock estranho que vem do Japão e um pôster do U-2.

Nº 5 Prince abre o jogo. Sting no cinema e uma revista pôster especial com David Bowie.

Nº 6 Tears for Fears, Rita Lee, Raul Seixas e uma entrevista com o mago do funk Stevie Wonder.

Nº 7 Bruce e Madonna, o segredo dos donos das paradas de sucesso em 1985. E ainda entrevistas com Bob Dylan e Frank Zappa.

Nº 8 A consagração do U-2 a melhor banda do ano. Um entrevistão com Keith Richards e mais Caetano, Kid Abelha e Cazuza.

Nº 9 Tudo sobre Absolute Beginners, o musical da década com David Bowie. E um bate-papo entre Paulo Ricardo (RPM) e Renato Russo (Legião).

Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados, assinalados abaixo com um X, pelo preço da última edição em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio.

EDIÇÃO N.º	1	2	3	4	5	6	7	8	9

BIZZ 11

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

CEP _____ ESTADO _____

Se você não quiser recortar a sua revista, copie numa folha a parte ou envie uma cópia xerox.

THE CULT

PAULEIRA HIPPIE NOS ANOS 80

Eles foram tanto elogiados por ressuscitar o psicodelismo com o vigor punk como acusados de requentar o cadáver do Led Zeppelin. *Tom Leão* pesa as duas hipóteses e conta, por tabela, a história da banda

Foto LFI

Em 1982 um jovem punk de Bradford chamado Ian Astbury, com vinte anos e recém-saído do serviço militar, resolveu formar uma banda, coisa que diariamente centenas de outros jovens ingleses fazem ou pensam em fazer. O nome da banda era The Southern Death Cult, inspirado em rituais indígenas americanos. A banda não chegou a durar um ano, mas foi um fenômeno de público, com shows sempre lotados — a divulgação corria de boca em boca — espaços em capa de revistas e um único compacto com as músicas "Fat Man" e "Moya", que chegou ao primeiro lugar na parada independente e a 43.º na geral. Foi muito para a cabeça de Astbury.

Refeito do choque, ele partiu para uma nova experiência, levando apenas o jovem e virtuoso guitarrista Billy Duffy (ex-Theatre of Hate) e recrutando outras cabeças — o baixista Jamie Stewart e o baterista Ray Mondo (ambos ex-integrantes do Ritual). O nome escolhido para a nova banda: Death Cult. Começaram bem, aparecendo de cara numa capa do jornal *New Musical Express*, realizando uma turnê e emplacando mais um compacto, a dançante "God's Zoo". Mas, assim como aconteceu anteriormente, esta fase durou também apenas um ano.

Nesta primeira fase, principalmente como The Southern Death Cult, o som — que era bem tribal, lembrando danças indígenas de guerra — passou a ter traços de positive punk como Death Cult, e aí as primeiras influências de psicodelismo se fizeram notar.

A original The Cult, como conhecemos hoje, nasceu em 1984. A falta de direção do início ficou de lado e surgiu uma banda definida, com energia controlada, sólida. Com o tribalismo arquivado, é convocado um novo baterista, Nigel Preston (ex-Sex Gang Children) e o sucesso mais uma vez sorri pra eles com o estrondoso estouro do compacto "Spiritwalker", outro número um na parada independente.

No verão do mesmo ano, finalmente vem à luz o primeiro álbum do Cult, *Dreamtime*, que em sua primeira tiragem trazia de brinde outro LP, só que gravado ao vivo. Algumas importadoras cariocas o receberam e venderam honestamente pelo preço de um (incrível!). *Dreamtime* abandonou de uma vez por todas o lado gótico para qual caminhavam e apresentou um som puro e poderoso, com Billy forjando um estilo único em sua guitarra e Ian adquirindo um modo só seu de cantar. O disco alcançou o vigésimo posto na parada geral e consolidou o Cult como uma grande banda de rock, com apresentações incessantes e cada vez mais concorridas, não mais apenas na Inglaterra, como no restante da Europa e também na tão sonhada América (leia-se Estados Unidos). A esta altura, um novo compacto, "Ressurrection Joe" alcançava as paradas.

Corte para mais um ano. O cabelo de Ian Astbury cresceu muito mais que o normal e os simbolismos hippies tomaram conta de sua roupa enquanto um novo arrasador compacto, "She Sells Sanctuary" levava o grupo de volta às primeiras posições. Esta gravação marca a saída de Preston, por choques de estilos e opiniões, pegando o grupo às vésperas da gravação de um novo LP. Para segurar a onda temporariamente, Mark Brzecicki, baterista do Big Country, é convocado para as gravações, e Les Warner, que tocara com Julian Lennon, para os shows.

Estamos em 86 e o sucesso desenfreado do Cult em meio mundo os leva a posições de U2, ou a grandes bandas do passado como Led Zeppelin e Sex Pistols. O novo álbum, *Love*, é o ponto culminante dos sonhos de Ian Astbury e Billy Duffy, um misto de inventividade dos sessenta com fúria dos setenta, um novo sabor para os cultores do verdadeiro rock'n'roll sem firulas. Quando debaixo de uma alucinante iluminação, com os P.A.s a todo vapor eles cantam "Love", "Revolution", "Nirvana", "Phoenix", ou reinterpretam "Wild Thing", dos Troggs, todos os presentes, no palco ou na platéia não estão interessados em saber se aquilo tem cara de coisa velha.

Uma volta à pureza do rock (como fizeram os punks em 76) em meio ao lixo reinante?

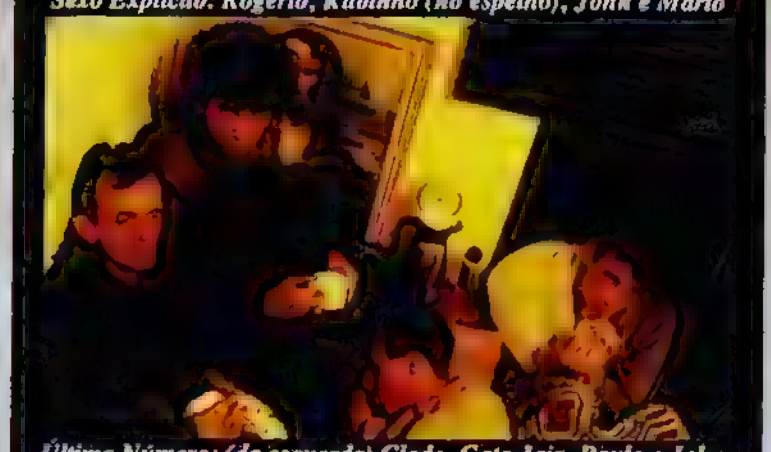
Nem tanto. Se na parte musical o Cult reinventa o hard rock, nas letras — todas da dupla Astbury/ Duffy — não dizem nada de interessante. Chegam a lembrar as do Led Zeppelin, que, em meio a um som arrasador, eram idiotas e vazias (vide "Whole Lotta Love"). Assim, "Revolution" nada tem de revolucionária, "Nirvana" e "She Sells Sanctuary" se propõem apenas a fazer dançar e "Phoenix" e "Love" são apenas homenagens ao estilo Hendrix e Zeppelin, não podendo nem serem comparadas às originais. No fundo, tudo o que a Cult quer ser é a melhor banda jamais existente nos anos sessenta, com a vantagem de estar nos oitenta, longe das imposições da época e livre para fazer o que quiser.

Se você quiser fazer uma comparação entre o Cult de hoje e o de ontem, basta ficar de olho nos locais que exibem vídeos (principalmente no eixo Rio-São Paulo), nos quais já foram apresentados dois vídeos de shows: *Dreamtime*, gravado em Londres no fim de 84 e mostrando o grupo em transição entre o tribal e o psicodélico, e *Love*, capturado em novembro de 85 no fim da turnê inglesa, aqui já totalmente 'hippiezados'. A diferença entre um e outro é que o primeiro ainda lembra um típico show punk, com a platéia colada no palco e pulando a valer. O segundo é uma superprodução, palco imenso, público afastado, misé-en-scène diferente e menos vibração, conseqüência de maior elaboração. O único ponto em comum é que no final dos dois shows, a música pedida para o bis e que leva todos ao delírio é "Moya", primeiro e grande hit da banda que faz jus ao nome, hoje um grande culto entre moderninhos dos cinco continentes.

O INSOLENTE ROCK DAS GERAIS

Mapeando o rock Brasil, BIZZ chega agora a Minas. *Arthur G. Couto Duarte*, nosso homem nas montanhas, dá a ficha dos novos inconfidentes

Sexo Explícito: Rogério, Rubinho (no espelho), John e Mário



Último Número: (da esquerda) Clode, Gato Jair, Paulo e John

Divergência Socialista: Fátima, Marcelo, Chicão, Silma e Mário

"Esse negócio de passar do livro pro disco, da poesia impressa para a poesia cantada, não aconteceu, necessariamente, com nossa geração."

(Caetano Veloso)

Nada melhor que uma geração após a outra. Três poetas da pesada são os vértices da melhor produção rock de Belo Horizonte — Rubinho (Sexo Explícito), Marcelo Dolabela (Divergência Socialista) e Gato Jair (Último Número). Peças fundamentais da poesia-mimeógrafo nos anos 70, o trio tramaria o grupo Cemflores, um canteiro poético/anarquista que chacoalhou as Alterosas em ul-

trajantes performances que resgatavam o sarcasmo da gangue antropofágica de 22. A esquerda ortodoxa, desconfiada, os execraria. Para a *ignorantzia* pós-Ivan Lins, poesia só era válida se usasse clichês tipo burguesia, luta de classes etc.

Tal oposição, no entanto, agiu como adubo para as flores do mal; os quatro anos que balizaram sua existência foram férteis de deliciosos desatinos, que só chegariam ao fim quando a produção individual falou mais alto. A festa agora seria nas garagens da cidade. O rock urge. Vamos por partes.

Em 83, Dolabela inventa a Divergência. Minimalismo em linguagem pop. A prova de que Karl Marx, John Cage e Johnny Rotten têm algo em comum, afinal. Um show exemplar: um assalto sônico recheado com slides, mímicas e muito punch — o fraseado monotemático da guitarra de Roberto, microtextos avil tantes e furiosas releituras de Villa-Lobos e Rita Lee, costuradas pelo matraquear seco de metralhadoras em *playback*. Em 84, uma parada tática. Retornaram no fim de 85, com uma vingança: reciclagem, a mais radical possível. Tanto musical (*jingles*, sonoridades pós-punk, tropicália) quanto textual (*os beats*, poesia russa moderna, o manifesto comunista) e cênica (Hollywood, telenovelas globais e o escambau).

Tente imaginar a melodia "Love Will Tear us Apart" (Joy Division) acoplada a um poema de Maiakóvski. Ou "Washington Bullets", do Clash, mixada a uma transmissão da rádio rebelde de El Salvador. E tudo isso imerso num ofensivo *feedback* de deixar Jesus and Mary Chain babando de inveja. Sinteticamente, o DS modula vinhetas para o *fin de siécle*, cada uma com não mais de 50 segundos. Se não se autodestruírem nos próximos meses, serão uma grata surpresa este ano.

Agora é hora e vez do Último Número. Vale lembrar que seu nome vem do último soneto de Augusto dos Anjos, o genial poeta paraibano que já era dark quando nossas avós brincavam de amarelinha. Com poucos meses de vida, o quarteto ascendeu meteoricamente graças a um instigante trabalho calcado em vigorosos contrapontos musicais. Seu maior trunfo está, com certeza, no contundente texto de Gato Jair, graduando do curso de Letras da Falich que, um dia, se viu por acaso frente a um microfone. Tornou-se o mais requisitado cantor da cidade. Tendo emprestado sua voz gutural ao DS, Sexo Explícito e à lendária Sfiha Elétrica (uma banda de blues antidiluvianos com nuances psicodélicas, infelizmente desativada), Jair finalmente acertou no Último Número.

As músicas da banda exalam disciplina. Os arranjos são como delicadas jóias, lapidadas com esmero pelo baixista Paulo. Riffs-relâmpago fluem da guitarra de John, também adepto do Sexo Explícito. Para fechar, Clode, o mais sutil batera das Gerais. Caso sua fita *demo* chegue ao lugar certo, poderão acontecer em 86. Em seu show do fim do ano passado levaram a platéia ao êxtase, a garotada urrando de satisfação. Se cuidem, Renato Russo e Paulo Ricardo. A inteligência e a finesse voltaram ao ar.

Quanto ao Sexo Explícito, é o seguinte: os rapazes estão a mil por hora, e nada mais justo que apontá-los como os mais batalhadores da cena local. Numa rotina desgastante, suaram a camisa onde quer que houvesse um palco disponível. Encararam até os incertos shows pelo interior, com resultados positivos. Para quem se interessar, os primeiros passos da banda já foram objeto do Porão (BIZZ 6). De lá para cá, foi surpreendente o progresso de sua seção rítmica (Mário e Rogério), fora o amadurecimento de Rubinho como intérprete, agora menos histriônico em cena. Talvez um reflexo de quase três anos de esforços ininterruptos, com poucos resultados proporcionais.

Enquanto a facção cool de Minas contra-ataca, os metaleiros fazem a festa, provando que o Estado não mais trabalha em silêncio

Suas novas composições — "Bonanza", "Deus" e "No Thanks" — trazem sinais dessa mudança: a verve irônica persiste, mas o tom é mais amargurado, reflexivo até, revelando facetas até então insuspeitadas de seu autor. Também circulando com uma *demo* de boa qualidade, o Sexo Explícito esquenta turbinas para aterrisar no eixo Rio-São Paulo. Enquanto isso, grava uma faixa no LP da Rádio Cidade, por ter faturado um recente festival. Aguardem.

Fora desse circuito semifechado, onde os músicos rodopiam numa ciranda incessante, Belo Horizonte ainda tem lugar para outras bandas interessantes. O Serpente é uma das veteranas, indo já para o quarto ano de luta. Contando com uma instrumentação mais eclética, com teclados e metais, o sexteto mergulha de cabeça nas negras águas do rhythm'n'blues. O mais espantoso é que algumas de suas músicas conseguiram a proeza de furar o bloqueio das obtusas FMs locais. Mas o bom mesmo é vê-los ao vivo: o vocalista Keta tem um pique impressionante, e ninguém resiste sentado muito tempo. Prometem um EP para breve. Quem viver, verá.

Outra formação, talvez a mais recente das Minas Gerais, é o Canal 13. Sua programação é basicamente pop, com pitadas estratégicas de ska/reggae e funk aqui e ali. Com músicos tarimbados, como o experiente Cláudio Chevalier, e um vocalista — Wellington — bastante carismático, tem tudo para estourar. Principalmente se forem cautelosos e evitarem os lugares-comuns da "niu uêive" nacional.

No mais, um *tutti-frutti* telegráfico. De punhos cerrados. Da Cabana do Pai Tomás, subúrbio local que não tem nada em comum com o lirismo da obra de Harriet B. Stone, deflagra-se a Revolta Urbana, uma gangue punk visceral até a medula. Enquanto isso, o senegalês M'Maour Ba planeja ampliar seu horizonte rítmico com uma big band, após ter recusado o convite do Obina Shock para ser seu percussionista. A facção *cool* das Gerais contra-ataca. Duzão e seu Grande Ah registram seu primeiro LP nos estúdios, e Mapira, a Tracey Thorn dos cerrados, invade o faraônico Palácio das Artes. Os derradeiros pedregulhos são por conta do Kamikaze e do Overdose, este último arrasando geral com o atrevido power-metal, em LP independente. É, Minas já não trabalha mais em silêncio...

As fotos que ilustram esta matéria foram o último trabalho de Patrícia Fernaud. A ela dedicamos estas páginas.

INOCENTES

ENFIM, OS PRIMEIROS

Já faz quatro anos que o nome da banda é sinônimo de punk brasileiro, aqui e na Europa. *Sônia Maia* conta a lenda, enquanto chega às lojas o primeiro lançamento destes "veteranos"

Em 1977, quando o rock underground nem sonhava existir, a periferia paulistana já fervilhava. Entre as dezenas de bandas que jorravam dia a dia, uma delas trazia um garoto de catorze anos, que mais tarde se tornaria o porta-voz do movimento punk nacional: a banda chamava-se Organus, e o garoto Clemente.

No bairro do Limão, três outros garotos mantinham uma forte amizade e ouviam os mesmos sons. São eles: Tonhão, seu irmão André e Ronaldo. A turma andava de lá para cá. Portanto, não foi difícil para que eles e Clemente um dia se encontrassem. Hoje eles compõem a atual formação dos Inocentes: Tonhão na bateria, Ronaldo na guitarra-base e André no baixo. Clemente (guitarra-solo, vocal, letras e arranjos) está nela desde sua fundação, que data de 1981, depois de um show frustrante da Condutores de Cadáveres na PUC de São Paulo. A Condutores era já a terceira banda do veterano Clemente e, segundo ele, "a criadora das bases para o punk rock brasileiro".

Este veio à tona só em 1982, depois de Antônio Bivar promover a maior agitação na imprensa. Do ti-ti-ti, surgiu o vinil-manifesto *Grito Suburbano*, onde o grupo entra com as três faixas mais marcantes. O buxixo chegou até o fino palco do Gallery com ninguém menos que Inocentes cuspindo, literalmente, nos tão odiados burgueses. Passado o momento de diversão, veio o silêncio. Já que o mercado nacional nada oferecia, *Grito Suburbano* foi enviado à Alemanha, onde foi editado através do selo Vynil Boogie. "Aprendi a Odiar", outra música do grupo, foi incluída na coletânea *Life is a Joke* (selo alemão Weird System).

Em 1984, os Inocentes deram um tempo para reformulações. "Quando voltamos todo o cenário underground havia mudado. Tinha *waves*... Nós não nos encaixávamos em nada. Éramos *Inocentes* e queríamos tocar". Os punks pichavam o grupo de *wave* e os *waves* não se identificavam com Inocentes. Mas eles rebatem: "Cresci ouvindo o álbum branco dos Beatles", fala Tonhão. "Já fiz punk, quero fazer algo novo, de acordo com minha experimentação, de tanto tocar... E aperfeiçoar o punk rock, coisa que as pessoas não aceitam", exclama Clemente. "E, além disso", continua, "todo esse pessoal que está aí, como os de Brasília, começaram ouvindo *Grito Suburbano*."

Além do público, sofreram pressões dos poucos palcos existentes em São Paulo. "Quando fomos tocar no QG não aceitaram porque acharam que éramos uma banda que tocava no Satã. No Satã, só fomos aceitos agora, depois de gravar o mini-LP pela WEA. Eles se dizem abertos, de vanguarda. Mas têm preconceitos. Se estão encabeçando, ou se dizem encabeçar o underground, têm de abrir o espaço" protesta Clemente.

Foto Rui Mendes

Clemente, Ronaldo, André e Tonhão (de óculos)

O garoto do subúrbio continua: "Temos uma mensagem a passar que não se restringe a guetos. Prefiro tocar para o povão, que não vai só pela aparência e sente como você é". E, sobre o rock nacional, ele também tem sua opinião: "Não estão fazendo uma coisa autêntica, como era antes (no punk rock). Não tem ninguém que segure uma barra, como a moçada anterior, e ninguém fazendo um trabalho consistente. Por isso a MPB reina absoluta".

Eleve Seu Som Ao Cubo

A Giannini está lançando uma nova linha de amplificadores que vão elevar á qualidade de seu som: Super Cubos Amplifiers.
Eles possuem 3 versões, para guitarras, para contra-baixos e para teclados, nas potências de 50 ou 100 Watts RMS. A curva de resposta, alto falante e ressonância da caixa acústica, foram aprimorados para cada tipo de instrumento. E mais, os Super Cubos Amplifiers têm cantos reforçados, pés de borracha e são encontrados nas cores: preto ou azul. Não se contente com pouco. Afinal, seu som merece ser elevado aos Super Cubos Amplifiers Giannini.

Giannini
O SOM MAIOR

TETÊ ESPÍNDOLA & NANÁ VASCONCELOS

Foto Ângelo Pastorello

O bruxo e a jacutinga

MAGIA MESMO

Projeto A Luz do Solo — Golden Room do Copacabana Palace (RJ) — 11/04

Tetê, Naná, Iê Iê, Iá Iá. Quem achou que o encontro de Tetê Espíndola com Naná Vasconcelos não tinha a ver, enganou-se. Se não foi um casamento perfeito (ainda existe?), certamente foi apaixonante. Tetê expressando-se totalmente pela sua incrível voz e Naná apenas por seus curiosos instrumentos de percussão, que incluem até seu corpo, juntos, proporcionaram um raro e diferente espetáculo para uma platéia exigente, que não saiu frustrada.

O show inicia-se com a entrada em cena de Naná e seu berimbau mágico, tal a quantidade e variedade de sons que ele extrai do instrumento. O clima é meio de magia mesmo. Não se consegue tirar os olhos dos dois. De repente estamos num transe. Praticamente sem pausa, Naná passa para um gongo, e com leveza e precisão vai nos apresentando um a um seus instrumentos, criações próprias de um bruxo divino, parente próximo de Hermeto. Até seu falar é ritmado. Tão ritmado e hipnótico quanto o trem que vai danado pra catende. Há nele um misto de indígena, nordestino (é pernambucano), malandro e rasta.

Em meio à usina de instrumentos primitivos há espaço para uma bateria, eletrônica, transformada em máquina de escrever sons.

Nesse pique leve e perfeito, Tetê entra em cena com visual oriental. Há um "diálogo" na linguagem dos pássaros que faz a platéia rir. Naná parece um moleque dengoso. Tetê é a própria jacutinga. Naná retira-se temporariamente e Tetê, com seu revirar de olhos à Betty Boop, fica com o duo de violonistas Duofel. O som de Naná, como ele mesmo afirma, é mais improvisado, como fruto de vibrações captadas no ar. Tetê apresenta composições de seu LP e recriações, como "Aí Iô Iô" e até mesmo a "Bachiana n.º 5", na qual ela alcança agudos tão altos que alguns na platéia levam as mãos aos ouvidos. O final reúne a dupla e o duo, que, com "Canção da Estrada", de Milton Nascimento e Fernando Brandt, fecham a noite, aplaudidos de pé. *Tom Leão*

Foto Cláudia Dantas

ALCEU VALENÇA

VITALIDADE

Projeto SP (São Paulo) — 05/04

O ''melhor'' da festa eu perdi — Jânio Quadros, nosso prefeito, havia solicitado interdição (com polícia e tudo) do Projeto SP na sexta-feira. No sábado, como se nada tivesse acontecido, o público lotou o local. No meio do show, Alceu não perdeu a oportunidade e mostrou seu repúdio: ''São Paulo é uma das cidades mais importantes do mundo e quase não existe um lugar digno para shows... Isto foi um autoritarismo da prefeitura, daquele imbecil, f.d.p. ...''. O povo respondeu com: ''Yeah! Viva!'', seguidos de uma estrondosa salva de palmas.

Bem, registrado este ''pequeno'' incidente, vamos ao show propriamente dito. Ao entrar no espaço já se via, ao fundo do palco, o painel de Wellington Virgulino (o mesmo autor da capa de *Estação da Luz*), que daria o tom certo às cores musicais do espetáculo. Alceu entrou correndo e, antes mesmo de atingir o outro extremo do tablado, o público estava em pé, aos pulos e berros. Pura quebra de jejum. Se quiserem saber qual foi o ponto alto do show, felicidade informar que todos os momentos foram de delírio. Por isso Alceu, lá pelo final, gritava com a platéia: ''É carnaval, no SP...'' e, antes: ''Gê, gererê, gererê...''. Na música ''Chuva de Caju'' — onde homenageia Jorge Amado —, teve quase que implorar por silêncio. E, logo depois, atiçou todos para que cantassem ''Estação da Luz'', que é o carro-chefe do último LP.

Mas, por que este pernambucano arretado mexe tanto com a gente? Vale aqui uma rápida pincelada. Ele é o único ''sobrevivente'' da safra de jovens nordestinos que vingaram nos anos 70. Na sua música entram as influências de seu primeiro ídolo roqueiro Elvis Presley e toda a autenticidade brasileira contida num Gonzagão e num Jackson do Pandeiro. Além disso, é bom lembrar que ele estava nos EUA nos tempos de Woodstock e aproveitou para mostrar um pouco do Brasil nas ruas de Boston, com apenas um violão em punho. Agradou, e muito. Mas, principalmente, porque nenhum rosto, nenhum gesto, nenhuma história passam desapercebidos por esse errante viajante do mundo. Juntando tudo isso a uma voz inconfundível e extasiante, Alceu faz com que a música brasileira permaneça *viva*.

Do show a que assisti em 1978 no extinto teatro do Colégio Equipe em São Paulo, a vitalidade continua a mesma. Acrescentem-se apenas alguns fios brancos em sua longa cabeleira. Hoje eles representam pura e simples consistência musical, expressada, neste espetáculo, através de uma percussão variadíssima, partindo do aleatório e passando pelo maracatu, baião, samba e, claro, rock. Com a tecnologia (teclados, guitarra) que ele coloca a seu serviço, e não o contrário.

Alceu deixou os sucessos para o final: ''Tropicana'' e ''Coração Bobo''. Na primeira, acelerou o ritmo para descambar num rockão. Como bis, um carnaval de puro frevo. Fim de show, o público ia deixando o Espaço SP — 19° lá fora e 40° lá dentro — molhado, descalço e sem camisa (os homens, claro). Velhos fãs se misturavam à garotada de 18 e 16 anos. Tudo bem ao sabor de Alceu, que começou *danado para catende* e só agora pegou o *trem da luz* e botou para andar. Este é o segredo que mantém um artista *vivo* — cada novo trabalho é outra viagem.

Sônia Maia

Foto Geraldo Luis Gomes

Alceu : xingando o prefeito e incendiando a massa

JESUS & MARY CHAIN

OTITE À ESCOCESA

Ritz (Nova York) 14/03

Foto Capak/ LFI

Melodia e emoções por trás da microfonia infernal

É meio difícil escandalizar Nova York. Mesmo trazendo a reputação de "banda mais capaz de provocar tumultos" do cenário musical inglês, Jesus & Mary Chain estreou no Ritz, dia 15 de março, com uma recepção entusiasmada, mas sem escandalizar ninguém. Abrindo o show, uma banda praticamente desconhecida, Vulcan Death Grip, conseguiu até mais: uma gostosa mistura de humor (a banda faz cenas bem falsificadas de desmaios, vômitos e alguns mergulhos bem reais na platéia) e entusiasmo. Guardem o nome da cantora do grupo, Ann Magweson. E prestem atenção: Vulcan Death Grip é aquele toque da morte de Vulcano usado pelo homem de orelhas pontudas na velha série de TV *Jornada nas Estrelas*, que até hoje tem espectadores fanáticos nos States.

Mas não é muito justo ficar falando do Vulcan Death Grip, quando a noite era de Jesus & Mary Chain. Depois de alguns poucos meses escandalizando os ingleses (eles são escoceses, mas proibidos de trabalhar na Escócia), a banda conseguiu alguns admiradores nos Estados Unidos. Agora, o selo Reprise, da Warner, achou que era hora de lançar o LP da banda. Para promovê-lo, foi organizada uma excursão americana, principalmente em clubes de tamanho médio, como o Ritz (em que a venda de cerveja é permitida, ajudando a acender os entusiasmos, ao lado de estimulantes menos legais).

A maior diferença entre o LP, *Psychocandy*, e a banda ao vivo é que, em casa, a gente sempre pode abaixar o volume. Porque o som de Jesus & Mary Chain é atordoante, capaz de provocar uma otite nos ouvidos menos prevenidos — do erotismo de coisas como "Just Like Honey" (uma ode ao cunnilingus) ao escândalo de "Sowing Seeds" ou "You Trip Me Up", todas compostas por Jim e William Reid.

Musicalmente, as definições podem ser muitas. A maior influência é um punk-rock quase puro, com uso inescrupuloso de microfonia, uma espécie de Velvet Underground multiplicado por mil. Os dois irmãos, Jim e William Reid, cuidam das guitarras e dos vocais, embora seja quase impossível decifrar palavras, do baixo de Douglas Hart e da bateria de Bobby Gillespie.

Decifrar é a palavra-chave, com esta banda. Se a gente fica apenas no barulho, dispensa o grupo como mais uma tentativa de seduzir pelo exagero. Mas, detrás desta barreira de som, existem paisagens de melodia e emoção que justificam alguns grandiosos elogios que Jesus & Mary Chain tem recebido. O punk-rock está lá, mas com uma insubordinação incendiária que é muito mais que um simples renascimento dos Sex Pistols.

A banda existe há pouco mais de dois anos, e Jim Reid, com 19 anos, gosta da definição de seu grupo dada pela imprensa conservadora de Londres: "Nos chamam de escória. Levo isso muito a sério". A BBC mal toca a banda, claro, mas Jim sabe por quê: "A BBC é uma muralha de estupidez, feita de velhos de 50 anos que acham que sabem o que é bom para a garotada".

A verdade é que o Chain é uma injeção de vitalidade, depois de tantos grupinhos adocicados na onda de Duran Duran, Culture Club, Wham! e Spandau Ballet, que andavam construindo uma imagem de adolescentes conformistas, incapazes de ver a diferença entre um namoradinho cheio de grilos e uma verdadeira paixão. Afinal de contas, Romeu e Julieta tinham 15 anos, doces como pombinhos, mas vocês viram no que deu a verdadeira paixão de fogo que pode existir quando o sexo está tomando conta do corpo jovem. A Jesus & Mary Chain tem algo desse fogo. E não se escandalize muito com o nome da banda: foi tirado de um velho filme de Bing Crosby em que ele fazia o papel de um padre.

A platéia do Ritz certamente não era tão jovem (é preciso ter 18 anos para entrar no clube, um velho teatrão sem as cadeiras, na rua 11 de Manhattan). Mas, ao reagir, demonstrou uma inteligência básica: a capacidade de escutar, para finalmente decifrar o que significa este novo som. Por enquanto, é o que se pode fazer. A imprensa inglesa ou elogiou demais ou criticou demais. Jesus & Mary Chain é um som que precisa mais do que isso: como uma mensagem que chegasse de outro planeta, precisa ser decodificada, entendida. Até lá, para curtir o grupo, ainda acho que o disco é o melhor veículo. Ao vivo, há muitos momentos em que o som ultrapassa o chamado "limiar perigoso", e simplesmente machuca o ouvido.

Marco Antônio de Menezes

ARTFLUX

SURVIVORS

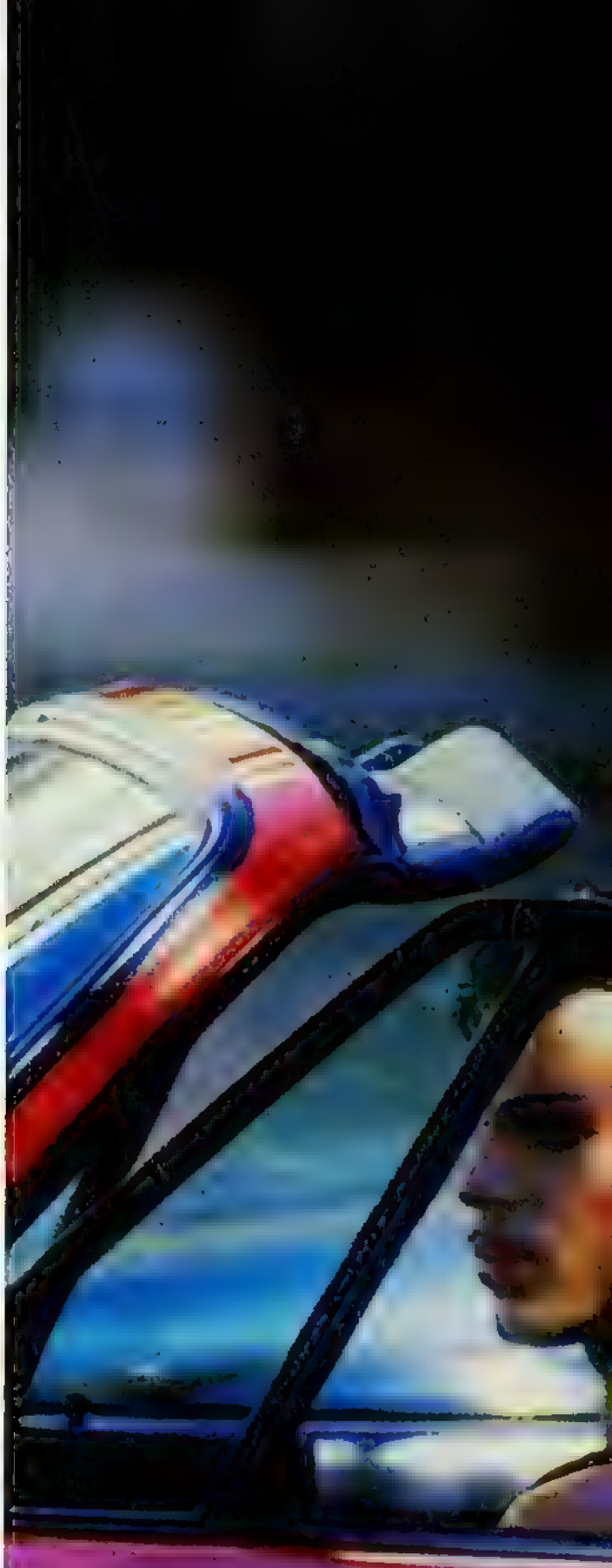
COBRA - Indústria e Comércio de Calçados e Artigos Esportivos Ltda.
Av. Dr. Timóteo Penteado, 937
Guarulhos - SP - Tels: (011) 209-8018 e 209-3366

CINEMA

PRINCE

Sob a Lua de Cereja

Em clima de guerra — escaramuças e segredos militares — Prince dá os retoques finais em seu novo filme, *Under the Cherry Moon.* Marco Antonio de Menezes furou o cerco e adianta detalhes da história e da genial trilha sonora



Depois da boina cor de framboesa (“Raspberry Beret”, seu hit do LP *Around the World in a Day)* e da “chuva púrpura”, Prince agora está sob o signo de uma lua cor de cereja. É o título, de seu filme *Under the Cherry Moon,* que deve estrear nos EUA no começo de julho. *Purple Rain,* seu filme anterior (que os produtores de Hollywood nem queriam financiar, achando que era fracasso

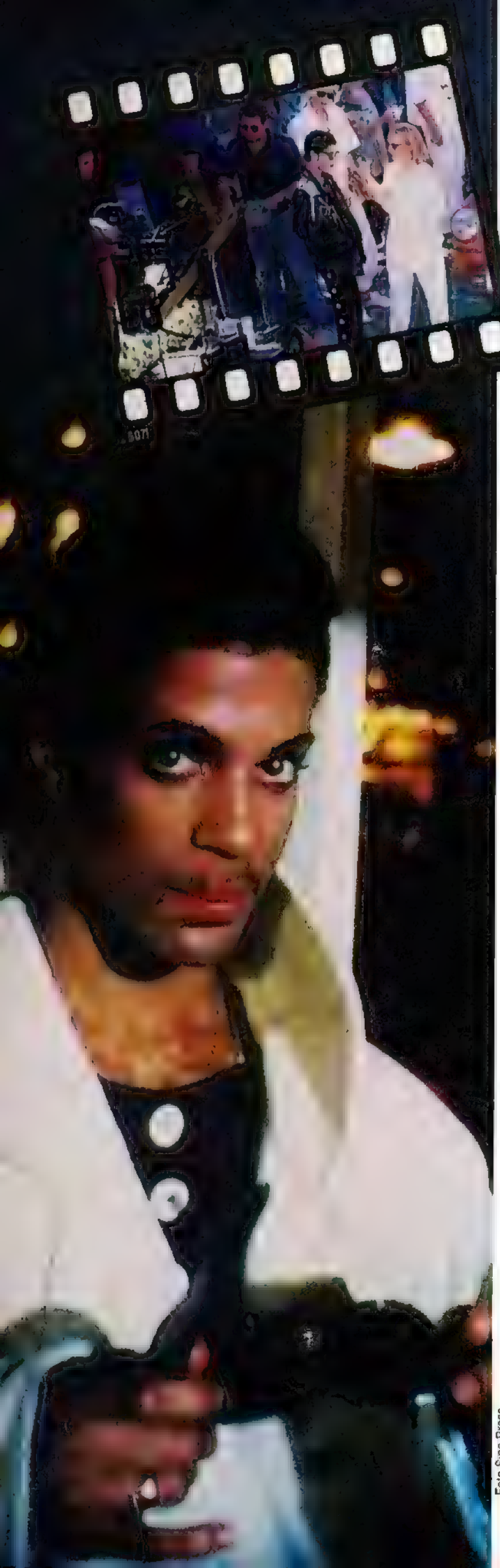


Foto Theven n/ Sipa Press

Foto Sipa Press

certo), rendeu 80 milhões de dólares. Acho que Prince acredita mais ainda em *Cherry Moon*.

O LP com as músicas do filme já está nas lojas, uma verdadeira maravilha. Melhor que o melhor de Prince até hoje, que era *1999*. Chama-se *Parade*. Mas, sobre o filme, Prince não quer falar nada, até a hora da estréia. Segredo absoluto. Todo mundo na equipe teve que assinar um compromisso de calar a boca.

É a velha tática de despistamento. Você lembra que, há mais de um ano, Prince tinha dito que nunca mais ia tocar em público? Foi logo depois das 32 cidades da excursão *Purple Rain* (30 milhões de dólares apurados em ingressos vendidos para quase dois milhões de espectadores). Em março deste ano ele já estava de volta, tocando em Minneapolis e Los Angeles.

Prince disse que ia "procurar a escada", ninguém entendeu. Ele embarcou logo depois para a França. Entre os milionários de Nice e da Côte D'Azur, começaram as dez semanas de filmagens da *Lua Cereja*. Foi em setembro. Prince circulava protegido pela polícia e por sua guarda particular. A confusão começou logo depois. Terence Stamp, o nome mais conhecido do elenco, abandonou o filme, exausto. A diretora, Mary Lambert (famosa pelos clips da Madonna), também sucumbiu à energia de Prince.

Ele próprio resolveu assumir a direção. A confusão aumentou: uma lei americana diz que o ator principal não pode pegar a direção de um filme, em substituição ao diretor. O Sindicato dos Diretores chiou. As coisas só se resolveram quando, afinal, soube-se que nem Mary Lambert era sindicalizada.

Deve ter sido difícil para Prince. Pela primeira vez, tanto no filme quanto no disco, ele queria uma união adulta entre amor e sexo. A história exigia. Até onde deu para apurar, é uma idéia genial, uma espécie de Pigmalião às avessas. Em vez de um milionário transformando uma grosseirona em dama elegante, Prince, no papel de Christopher Tracy — um pianista americano meio pirado —, tenta desatar os nós do esnobismo que impedem uma *socialite* de amar e ser amada.

O roteiro é de Becky Johnston, e os produtores são os mesmos de *Purple Rain* (Bob Cavallo, Joe Rufallo e Steve Fargnoli). A fotografia é de Michael Ballhaus. Quem viu alguma coisa, na sala de montagem de Eva Gardos, diz que Ballhaus é o maior trunfo do filme. Depois da música, claro. As cores mais malucas, mas nada daqueles truques típicos dos clips. Prince queria evitá-los de qualquer maneira — pode ter sido a causa da briga com Mary Lambert.

A julgar pela música, Prince nunca esteve tão requintado, tão sofisticado. Duas das músicas do filme, "Mountains" e "Sometimes it Snows in April" ("Às Vezes Neva em Abril", a maior coincidência, pois neste abril nevou mesmo aqui nos EUA), são colaborações com Lisa Coleman e Wendy Melvoin, as duas mulheres de sua banda, The Revolution — o resto é Prince sozinho. Coisas deslumbrantes. Baratos totais como a quase valsa que é "Under the Cherry Moon", os toques franceses em "Boys & Girls" e "Do U Lie?", a mistura de funk e rhythm'n'blues e a letra do grande poeta em "Kiss".

Prince está tão confiante no filme que planejou a maior excursão mundial de sua carreira, começando quando o filme for lançado. Nove meses, pelo mundo todo (em abril ele cancelou a Europa — os americanos estão mortos de medo do terrorismo. Parece que são as maiores vítimas do que Reagan fez na Líbia...). Além disso, Lisa e Wendy já estão compondo músicas para o terceiro filme de Prince. Vai ser uma ópera-rock! Ele disse às duas que fizessem o que quisessem. Depois, o roteiro será baseado na trilha.

Por *Parade*, o LP, é fácil ver que Prince superou o impasse criativo de *Around the World in a Day* (que, convenhamos, era uma utilização de truques e recursos que Prince domina muito bem, mas que tinha pouco de realmente criativo). E de um músico como Prince a gente tem o direito de só esperar o melhor.

Outro dia um crítico americano disse que a música de *Under the Cherry Moon* vai ser o carro-chefe da música popular nos EUA em 1987. Não é exagero. Com ela, Prince confirma que tem a força de um Stevie Wonder, de um James Brown. Não é à toa que Miles Davis (ele e Prince são fãs um do outro) o convidou para participar de seu próximo disco.

INIMIGO MEU

EM CARTAZ

Foto Fox Film

Este filme do diretor alemão Wolfgang Petersen *(O Barco, História Sem Fim)* lembra, no início, o velho *Inferno no Pacífico* de John Boorman, com Toshiro Mifune e Lee Marvin. Só que, ao invés da ilha deserta onde um soldado americano e um japonês se digladiam, aqui há um planeta hostil inteirinho para ensinar a arte da convivência ao terráqueo Davidge (Dennis Quaid) e ao *drac* Jeriba. Na luta pelo universo, em pleno século XXI, eles caem com suas naves em Fyrine IV, um lugar constantemente varrido por chuvas de meteoritos e habitado por monstros ameaçadores.

O *drac*, o ator Louis Gossett, Jr., sob uma máscara que combina muito de réptil com ginga e falas de negão nova-iorquino, revela-se, afinal, um bom camarada. Com algumas particularidades, é certo: os *dracs*, hermafroditas, engravidam-se sozinhos... E Davidge, um tipo bastante inspirado em Hans Solo e Indiana Jones (Quaid é parecido pra chuchu com Harrison Ford), terá que exercer seus dotes de titio.

A geografia e o céu de Fyrine IV servem de pretexto para Petersen armar seus cenários exóticos, como em *História Sem Fim*, entremeados por algumas batalhas espaciais. Os efeitos foram encomendados para a Industrial Light and Magic, a empresa de George Lucas, o que reforça as semelhanças com a série *Guerra nas Estrelas*. Mas Petersen é muito feliz, levando com competência um bom enredo, que combina humor, ação e solidariedade. Grande programa.

A.A.

COTTON CLUB

EM CARTAZ

O cálculo parecia infalível: some os talentos de Milena Caronero (figurinista de *Carruagens de Fogo* e *Barry Lyndon)*, Stephen Goldblatt (diretor de fotografia de *Fome de Viver)* e John Barry (compositor de trilhas como as de *Hammett, o Falcão Maltês* e *Na Mira dos Assassinos)*, mexa bem e deixe a massa ser moldada e finalizada por Francis Ford Coppola (diretor, entre outros clássicos do cinema, de *O Poderoso Chefão)*. Depois da derradeira camada de glacê, enfeite o bolo com um astro de suprema grandeza — Richard Gere. A receita exata de um sucesso? Correto, só que, no decorrer do processo, a massa "desandou" ou o tempo de cozedura foi excessivo. O fato é que *Cotton Club* — uma superprodução de 47 milhões de dólares, seis anos de trabalho extenuante e três revisões de roteiro — vem se transformando num gritante fracasso em cada mercado que estréia.

O motivo do fracasso é assunto para zilhões de considerações. Será culpada a inaptidão de Gere para um papel de época tão diferente dos *playboys* que costuma retratar? Será culpada a mão pesada de Coppola sobre uma produção marcada pelo caos e pela pressa, desde que o produtor Robert Evans resolveu adquirir os direitos do livro *Cotton Club*, sobre o auge da mescla gangsters/jazz/lei seca dos anos 20?

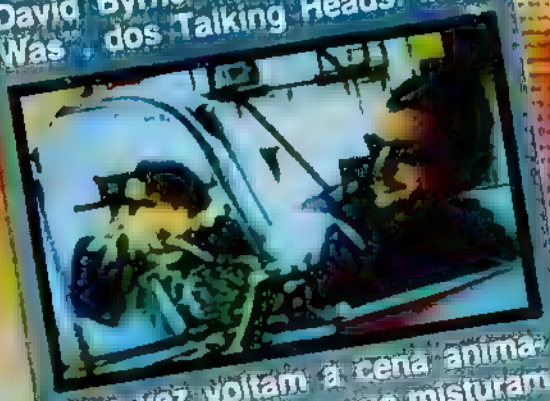
Qualquer resposta, no entanto, não explica, a contento, como um filme plasticamente tão bonito e tão bem pesquisado acaba resultando tão chato e pretensioso.

J.E.R.

JONI MITCHELL
TERNURA & TÉCNICA

Artes gráficas não são novidade para Joni Mitchell. Testamento disso são seus LPs, cujas capas têm, quase todas, o dedo da cantora/compositora canadense. E essa interferência de Joni na embalagem de sua música foi sempre marcada por um refinado bom gosto, incorporando técnicas ultramodernas a uma delicadeza feminina. Não é surpresa, portanto, que o primeiro vídeo da atual fase da carreira de Joni seja um importantíssimo tento a favor da evolução da linguagem dos videoclips.

"Good Friends", pinçado do álbum *Dog Eat Dog*, retoma a proposta visual inaugurada por David Byrne no clip "And She Was", dos Talking Heads. Mais uma vez voltam à cena animações sofisticadas que misturam filme, imagens xerocadas e *stop-motion*. Só que desta vez Joni foi bem mais adiante. Muitas das vezes os *frames* xerocados são retocados a crayon e há momentos em que a animação é misturada com *takes* de filmagem normal. O efeito é desconcertante, em meio ao contraste fortíssimo entre real e artificial.



No mais, esta canção de amor e amizade duradoura já empresta sugestões de imagens que fustigam sem clemência a sensibilidade dos frígidos mais cínicos. Como, por exemplo, na sequência dos corações ("Seu coração é de ouro/ Seus nervos são de aço") ou na dos cacos desiguais que um par de mãos

tenta casar. Ou ainda nas brincadeiras engendradas por Joni e sua cara-metade na vida real, o baixista Larry Carlton. Se todos os vídeos que burilam animação e efeitos especiais fossem criados com a sensibilidade deste clip, o mundo dos videófilos seria bem melhor.

Fotos Rudy A. Louro

J.E.R.

THE PANDORAS

Gatinhas tocando new wave? Não, roqueiras da melhor estirpe, apaixonadas pelo *Pepe Escobar*

Foto Summa, Sipa Press

As Pandoras: rock-de garagem transcendental

Há uma década, quando o punk estourava seus molotov em Londres, outros coquetéis também balançavam Los Angeles. Era uma espécie de renascimento do rock'n'roll. Fim da *disco music* e do sonolento *big rock* dos anos 70. O problema é que as grandes gravadoras não acompanharam a agitação nas ruas e nos clubes. 1980 foi outro pique criativo. Punk como ímpeto e new wave como efeito comercial colateral. Alta credibilidade para várias bandas: X, Blasters, Wall of Voodoo, Oingo Boingo, Plimsouls, Black Flag. Cerne da adrenalina: os clubes. Muitos, como o antológico Whisky-A-Go-Go. Em 86, qual é o quadro? Barra pesada. Os clubes estão acabando. As bandas também. Com o império dos Yuppies e a *dance music* como mera derivada da indústria da moda, a música com garra foi para o fundo do Oceano Pacífico. Com punk e tudo, claro. O punk virou uma piada, em perpétua nostalgia de si próprio.

O pique criativo dos early 80's — como em grande parte da produção inglesa — tinha a ver com formas de liberdade individual. O tema-chave. Hoje, o que significa liberdade individual, para grande parte da garotada? Um vídeo em casa e uma roupinha para dançar no sábado à noite em um clubinho metido.

Mesmo assim, em 86, algo sobrevive com garra. Das novas bandas de L.A., muitas, daqui a um ano ou dois, estarão arrasando em escala internacional. Rave-Ups, Thelonius Monsters, Radwaste, Ten Foot Faces e Lonesome Strangers são alguns exemplos. E, claro, as deliciosas Pandoras.

Nada a ver com um quarteto de gatinhas tocando "new wave" (aaaargh!) Pandoras é Paula na guitarra, a sexy Melanie no órgão punk-garagem, Kim no baixo e Karen na bateria. Estão direto em punk dos 60 e rock'n roll básico. Odeiam retropsicodelia. Seu negócio é uma versão feminina de Stones em início de carreira. Pedal de Fuzztone, bons *riffs* e libidinagem.

Kim vai de brincos pop art, Melanie de mini-saia e Karen de meia trançada. O que é isso, mais um revival dos 60? Não — elas fazem a sua adaptação para o espírito 80. Ecos de Paul Revere and the Raiders, Standells, mas já é visível a personalidade Pandoras. Têm um albinho delicioso pela Rhino Records, *Stop Pretending* (a venerável Rhino, rainha das garagens independentes americanas, merece uma matéria à parte). Fiquem de olho, que dessa caixa de Pandora não sai nenhuma praga. Sai o velho, safado e delicioso rock'n' roll.

SHOP ASSISTANTS

Três garotas e um garoto de muito futuro vistos através da luneta de *Thomas Pappon*

Na opinião do *New Musical Express*, eles são a "melhor, a mais importante e apaixonante banda independente da Grã-Bretanha de hoje", e o nosso amigo Morrissey escolheu o primeiro single dos Shop Assistants, lançado há menos de um ano atrás, como sua música favorita de 85. Nada mau para um grupo que só tem quinze meses de vida.

E na realidade estes argumentos não são os mais fortes para convencer de que o grupo merece atenção. Posso citar três razões mais fortes:

1. O grupo é formado por três moças e um rapaz: Laura (bateria), Sarah (baixo), Alex (vocal) e David (guitarra). A média de idade deles é de 21 anos, e todos ainda estudam.

2. São conhecidos como "as irmãs caçulas do Jesus and Mary Chain", porque, a exemplo deles, do Velvet Underground, do Wire e de tanta gente boa, são capazes de trabalhar os ruídos mais desagradáveis em conjunto com as melodias mais suaves.

3. Para se manter no difícil e congestionado mercado musical inglês, lançam seus discos por um selo próprio, chamado 53rd & 3rd, e os distribuem por outra gravadora, a Fast Forward.

E de lambuja, vale citar que já se apresentaram ao vivo no programa de John Peel, o "descobridor" dos novos talentos e tendências do rock anglo-saxão, e que *não* são gostosonas. Odeiam a palavra "sexy".

Os Shop Assistants (Vendedores de Lojas) são de Edimburgo, Escócia. Fazem canções simples, mas o impacto de sua música não reside só nas composições. David abusa da distorção, Laura faz de tudo para sua bateria não soar como uma bateria, e Sarah diz que se sente fortemente influenciada pelos Stranglers (vocês já ouviram o baixo de Jean-Jacques Burnell?).

E agora, prepare suas encomendas. Por enquanto, os Shop Assistants lançaram dois EPs: *All Day Long*, pelo selo Subway, e *Safety Net*, pelo selo próprio. Dificilmente essas coisas serão lançadas por aqui.

LOBOTOMIA

Paranóicos, esquizofrênicos e psicopatas bem-nascidos. *Sônia Maia* avia a receita

"Um surfista chegou para mim uma vez e disse: 'As duas únicas bandas que prestam no Brasil são o Lobotomia e o Tokyo' ", exclama Zezé (baixo). *Lobotomia*, o LP, começa assim: "Paranóicos, doentes mentais/ Esquizofrênicos, psicopatas/ Não são mais que o lixo humano/ Amontoados nos manicômios/ E para conter os gastos do Estado/ Lobotomia é a forma de cura". Enquanto isso, a "linda garota de Berlim" do Tokyo freqüenta as FMs. "Tudo bem", fala Zezé irônica, "o importante é que comprem o disco."

O grupo começou em outubro de 84, com um show para inaugurar a extinta butique Varukers. E, de lá para cá, já passou por quatro formações. Tiveram até um jazzista, o baixista Bê. Mas Grego e Caio nunca abriram mão da influência punk, aqui no Brasil tradicionalmente expressa pela juventude pobre, de periferia. O Lobotomia, ao contrário, é composto por um pessoal muito bem-nascido. Informação não falta: vídeos, discos, viagens pela Europa e EUA (caso de Zezé). Ela, aliás, é estudante de psicologia e traça o perfil do grupo: "Caio (voz/letras) é paranóico; Grego (bateria) é doente mental; Aderbal (guitarra) é psicopata; e eu, esquizofrênica". Apesar disso todos estudam e, à exceção de Zezé, também trabalham. As definições que ela dá entram, na verdade, na música, onde estão presentes, também, as fissuras hardcore de Caio, o peso e eficiência de Grego, a harmonia de Aderbal e a precisão de Zezé.

No palco, a força e presença que o estilo exige. No LP, até agora bancado exclusivamente pelo grupo, um nível de gravação internacional. Para quem gosta de rock pesado, com conteúdo, Lobotomia é, sem dúvida, uma das poucas opções.

Fotos Rui Mendes

Aderbal, Grego e Paulo (atrás), Caio e Zezé

365

O rock-de-combate abrasileirado por punks amantes da melhor música clássica

Finho (sentado), Mingau e Miro — faltou o Ari

Da safra punk que apareceu por aqui em 78 — na época ignorada pela mídia —, o 365 é um dos herdeiros diretos. Uma parte dos grupos preferiu insistir no estilo pejorativamente definido por alguns como "tá-pum-tá-pum-tá-pum", ou seja, puro punk. Outros voltaram-se para um som mais elaborado. É o caso do 365.

Mingau (baixo) está agora com 18 anos, mas já é um personagem histórico do "movimento": começou no Ratos de Porão com 14 anos. Miro (bateria) estava no Lixomania, primeira e mais punk versão do 365. Finho (vocal/letras) "bebia pra burro", nas suas palavras, mas também é ex-cristão e cantou no Reprise. Ele adora música clássica. E comenta: "Stravinsky era muito mais punk que os Pistols,e Vivaldi muito mais dark". Ari (guitarra) tocou no Fogo Cruzado e, dentro de suas preferências, está o estilo *combat rock* criado pelo Clash, que ele abrasileirou e jogou na base do 365.

O grupo não nega carregar o punk nas veias. Mas repudia a idéia de que ele foi apenas um movimento musical: "É também social", afirma Finho. Por isso, quando foram convidados pelo selo Baratos Afins para entrar no *Não São Paulo 2* com duas faixas, optaram pelas músicas "31 de Março" e "Grandola - Vila Morena". Esta última é um arranjo do grupo para o Hino da Revolução dos Cravos, ocorrida em 74, em Portugal. A surpresa e o charme estão no solo de guitarra portuguesa, tocada pelo pai de Ari.

No mais, um grupo que está sendo elogiado onde quer que se apresente (Bi, do Paralamas, compartilha dos elogios). Fora isso, ritmos jamaicanos como ska e reggae De qualquer forma, quem, como eles, já percorreu uma dura mas experiente estrada não tem nada a temer — vem para ficar

S M.

SIMPLE MINDS

DON'T YOU (FORGET ABOUT ME)

(Keith Forsey/Steve Ch.ff)

Won't you come see about me
I'll be alone dancing, you know it'll be me
tell me your troubles and doubts
giving me everything inside and out

Love's strange, so real in the dark
think of the tender things that we were working on
a slow change may pull us apart
when the light gets into your heart, baby

(refrão)
Don't you forget about me
don't don't don't you forget about me
Will you stand above me, look my way
never love me, rain keeps falling
rain keeps falling down down

Don't you try and pretend
it's my beginning, we'll win in the end
I won't harm you or touch your defenses
vanity, insecurity

Don't you forget about me
I''ll be alone dancing, you know it, baby
going to take you apart
I'll build us back together at heart, baby

(refrão)

Will you recognize me, call my name
or walk on by, rain keeps falling
rain keep falling down down

As you walk on by...
will you call my name? (2 vezes)
when you walk away...

NÃO VÁ VOCÊ (SE ESQUECER DE MIM)

Você não quer vir para me ver
estarei sozinho, dançando, você saberá que sou eu
me conte seus problemas e dúvidas
me dando tudo, por dentro e por fora

O amor é estranho, tão verdadeiro no escuro
pense nas coisas ternas que estávamos desenvolvendo
uma lenta mudança pode nos separar
quando a luz entrar em seu coração, baby

(refrão)
Não vá você se esquecer de mim
não não não, não vá se esquecer de mim
Será que você vai ficar acima de mim, olhar para mim
nunca me amar, a chuva continua caindo
caindo caindo

Não vá você tentar fingir
que é o meu começo, nós venceremos no fim
Eu não vou ferir você nem tocar suas defesas
vaidade, insegurança

Não vá você se esquecer de mim
Estarei sozinho dançando, você sabe disso, baby
vai colocar você de lado
Eu nos colocarei juntos outra vez no coração, baby

(refrão)

Será que você vai me reconhecer, chamar pelo meu nome
ou passar reto, a chuva continua caindo
caindo caindo

Enquanto você passa reto por mim
será que você vai chamar pelo meu nome?
quando você me abandonar...

© 1985 by MCA Music/Music Corporation of America Inc — MCA do Brasil

Stamp

ESTAMPAS EXCLUSIVAS

T-SHIRTS TOTAL

Cz$ 80,00
Cada Camiseta

OFERTA:
Na compra de cinco camisetas, ganhe uma à sua escolha.

ADESIVOS ESPECIAIS

NA COMPRA DE QUATRO ADESIVOS GANHE UM À SUA ESCOLHA

Cz$ 20,00 cada adesivo

Enviando cheque ou vale postal ganhe 10% de desconto

REEMBOLSO POSTAL

REF. 238 Cor: br
REF. 206 Cor: br, vd, az
REF. 220 Cor: az, vd
REF. 221 Cor: br
REF. 226 Cor: az, br
REF. 235 Cor: pr
REF. 232 Cor: az
REF. 237 Cor: pr
REF. 216 Cor: br, pr
REF. 212 Cor: vm
REF. 222 Cor: vd
REF. 202 Cor: br
REF. 204 Cor: br
REF. 201 Cor: az, vd
REF. 229 Cor: br
REF. 203 Cor: vd, az
REF. 207 Cor: pr, vd, az, br
REF. 205 Cor: az, vd
REF. 211 Cor: vm, vd, az, br
REF. 210 Cor: br, pr
REF. 209 Cor: vd, br, az
REF. 213 Cor: az, vd
REF. 219 Cor: br
REF. 217 Cor: pr
REF. 208 Cor: br, az, vd
REF. 214 Cor: br
REF. 215 Cor: vd, az
REF. 218 Cor: pr
REF. 231 Cor: az, vd
REF. 230 Cor: br
REF. 223 Cor: br
REF. 233 Cor: az
REF. 228 Cor: pr
REF. 227 Cor: br
REF. 236 Cor: pr
REF. 234 Cor: az, br

DESCONTO

Enviando cheque nominal ou vale postal à Stamp, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Mande o cheque ou o vale postal já com o desconto calculado. Para enviar vale postal é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: AGÊNCIA SHOPPING CENTER NORTE CÓDIGO 403369 - SÃO PAULO - SP. Ponha o vale postal junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver endereço ao lado).

Preencha corretamente, referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G) 100% algodão

REF.	COR	TAM	REF	COR	TAM

Nome . . . . . .
End... . . . . .
Cidade. . . . . .
Est . . . . . CEP

Envie este cupom ou xerox para Stamp
Rua Embaixador João Neves da Fontoura 198
CEP 02013 - São Paulo - SP

BIZZ 11

ARRIGO BARNABÉ

Foto Luis Gomes/ Abril

Estudante de arquitetura até descobrir a música erudita contemporânea, o ilustre sr. Arrigo

O criador de "Clara Crocodilo" passeia entre cordas e teclas em busca exclusiva da criação

Arrigo Barnabé começou a estudar piano aos 6 anos de idade. Largou aos 12 e foi aprender um pouco de violão. "Mas não sou um instrumentista. Me coloco mais como uma pessoa preocupada com a criação, que tenta criar e produzir arte." É isso aí. Vamos então esmiuçar o que ronda a cabeça desse "maldito" que balançou a música brasileira com sua "Clara Crocodilo".

"Em 1971 eu estava na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) e, em julho, participei do Festival de Inverno de Ouro Preto. Lá conheci Walter Smetak e o trabalho de Airton Escobar. Tomei contato com este universo que é a música erudita contemporânea. Ouvi música hindu, vietnamita, Stockhausen, Pierre Shaeffer, Pierre Boulez... No final de 71, eu e Mário Luís Cortes compusemos 'Clara Crocodilo'. Larguei a arquitetura e fui ser músico."

Como nasceu Clara? "Estávamos influenciados por um livro do Dêcio Pignatari, *Informação, Linguagem e Comunicação*, e queríamos uma coisa que tivesse uma taxa de redundância suficiente para ser veiculada por um meio de comunicação, como o rádio. Mas que não fosse redundante demais, que coubesse uma carga de informação nova. E foi este processo de composição que passei a adotar mais tarde em todas as minhas obras."

Arrigo fala que todas as suas composições nascem da experimentação. "Você experimenta, experimenta, as coisas vão se transformando e, assim, você as descobre." Foi desta forma que ele conseguiu criar um estilo próprio. Ele queria parar por aí, mas insisti que se aprofundasse neste processo. "Não posso falar disso tecnicamente, ninguém iria entender. Minha composição é baseada no contraponto. Faço uma linha de baixo e, dela, desenvolvo uma linha melódica. Isto quando trabalho mais ritmicamente. Quando o trabalho é mais melódico, começo sempre pela melodia. Não sou um cara preocupado com a harmonia. Não tenho uma formação, como esse pessoal de jazz, que adora e curte muito harmonia. Experimento com ela também, mas nesse caso a harmonia não segue o padrão da música tonal. E nem pode ser chamada de harmonia, porque não tem o sentido harmônico que as pessoas costumam exigir para considerar uma progressão de acordes uma progressão harmônica. É algo que também não sei. Precisaria parar e estudar um ano e meio, até dois. Trabalho com a harmonia intuitivamente. Misturo o que conheço de harmonia tonal, com a serial e com a harmonia baseada na escala de tons inteiros."

O urbano entra no trabalho de Arrigo como parte de seu cotidiano. O instrumento de criação é o piano, embora o lado intuitivo saia mais fácil no violão. "No piano sempre penso mais para compor. Mas no violão tenho no máximo quatro músicas, enquanto no piano, umas quarenta."

Nem sempre Arrigo trabalhou sozinho. Quando foi a Berlim, no ano passado, levou uma base daqui, e tanto os músicos brasileiros como os alemães que tocaram com ele improvisaram em cima dessa base. "Não é bem meu método de trabalho. Fiz isto durante um tempo apenas."

Atualmente, ele desenvolve um trabalho mais individual, com seqüenciadores e computadores. "O Dino Vicente está trabalhando comigo nos timbres. Eu componho, jogo as frases no computador e aí falo: quero um som grave, assim, assado. E ele, que tem muito bom gosto e conhece, vai escolhendo e trabalhando em cima. Mas é muito mais pessoal. Não tem nota que eu não queira ali. Agora, eu posso pegar todo este trabalho programado, soltar e botar um percussionista tocando livremente em cima. Mas a concepção, a idéia, é iniciativa minha — tem um ato de vontade meu."

S.M.

FICHA TÉCNICA

COMPUTADORES E UM PIANO CURITIBANO

"Não tenho instrumento algum. Só um piano acústico Essen Felder." Alemão? "Não, de Curitiba mesmo." E esta tecnologia toda que você citou? "Trabalhei com o Nelson Ayres na trilha de Santa Joana *com o JX8P e o DX7. No disco da Eliete Negreiros, eu e o Dino usamos o Emulator II, um sintetizador novo chamado Bit One, o JX8P e o DX7, além de um Expander da Oberheim e uma bateria eletrônica da mesma marca. E é com esse equipamento todo que estou trabalhando agora."*

O QUE A ANTENA 1 TEM EM COMUM COM AS MAIS FAMOSAS EMISSORAS DO MUNDO?

Lançamentos simultâneos com todas estas emissoras.
Produção e mixagens exclusivas. Esquema de comerciais bem colocados e limitados por faixas horárias.
Programação musical selecionada com o que há de melhor, lá e aqui.
Antena Um - onde o comum é fora do comum.

ANTENA 1

SÃO PAULO • RIO • BELO HORIZONTE • CURITIBA • GOIÂNIA • FLORIANOPOLIS

AIR MAIL

São Francisco, capital mundial do apocalipse hippie dos anos 60 — já são duas décadas de nostalgia... —, vai agora relembrar o seu passado — até parece que foi há um milênio — em estilo (ou falta de?). Quebra o pau na burocracia, mas vai sair mesmo o **Museu do Rock'n'Roll** — de acordo com a prefeitura, uma fonte de renda e turismo imperdível para a cidade. O museu terá um quarteirão (é a eterna megalomania californiana). Telões enormes de vídeo vão passar shows o dia inteiro. E vem uma réplica quase em tamanho natural do antológico Filmore West, o teatro onde **Country Joe, Jefferson Airplane, Grateful Dead** e outros dinossauros barbarizavam a geração *flower* (and *acid*) *power*. Quem viveu, vai adorar. Quem não viveu, gostaria de ter vivido.

Está eleita a melhor compilação de rock'n'roll da história do dito. É a *Back from the Grave*, da ultra-underground Crypt Records, de New Jersey. Só gravações raríssimas de punks de garagem dos anos 60. Um verdadeiro pandemônio sonoro, capaz de envergonhar qualquer praticante do rock eletrônico Gucci-Pucci-Fiorucci. A única loja do planeta que tem a coleção completa — seis volumes até agora — é a venerável Rhino Records, de Los Angeles, em Westwood Boulevard. Quem for, vá preparado para torrar as verdinhas, porque a loja é do balaco.

Steve van Zandt foi visto por este correspondente na porta da metidíssima Comme des Garçons em Melrose Boulevard, Los Angeles. Trocamos informações, e lhe disse que já está famoso no Brasil, via BIZZ. Miami Steve não conseguiu esconder seu contentamento e aproveitou para comprar mais alguns bagulhos com a estonteante loira que o acompanhava. Revelou, no entanto, que não pretende fazer um revival de "Sun City" na Cidade Maravilhosa.

A lúgubre Manchester expele mais uma bandinha fã de bossa nova, a **Kalima.** Estão com um single na praça que é puro Ipanema 65. Antes que alguém bote a boca no mundo, não se trata de revival de bossa nova nem de "bossa nova tomando conta de Londres". É, pura e simplesmente, bom gosto.

Foto Pieter Mazel/ LFI

Em seu próximo filme, Vamp, a pantera Grace Jones faz o papel de uma vampira de um bilhão de anos. O bocão continua em close-up, pronto para engolir todos os machos do planeta.

Sessão antológica em Los Angeles nesta primavera. Tratava-se da gravação de um mini-LP por Sky Saxon, que nos anos 60 quase inventou o punk de garagem como líder do sensacional The Seeds. Na sessão apareceram John Doe, do X, Ray "eu fui um dos Doors" Manzarek e Steve Wynn, uma das guitarras enfurecidas do ferocíssimo Dream Syndicate. Saxon chegou atrasado à sessão porque ficou preso em seu prédio. A SWAT estava atrás de um gangster e isolou o seu quarteirão. A sessão, pelo que se comenta, foi um estouro. O gangster foi despachado para outra dimensão pela SWAT.

Os Simple Minds, que parecem estar sendo "descobertos" no Brasil com alguns séculos de atraso, são filiados à Anistia Internacional. A banda inglesa até adotou um garotinho peruano que desapareceu em 84 pelas mãos do Exército. Aquele que quiser dar uma de Simple Minds — embora não seja garantia de entrar nas paradas — pode fazer uma doação de no mínimo quinze dólares à Anistia. Endereço: Amnesty International, British Section, 5 Roberts Place, London EC1 ROEJ, England.

Duane Eddy, um dos feiticeiros do rock'n'roll riff, volta à evidência com seu novo back-up group, os pós-tudo-o-que-você-quiser-imaginar Art of Noise (agora longe, muito longe da malfadada ZZT, que está em baixo astral total e mudou seus escritórios para Paris). Duane e o Noise regravaram o antológico tema da série de detetive televisiva *Peter Gunn*. O casamento entre o primitivo e o pós-tudo é um dos melhores singles dos anos 80.

Pepe Escobar

RECEBA JÁ EM SUA CASA:

camisetas com estampas Hot adesivas importadas, super coloridas

NOVIDADE: Pode ser aplicada na frente ou nas costas da camiseta é só você escolher.

CAMISETAS

Nas cores: Vermelha - Verde - Amarela Branca e Preta.

Tamanhos P-M-G

CAMISETAS E ADESIVOS

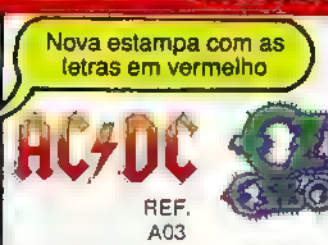
Despachamos em 48 horas para todo o Brasil os pedidos acompanhados de cheque nominal.
O FRETE É GRÁTIS (NA COMPRA DE 5 OU MAIS CAMISETAS)

PROMOÇÃO ESPECIAL: Na compra de 3 camisetas você ganha 1 estampa com adesivos atrás à sua escolha.

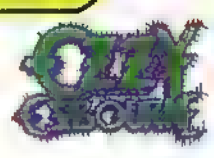
GARANTIMOS TOTALMENTE A ENTREGA DOS PRODUTOS — REEMBOLSO POSTAL

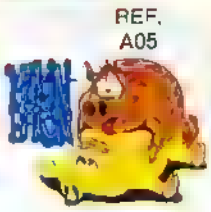
REF. A01

REF. A 65



REF. A03


REF. A04


REF. A05

REF. A60

REF. A07

REF. A52

REF. A61

REF. A09

REF. A58

REF. A11

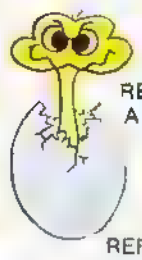
REF. A51

REF. A14

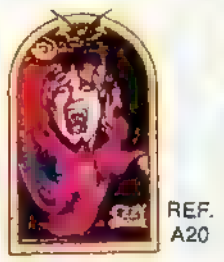
REF. A59

REF A16

REF A17

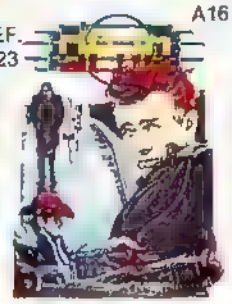

REF. A18

REF A56


REF. A20

REF. A57

REF. A55


REF. A23

REF. A53

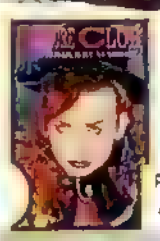
REF. A54

REF. A27

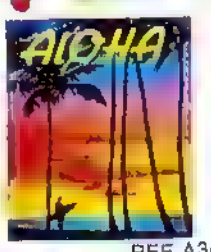
REF. A29

REF A30

REF A31


REF. A32

REF. A33



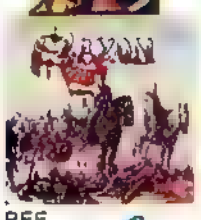
REF. A34

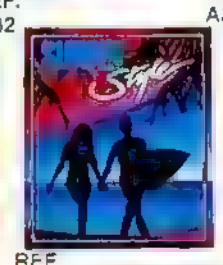
REF. A39

REF A40

REF. A36

REF. A41


REF A42


REF. A44

REF. A45

REF. A46

REF A47

REF. A62

REF. A63

REF A64

REF. A43

REF. A48

REF. A50

REF. A49

Atenção, não nos responsabilizamos por eventuais atrasos do correio.

Camisetas 100% algodão, nas cores da moda com corte e caimento perfeitos.
Passe a camiseta sempre pelo lado do avesso.

PREÇOS:

CAMISETAS
Brancas: Cz$ 78,00
Coloridas: Cz$ 80,00
Super adesivos das estampas: Cz$ 40,00
Medidas: 25 x 25 cm, em média

SUPER ADESIVOS
(No mesmo tamanho das estampas)

Enviamos separadamente para serem aplicados em: Livros, cadernos, móveis, janelas ou onde você quiser.

ATENÇÃO, Para pedir:

É só escolher a estampa (através da referência), assinalar se quer a estampa na frente ou nas costas da camiseta, escolher cor, tamanho e quantidade de camisetas. Mande seu pedido junto com este cupom; caso não queira estragar a revista faça o pedido em folha separada.

"MENCIONAR O NÚMERO DESTA EDIÇÃO"

Desconto Especial de 10%
Mandando dentro da carta cheque nominal à Hot Hits, vale postal ou ordem de pagamento.

Mande com os descontos já calculados.

Envie pedido e cheque nominal para:
HOT HITS ARTIGOS PARA O VESTUÁRIO LTDA.
Av. Santo Amaro, n.º 4438 - s/ 12 - CEP 04556 - SP Capital,
ou ordem de pagamento para a conta n.º 58141-0
Ag. 0120 - Bradesco - SP

REF.	COR	TAM	FRENTE	COSTAS

BIZZ 11

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

PUNKS

Gostaria de elogiar BIZZ pela coragem e pelo respeito que tem demonstrado pelos músicos punks, e pelo espaço na revista para o leitor punk. Só tenho uma crítica a fazer: é que vocês deveriam procurar dar espaço não só para as grandes bandas, mas também para as pequenas, que apesar de toda batalha não conseguiram seu lugar ao sol. Faço um *fanzine*, e gostaria de trocar correspondência com punks e não-punks sobre rock em geral, no Brasil e no exterior. **Carlos, Caixa Postal 56040, CEP 03999, São Paulo — SP.**

Neste número, Carlos, BIZZ escalou para a seção Porão dois grupos punks emergentes: o Lobotomia e o 365, ambos com seus discos de estréia no forno, além da matéria com os Inocentes.

TALKING HEADS

Gostaria de saber a discografia dos Talking Heads, especificando os discos lançados no Brasil. **Gilberto S. Barbosa, r. Oriente Monte, 455, CEP 09900, Diadema — SP.**

Os quatro primeiros discos da banda, Gilberto, não foram lançados aqui: 77 *(desse ano),* More Songs about Buildings and Food *(78),* Fear of Music *(79) e* Remain in Light *(80). Exceto o primeiro, eles foram produzidos por Brian Eno, que foi também o pivô da briga que separou temporariamente o grupo. Ainda em 80, David Byrne e Eno lançaram* My Life in the Bush of Ghosts, *um trabalho que vinham desenvolvendo paralelamente. Jerry Harrison, lançou um solo,* The Red and the Black, *em 81. Nesse mesmo ano, Tina Weymouth e Chris Frantz estrearam seu novo grupo, Tom Tom Club, no álbum homônimo. Em 82 saiu* The Name of This Band is Talking Heads, *uma coleção de gravações ao vivo* (Tom Tom Club *e essa coletânea saíram no Brasil).* Speaking in Tongues *(83) é o LP do retorno do grupo, sem a produção de Eno. Tom Tom Club continuou como banda paralela, lançando nesse ano* Close to the Bone. Stop Making Sense *é um novo disco ao vivo dos TH, gravado em 84, seguido por* Little Creatures *(85). Todos esses discos saíram aqui. Finalmente, David Byrne tem, em LP, duas trilhas sonoras:* The Catherine Wheel *(81), para um espetáculo de dança coreografado por Twyla Tharp, e* Music for the Knee Plays *(85), para um espetáculo de Robert Wilson,* ambas inéditas no Brasil.

MÚSICOS

Guitarrista procura músicos de ambos os sexos, idade mínima 18 anos, com imaginação e disposição para criar coisas novas, não se prendendo a rótulos. De preferência moradores do Rio ou proximidades. **William Wagner, r. General Oscílio, 369, CEP 21240, Rio de Janeiro — RJ.**

Sou roqueira e gostaria de formar banda de rock ou entrar em uma já formada, me encarregando dos vocais. Prefiro integrantes entre 18 e 24 anos, que morem em São Bernardo ou imediações. Interessados escrevam-me. **Sandra R. Stephitch, r. Pedro G. Sabatini, 165, CEP 09700, São Bernardo do Campo — SP.**

Procura-se guitarrista, baterista e tecladista que estejam interessados em formar uma banda. **Luciana Demeda, r. Isidoro Moretto, 1621, CEP 95100, Caxias do Sul — RS.**

Procuro um baterista, um baixista e um guitarrista-base entre 12 e 16 anos, para formar grupo. **Heitor, tel. 709-0223, Niterói — RJ.**

CORRESPONDÊNCIA

Tenho 20 anos e quero me corresponder com jovens brasileiros para troca de idéias e principalmente de fitas cassete, para eu conhecer o rock brasileiro, e vocês o de Portugal. **Antonio J. Palha, praceta Luís Ludovice, 7, 1.º Dto., 2 Damaia, CEP 2700, Amadora — PORTUGAL.**

Correspondência e amizade com pessoas de qualquer país que adorem U2, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Clash, Led Zeppelin ou punk-rock. **Hélio P. do Nascimento, r. Coronel Ribeiro, 137, CEP 64200, Parnaíba — PI.**

Troco correspondência com todo o pessoal que curte Rolling Stones, U2, Smiths. **Carlos Alberto, pça. Gabriel Martins, 39/602, CEP 86100, Londrina — PR.**

Estou interessado em manter contato com fãs do camaleão Bowie, para trocar discos, posters, vídeos, *buttons* etc. **Cláudio Gomes, Caixa Postal 52518, CEP 08000, São Paulo — SP.**

Gostaria de corresponder-me com pessoas que curtam Dire Straits e U2. **Jorge Nei E. da Luz, r. Francisco Motta Machado, 1507, CEP 82500, Curitiba — PR.**

Se você curte Camisa de Vênus, Ira!, Titãs ou a rainha Rita Lee, me escreva! **Odivaldo de Oleeveira, Caixa Postal 1546, CEP 09500, São Caetano do Sul — SP.**

FÃ-CLUBES

The Cure *Fã-Clube The Cure.* A/C Marcelo O. Rezende, r. Frei Caneca, 171/53, CEP 01307, São Paulo — SP.

Tears for Fears *Music for Spirit Club.* R. São Caetano, 160, CEP 93250, Esteio — RS.

Heavy Metal *Fã-Clube Metal Lyric.* R. Maria Celina, 78, CEP 04125, São Paulo — SP.

Duran Duran *Fã-Clube Duran Duran.* R. Mourato Coelho, 1430/32, CEP 05417, São Paulo — SP.

David Bowie *David Bowie Fã-Club.* A/C Rosa Kaji, r. Cubatão 158/12, CEP 04013, São Paulo — SP.

Beatles *The Beatles Club.* R. Villa Lobos 151, CEP 13970, Itapira — SP.

Smiths *Fã-Clube The Smiths.* A/C Josinan A. Bispo, r. Anísio Quintino Martins, 102-A, CEP 03276, São Paulo — SP.

Cólera *Fã-Clube Cólera.* Caixa Postal 8517, CEP 01051, São Paulo — SP.

PLACAR CONTA OS 72 ANOS DE HISTÓRIA DA SELEÇÃO

A partir de agora, ninguém mais terá dúvidas quanto à história da Seleção Brasileira.
A revista *Placar* está lançando uma edição super especial sobre os 72 anos de história da mais apaixonante seleção nacional deste planeta.
Muito mais que uma edição especial, *Placar* preparou para você o mais completo arquivo do futebol brasileiro.
São 132 páginas com mais de 200 fotos que trazem:

- As fichas de todos os 680 jogos da seleção.
- As maiores vitórias e as maiores derrotas.
- Os 971 jogadores que já atuaram na seleção.
- Os maiores artilheiros de todos os tempos.
- E muito mais!

A edição especial "Os 72 Anos de História da Seleção Brasileira" é um documento inédito, para ser lido, guardado e consultado a vida inteira.

Documento Inédito!

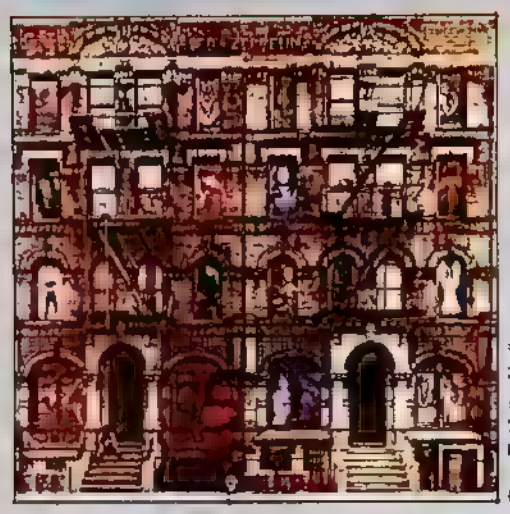


Foto Estúdio Abril

LED ZEPPELIN
Physical Grafitti (1975)

[redacted] Uma escolha que pode contrariar muita gente entre as viúvas do Led que ainda hoje habitam o planeta. Afinal, não existe nenhuma razão para se excluir de qualquer "discoteca básica" os *quatro* primeiros LPs do grupo.

Desde sua estréia em vinil, com *Led Zeppelin I* (68), o quarteto já traz todos os extremos para que aponta a gula estilística do maestro Jimmy Page — do rockabilly ao folk de raízes celtas, passando por blues épicos como tratores encharcados de combustíveis ilícitos. Sem contar, claro, com a cristalização do gênero que seria batizado como heavy metal (pelo que, talvez, a História nunca os perdoe).

Seja como for, *Physical Grafitti* foi o único disco que eu me arrependi de ter jogado fora quando — há uns cinco, seis anos — tive um acesso de limpeza provocado pela audição ininterrupta de Talking Heads e Joy Division e pelos ideais do levante de 77. É verdade — nesta fatídica data, eu doei a coleção completa do Led, e só não tinha nenhum pirata por falta de grana. Eles viraram, de fato, os Judas favoritos dos punks — do sexismo arrogante de Robert Plant e do virtuosismo de Page ao sucesso medido em pilhas de platina, representavam tudo o que havia de errado com o rock'n'roll na primeira metade da década de 70.

Noutra data fatídica, porém, eu simplesmente tive de entrar na primeira lojinha de discos para comprar um *Physical Grafitti* novo em folha, antes que a saudade matasse.

Está lá, levada às *últimas* conseqüências, a potência monolítica porém filigranada que sempre foi o segredo e o veneno da banda. Junto com o momento máximo do *produtor* Jimmy Page — e é aí que a porca chamada História torce o rabo.

Contemporâneo e amigo de Beck e Clapton uns cinco anos antes de entrar para os Yardbirds, Jimmy — por motivos de saúde — não foi pulando para dentro da primeira banda de blues psicodélico que passou pela porta de sua casa. Ao contrário, fez carreira como músico de estúdio até aperfeiçoar-se como arranjador e produtor de grupos como os Stones, os Kinks e o Who. Sem nenhum crédito por isso, é bem provável que tenha sido o legítimo criador do rhythm'n'blues *mod*(erninho) que a velha Inglaterra espalhou para o mundo no começo dos 60. O que já bastaria para colocá-lo pau a pau com Hendrix entre os guitarristas de sua geração.

Quando entrou para o Led, portanto, Jimmy não só tocava como um demônio — fosse com a palheta, com os dedos ou com seu arco de violino —, como conhecia estúdios e eletrônica musical de A a Z. Foi o homem, enfim, que introduziu no rock o *theremin* — instrumento eletrônico da década de 30, deixado às traças com a invenção do sintetizador.

Sobrepondo guitarras e guitarras com timbres tratados diferentemente, criou um turbilhão wagneriano que atinge o gozo final nos três *tours-de-force* monumentais de *Physical Grafitti*. "Kashmir" e "In the Light" atacam escalas orientais com performances demolidoras dos exagerados Plant e Bonham, contrabalançadas pela finesse climática de John Paul Jones no baixo e — principalmente nessas duas faixas — nos teclados. A terceira, "In My Time of Dying", era um belo spiritual recuperado por Bob Dylan. Era, porque a bordo do "zepelim de chumbo" se transforma numa exaltação simultaneamente heróica e debochada, com o histriônico Plant implorando aos berros pela presença de Jesus e do Arcanjo Gabriel. Paroxismo é isso aí, principalmente para uma garganta acostumada a simular orgasmos múltiplos.

Junto a rocks concisos e musculosos como "Custard Pie" e "Trampled Underfoot", não precisava mais. Aí o grupo resolveu acoplar sobras dos LPs anteriores — algumas, meras *jams* —, transformando *Physical Grafitti* num álbum duplo que não tem (surpresa!) sequer um sulco supérfluo. —*J.A.L.*

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard da Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Longgio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Consultores Especiais: Alex Antunes, José Augusto Lemos
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucci
Assistente de Redação: Sônia Maia
Chefe de Arte: Cristina Canabrava Arruda; **Chefe de Paginação:** Rodolfo Tucci, **Diagramador:** Cleber V. Garcia
Produtor de Texto: Jorge Toth
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Colaboradores: Alfredo Borba Jr., Arthur G. Couto Duarte, Bia Abramo, Claudette Poodle, Eva Joory, José Eduardo Mendonça José Emílio Rondeau, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marco Antonio de Menezes (New York), Pepe Escobar (Londres), Silvano Michelino (Paris), Thomas Pappon, Tom Leão. **Fotos:** Ângelo Pastorello, Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Luís Crispino, Rudy A. Louro, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Miriam Miloni. **Escritórios - Milão:** Laura Censi, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 331585 e 332809. **Nova York:** Odilio Licatti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237670, Phone: (212) 5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRIL-PA 660731
Departamento de Documentação - Gerente: Auta Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Gerente Comercial: Sandra Camelier
Gerente de Publicidade e Promoções: Carlos Alberto F. de Araujo
São Paulo - Supervisor de Publicidade: Ricardo Corte Real
Representante: Marcia A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima
Assistente de Promoções: Ana Lúcia Dip Delion
Rio - Supervisor de Promoções: Fernando Mendonça; **Representante:** Lídia Camarate
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Ângelo A. Cost
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Aloysio Canetti Filho
Porto Alegre: Elcanho Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Ribeirão Preto: Hélio Scavone Jr.
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anuncios para Terceiros: Vitório Cestaroli Filho
Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso
Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário. Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guarisoni
Diretora de Pesquisa e Analise de Mercado: Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

Bizz é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel.: (011) 545-8122. Telex (011) 23227, 23322 e 24134. Caixa Postal 2372, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê 213, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511. **Escritórios - Belo Horizonte:** r. Amores 388, 2.º andar, salas 201 a 208, CEP 30000, tel.: (031) 224-4855. Telex: (031) 1085, **Brasília:** SCS - Quadra 1, Bloco 1, n.º 30, Edifício Central, 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: (061) 224-9150, Telex: (061) 1464. Telegramas: Abrilpress. **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 05 e 06, CEP 80000, tel.: (041) 262-8833, Telex: (041) 5278; **Florianópolis:** r. Osmar Cunha, 15, Bloco A, 2.º andar, sala 214, CEP 88000, tel.: (0482) 22-7826. **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 3060, salas 516 e 518, CEP 60000, tel.: (085) 224-0410. Telex: (085) 1607. **Porto Alegre:** av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 a 308, CEP 90000, tel.: (0512) 33-2899, Telex: (051) 1092. Telegramas: Abrilpress. **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel.: (081) 224-0977. Telex: (081) 1184. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 295-5282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress; **Salvador:** r. Itabuna, 304, CEP 40000, tel.: (071) 247-3999, Telex: (071) 1180. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas, se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados**, ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

P R O M O Ç Ã O

GANHE 1000 LPs

Esta é a sua chance de ganhar LPs sensacionais da música internacional, numa incrível promoção da revista BIZZ e a gravadora RCA.

São 1000 LPs e você pode ganhar um deles, respondendo a pergunta referente ao LP de sua preferência.

As primeiras respostas certas que chegarem à redação de BIZZ serão premiadas e o importante é a data de postagem de sua carta.

Leia atentamente as instruções ao lado e mande sua resposta para a BIZZ o mais rápido possível.

Boa Sorte!

1 - Culture Club - **From Luxury to Heartache** (RCA) - 250 LPs

A banda inglesa **Culture Club** chega ao quarto LP, depois de uma movimentada excursão pelo mundo. Qual o nome verdadeiro do badalado e polêmico vocalista Boy George?

INSTRUÇÕES

1 - Indique no cupom o LP que você quer ganhar.
2 - Responda a pergunta correspondente ao LP e preencha ou copie os outros dados do cupom.
3 - Não esqueça de mandar seu nome e endereço completos.
4 - Faça apenas um pedido por cupom.
5 - Os vencedores serão avisados por carta e receberão seu LP pelo correio.

4 - Julian Lennon - **The Secret Value of Daydreaming** (RCA) - 250 LPs

Depois de vender mais de dois milhões de cópias no mundo inteiro, este é o segundo LP de **Julian Lennon,** filho do ex-beatle John. Qual o nome da mãe de Julian?

2 - Simple Minds - **Once Upon a Time** (RCA) - 250 LPs

O **Simple Minds** apresenta *Love,* seu novo LP, depois de alcançar o primeiro lugar da parada americana com "Dont'You (Forget About Me)". Qual a nacionalidade da banda?

3 - The Cult - **Love** (RCA) - 250 LPs

Misturando várias influências da música dos anos 60 e um visual com toques psicodélicos, a banda **The Cult** lança o segundo LP. Qual o nome do seu vocalista?

Neste quadrado você coloca o número referente ao LP que deseja ganhar ☐ Edição N.º 11

Resposta: ______________________________

Você já participou de alguma promoção da revista BIZZ? **Sim ☐** **Não ☐**

Nome ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐

Endereço ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐

Cidade ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐ **Estado** ☐☐ **CEP** ☐☐☐☐☐ **Sexo** ☐

Telefone ☐☐☐☐☐☐☐ **Bairro** ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐ **Idade** ☐☐

Envie para BIZZ

PROMOÇÃO
"GANHE 1 000 LPs"
CAIXA POSTAL 2372
CEP 01000 -
SÃO PAULO - SP

Claudette Poodle

& SUA POLAROID

O **Wham!** pode ter chegado ao fim de sua insossa carreirinha, mas isso não quer dizer que a China vá ficar sem uma dupla pop de renome mundial para abarrotar seus teatros. Isso porque lá estiveram, em abril, **Milionário & José Rico** exibindo aos chinas todo o charme e o veneno do *country* brasileiro. As "tias fofinhas" **Curt Smith** e **Roland Orzabal** estão dando urros e urros primais de inveja.

Punks, pós-punks, derivados e efeitos colaterais se encaminharam, também em abril, para uma festinha do grupo **Lobotomia.** A recepção deu-se num palacete com piscina do Alto de Pinheiros, um dos mais finos e um dos únicos arborizados bairros da metrópole de **Jânio.** Para "abrilhantar" a noitada, um show do grupo Lobotomia (claro), que acabou dançando porque o guitarrista **Aderbal** se declarou "cansado". Já dizia o **Língua de Trapo:** "Como é bom ser punk!" Já **Pelé** e **Claudette Poodle** recomendam: "Tenta Vitasay, Aderbal!"

Dizem que depois da crise de consciência que fez o **Paralamas do Sucesso** parar de chupar o **Police** e atacar de **Jorge Ben** e **Gilberto Gil,** o próximo a virar sambista é um tal de **Leonardo Jaime.** Enquanto os veneráveis **Cartola** e **Nelson Cavaquinho** rodopiam nos respectivos túmulos, Claudette Poodle recomenda: neste inverno, dance a valsa vienense.

A dona Solange da New Republic, que atende pela sugestiva alcunha de **Coriolano,** não se contentou em barrar o ilustre **Jean-Luc Godard.** O afoito defensor da tesoura e da etiqueta vetou a composição do mano **Caetano** que encerraria o duelo de comadres que ele e seu amigo **Erasmo Car...,** quer dizer, **Chico B. de Holanda** travaram em vídeo em cadeia nacional. Depois ainda dizem que esta republiqueta é um "efervescente caldeirão cultural". O que pinta de novo, a gente metemos a faca.

Outra esquecível noitada paulistana foi a estréia dos D.J.s ex-Madame Satã **Marquinhos** e **Magal** na biboca (copyright J. Emilio Rondeau) batizada de Anny 44. A dupla fez jus à sua fama de tocar apenas o supra-sumo do creme da nata. Agora, a freqüência do local... punk de butique eu até entendo, afinal o movimento começou numa lojinha de modelitos extravagantes chamado **Sex.** Agora, dark de butique é jogo duro. Não confundam "canal da Mancha" com "mancha no Chanel", é o conselho desta escriba que vos fala, tutela e ensina. A alma de **Ian Curtis** vos assombrará por toda a eternidade.

JOGO DOS SETE ERROS

Foto Neal Preston/ LFI

Foto Abril

MÊS QUE VEM NA BIZZ: SUPEREDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

COM MAIS PÁGINAS PARA VOCÊ!

ELTON JOHN

ICE ON FIRE

MAIS DE CEM MIL DISCOS VENDIDOS NO BRASIL!

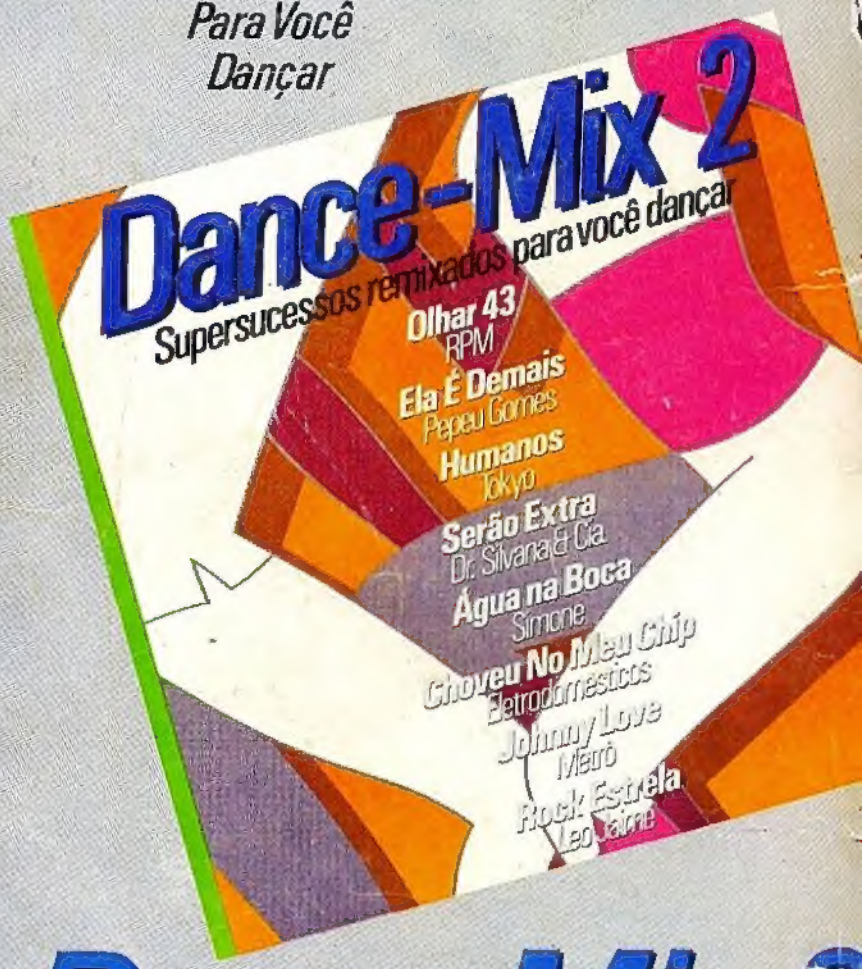
PARABÉNS, ELTON!
SEU SUCESSO ACABA DE SER
PREMIADO COM UM
DISCO DE OURO.

PolyGram

PolyGram do Brasil Ltda.

DANCE

Super
Sucessos
Remixados
Para Você
Dançar



Dance Mix 2

Ou você dança...
ou você dança!

EM DISCOS E FITAS

CBS
RECORDS